

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO PÚBLICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE - MGP**

DIEGO GUEDES RODRIGUES DOS SANTOS

**ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE O
PERFIL PSICOSSOCIAL DOS ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AGRESTE DE PERNAMBUCO**

Recife, 2020

DIEGO GUEDES RODRIGUES DOS SANTOS

**ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE O
PERFIL PSICOSSOCIAL DOS ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AGRESTE DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Pública.

Orientador: Dr. Francisco Jatobá de Andrade

Recife, 2020

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

- S237a Santos, Diego Guedes Rodrigues dos
Atendimento psicológico no ensino superior: um estudo sobre o perfil psicossocial dos estudantes na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco / Diego Guedes Rodrigues dos Santos. – 2020.
143 folhas: il. 30 cm.
- Orientador: Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade.
Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2020.
Inclui referências, apêndices e anexos.
1. Psicologia escolar. 2. Estudante universitário – Condições psicossociais. 3. Atendimento psicológico. I. Andrade, Francisco Jatobá de (Orientador). II. Título.
- 351 CDD (22. ed.) UFPE (CSA 2021 – 044)

DIEGO GUEDES RODRIGUES DOS SANTOS

**ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE O
PERFIL PSICOSSOCIAL DOS ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AGRESTE DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Pública.

Aprovada em: 21/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Rayane Maria de Lima Andrade - Examinadora Externa
Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque - Examinador Externo
Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPE)

Dedico este trabalho aos meus pais, Ana e Florisval; meu irmão Danilo; minha esposa
Manuela bem como a todos os meus familiares e amigos que sempre torceram por mim.

Essa vitória é pra vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido a oportunidade de passar em uma seleção de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Agradeço a Deus por ter me protegido em todas as vezes que tive que me deslocar de carro para assistir as aulas em Recife, saindo todas as sextas, as 5h da manhã, e voltando aos sábados, às 17h, chegando em Garanhuns por volta de 20h, durante 1 ano. Muito cansativo, mas, por fim, gratificante!

Agradeço a Deus também por todas as vezes que saía das aulas para passear em um *shopping* diferente em Recife (rsrsrsrs), fosse para ir ao cinema, comer bem como pelas vezes que coincidia com jogos do meu Sport (PST!).

Agradeço a meus pais que sempre rezaram para que eu pudesse viajar em paz, ter êxito em todas as coisas que almejei conquistar na minha vida e, principalmente, por todo amor recebido. Amor incondicional!

Agradeço ao meu irmão Danilo, que mesmo de longe, sei que torce por minhas conquistas.

Agradeço a minha esposa, Manuela, que sempre esteve ao meu lado, inclusive assistindo à aula no MGP. Obrigado por todo amor, cuidado, companheirismo que sempre prestou para que eu conseguisse chegar até aqui, tanto no primeiro ano do curso (onde tivemos que abdicar de estarmos juntos para que eu pudesse assistir às aulas) quanto no segundo (onde, praticamente, somente vivi para terminar a dissertação e, mesmo assim, sempre esteve me apoiando). Essa vitória é nossa!

Agradeço a minha Tia Valda Rodrigues que me acolheu todas as sextas-feiras em seu apartamento, com todo amor e carinho. Minha eterna gratidão!

Agradeço ao prof. Airon Aparecido, atualmente reitor *pro-tempore* da UFAPE, Renato Ferro, Valdeline, enfim, a todos os colegas da instituição bem como aos meus colegas do setor da Assistência Estudantil da UFAPE (Joselya, Ozias, Emanuelle e Jesiel), pelo apoio nesta conquista, principalmente durante o período da pandemia.

Agradeço também aos colegas da UFAPE, Marlon, Nadja, e Wagner pela disponibilidade em tirar dúvidas bem como dispor de seus trabalhos acadêmicos para me auxiliar, os quais tive o prazer de citá-los nesta obra.

Agradeço, imensamente, ao professor Francisco Jatobá pela disponibilidade em me orientar, onde, em nossa primeira conversa, já pude perceber o quanto poderia me ajudar de

forma qualificada, respeitosa com vistas ao aprimoramento da pesquisa. Minha eterna gratidão ao senhor! Excelente orientador!

Agradeço a banca de qualificação, Professora Rayane e Professor Arthur que me fizeram “colocar os pés no chão” para que eu pudesse ter condições de fazer este trabalho, realizando os apontamentos necessários para que eu chegasse até aqui.

Agradeço aos demais familiares e amigos que, mesmo de longe, torceram por esta conquista.

Agradeço a turma 16 do MGP/UFPE por todo acolhimento que sempre tive, durante o período de aulas, pelas interações, risadas, partilhamento da camadinha (rsrsrs).

Agradeço a cada professor com quem pude estar aprendendo nas disciplinas. Meu carinho a todos eles!

Agradeço a colega psicóloga Cláudia Dallagnol de Chapecó/SC, pois não nos conhecíamos, mas, pela proximidade da temática, procurei-a e tivemos uma videochamada muito produtiva discutindo ideias sobre meu trabalho.

Agradeço também a minha eterna colega de graduação e atual professora da UFRPE/UAST, professora Roseane Amorim, a qual se disponibilizou a me ajudar, mesmo em meio às aulas remotas, sempre pontuando com o olhar de psicóloga.

Agradeço, enormemente, também a Dilma e a Flávia (amigos da BR-232). Em especial, a minha colega de trabalho e amiga Flávia Reino por me acompanhar em toda trajetória Garanhuns-Recife/Recife-Garanhuns, durante o período de aulas. Como foram bons os cafés na North Bolos, os almoços na padaria da Várzea e as jantas no Rei das Coxinhas ou em São Caetano, sem esquecer as inúmeras histórias como a do queijo não pago e depois feito o pagamento em 15 dias (rsrsrsrs). Agradeço também, por todas as conversas, pois não parávamos, tanto nas idas e quanto nas voltas, o que ajudava a passar mais rápido o tempo das viagens. Meu agradecimento!

Por fim, agradeço pelas 5 vezes que recebi não, em outros processos seletivos para mestrado, pois só me fizeram valorizar ainda mais o sim que conquistei, fruto do meu empenho e do sonho de materializar esta pesquisa que sempre tive a vontade de realizar.

“Custe o que custar”

Steven Rogers (Capitão América)

Vingadores: Ultimato (MARVEL Studios, 2019)

RESUMO

Nas duas últimas décadas, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) têm passado por diversas transformações, onde, por meio do investimento em políticas públicas de expansão, democratização de acesso, ações afirmativas e de permanência, tem-se percebido mudanças quanto ao perfil estudantil - passando de um viés, por muito tempo, elitista para um perfil mais inclusivo, com o ingresso de grupos de estudantes que estiveram à margem deste nível de ensino. Contudo, ao que parece, as universidades não foram preparadas para tais transformações, não sabendo acolher estes novo público estudantil. Por outro lado, a vivência universitária tem sido apontada, pelos discentes, como geradora de sofrimento psíquico bem como já existem estudos que indicam o aumento dos índices de adoecimento mental entre o público universitário. Neste contexto, surgem novos desafios para as universidades, onde, entre estes, na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), emerge o aumento da busca por atendimento psicológico. Assim, este trabalho teve por objetivo geral construir um perfil psicossocial dos estudantes atendidos pelo psicólogo da Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão (COGESTI) da UFAPE tendo como objetivos específicos: Estruturar, através dos registros dos atendimentos psicológicos, banco de dados com série histórica entre Março/2016 e Dezembro/2019; Caracterizar, considerando a base de dados sistematizados, um perfil psicossocial dos discentes da graduação atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPE; e Categorizar, com base nas fichas dos atendimentos e a partir de possíveis características chave, as queixas psicológicas apresentadas pelos estudantes ao longo do período de tempo definido. O referencial teórico foi constituído pelo cenário da educação superior pública federal, nas duas últimas décadas, incluindo o surgimento da antiga Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), atual UFAPE; as dificuldades vivenciadas pelo graduando durante sua trajetória acadêmica; um retrato da saúde mental entre os discentes da educação superior; e o perfil psicossocial do estudante que busca atendimento psicológico nas universidades. Foram utilizadas as técnicas de pesquisa do tipo documental, exploratória-descritiva com enfoque quantitativo e aspectos mistos. Como instrumento de coleta, foram utilizados os registros dos atendimentos psicológicos, entre 2016 e 2019, sendo contabilizados 362 estudantes atendidos e 930 atendimentos. Vale destacar que os nomes dos discentes foram substituídos por números com o sentido de preservação do sigilo. Foi utilizado programa de análise estatística (*Statistical Package for the Social Sciences*) para tabulação dos dados. Os resultados mostraram que a caracterização do graduando, que busca atendimento psicológico no ensino superior, converge com o perfil psicossocial do estudante atendido na UFAPE. Entre outras características semelhantes, constaram a predominância do sexo feminino; idade entre 18 e 22 e de cursos de formação de profissional de saúde. Quanto às demandas psíquicas apresentadas, as mais incidentes tiveram relação com a vivência universitária. Nas considerações finais, são citadas as limitações, contribuições bem como sugestões, direcionadas à gestão da instituição. Almeja-se que este estudo possibilite o aumento do conhecimento sobre o estudante da UFAPE, com vistas à elaboração de estratégias para melhoria do ambiente acadêmico, assim também como inspiração para novas pesquisas relacionadas ao tema, principalmente por parte de psicólogos que atuam nas universidades e institutos federais.

Palavras-chave: Psicologia Escolar no Ensino Superior. Estudante Universitário. Atendimento Psicológico. Assistência Estudantil. Saúde Mental.

ABSTRACT

In the last two decades the Federal institutions of High Education (IFES) has passed for a good amount of changes were through investment in public expansion policies, democratization of access, affirmative and on-call actions had been noticing changes on the student profile. Going from a bias for to long elitist for a more inclusive profile with the entry of students who have been used with this type of education. However can be observed the universitys hasn't been properly prepared for those changes not knowing how to welcome the new crowd of students. On the other hand the university lifestyle has been pointed out by the students as generator of psychological suffering as well as there have already been studies that indicated increases in the rates of mental illnesses among the university public. In this context surge new challenges for the universitys where on those in the (Univesidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)) emerge the search for psychological treatment. That way this work has the objective of building a psychosocial profile of the students assisted by the psychologist of (Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão (COGESTI) of UFAPE) having specific objectives: Structure, through the records of psychological care a database with a historical records between MARCH/2016 and DECEMBER/2019. Characterize, considering the systematized database a psychosocial profile of the students assisted by the psychologist of (COGESTI/UFAPE) and categorize based on the attendance forms and from possible key characteristics the psychological complaints presented by the students over the defined period of time. The theoretical framework was constituted by the scenario of federal higher education in the last two decades including the emergence of the old (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG) the new UFAPE) the difficulty experienced by the students during their college run a portrait of mental health among higher education students and the psychosocial profile of the students who seeks psychological care in universitys. Were utilize descriptive exploratory documetary searches techniques with quantitative hanging and mixed aspects having as a collection instrument records of psychological care between 2016 and 2019 was accounted for 362 students assisted and 930 sessions. Important highlight the names of the students was changed by numbers to preserve secrecy. Was utilized a statistic analysis program (Statistical Package for the Social Sciences) for data. The results showed the characteristic of the higher education students searching for psychological treatment converge with the psychosocial profiles of the students assisted at UFAPE. Other similar characteristics shows a predominancy of females between 18 and 24, health curses predominantly. As for the psychic demands presented the most incident where related to the university experience. In the final considerations are quoted the limitations, contribution as well as some suggestions directed to the management of the UFAPE. Finally, it's hoped that this study will enable increased knowledge about UFAPE students with a view to developing strategies to improve the academic environment as well as inspiration for new research related to the subject, especially by psychologist working in universitys and federal institutes.

Keywords: School Psychology in High Education. University Student. Psychological Assessment. Student Counseling. Mental Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição dos estudantes assistidos pela Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão (PROGESTI) quanto ao tempo assistido por algum dos serviços oferecidos	25
Figura 2 – Causas do Baixo Desempenho Acadêmico dos Estudantes Assistidos Acompanhados em 2018	48
Gráfico 1 – Alunos originários de Serra Talhada e de outras cidades.....	40
Gráfico 2 – Respostas à pergunta “Você sofre com algum dos transtornos abaixo?”	59
Gráfico 3 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Ano de atendimento.....	75
Gráfico 4 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Sexo	76
Gráfico 5 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Modalidade de Ingresso (Cotista ou Não).....	78
Gráfico 6 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de cota	80
Gráfico 7 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por estudante	81
Gráfico 8 – Mês do primeiro atendimento psicológico entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por estudante	83
Gráfico 9 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por mês	84
Gráfico 10 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Idade	87
Gráfico 11 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Naturalidade (Cinco maiores frequências)	88
Gráfico 12 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Região de nascimento.....	90
Gráfico 13 – Mapa dos estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Cidade onde mora.....	92
Gráfico 14 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Mora na residência universitária.....	93

Gráfico 15 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Período	96
Gráfico 16 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Curso	98
Gráfico 17 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Recebe bolsa estudantil.....	100
Gráfico 18 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de bolsa estudantil	102
Gráfico 19 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Origem da demanda	104
Gráfico 20 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Histórico de acompanhamento em saúde mental	105
Gráfico 21 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de acompanhamento realizado	106
Gráfico 22 – Queixas psicológicas apresentadas durante os atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape.....	110
Gráfico 23 – Tipos de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape.....	111
Gráfico 24 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Solicitação de retorno	112
Gráfico 25 – Locais de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape.....	113
Gráfico 26 – Finalidade dos encaminhamentos referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Número de atendimentos psicológicos aos estudantes da UFAPE entre 2016 e 2019	24
Tabela 2 –	Panorama da expansão universitária entre 2002 e 2014.....	31
Tabela 3 –	Vagas, ingressos e concluintes em cursos de graduação presenciais em universidades federais Brasil – 2000-2015.....	36
Tabela 4 –	Características das origens do ensino médio dos respondentes (em %).....	43
Tabela 5 –	Suporte oferecido durante o ensino superior (em %)	44
Tabela 6 –	Escolaridade dos pais (em %).....	45
Tabela 7 –	Dificuldades emocionais que interferem na vida acadêmica nos últimos doze meses, 2018 (%)	55
Tabela 8 –	Dificuldades emocionais de estudantes das IFES nos anos 2010, 2014 e 2018	56
Tabela 9 –	Perfil dos participantes da pesquisa.....	67
Tabela 10 –	Motivo(s) da procura pelo serviço de Psicologia na instituição	67
Tabela 11 –	Sintomas percebidos pelos estudantes que motivaram a buscar o atendimento psicológico.....	68
Tabela 12 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Ano de atendimento	74
Tabela 13 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Sexo.....	76
Tabela 14 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Modalidade de Ingresso (Cotista ou Não)	77
Tabela 15 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Tipo de cota.....	79
Tabela 16 –	Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por estudante - Estatísticas descritivas	80
Tabela 16. 1 –	Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por estudante.....	81
Tabela 17 –	Mês do primeiro atendimento psicológico entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por estudante.....	82

Tabela 18 –	Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por mês	84
Tabela 19 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Idade – Estatísticas descritivas.....	85
Tabela 19. 1 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Idade.....	86
Tabela 20 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Naturalidade (Cinco maiores frequências)	88
Tabela 21 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por UF de nascimento (Cinco maiores frequências)	89
Tabela 22 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Cidade onde mora (Cinco maiores frequências)	90
Tabela 23 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Mora na residência universitária.....	93
Tabela 24 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Período – Estatísticas descritivas.....	94
Tabela 24.1 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Período	95
Tabela 25 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Curso	97
Tabela 26 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Recebe bolsa estudantil.....	99
Tabela 27 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de bolsa estudantil	101
Tabela 28 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Origem da demanda	103
Tabela 29 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Histórico de acompanhamento em saúde mental	104
Tabela 30 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de acompanhamento realizado .	106

Tabela 31 –	Queixas psicológicas apresentadas durante os atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape	107
Tabela 32 –	Tipos de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape	111
Tabela 33 –	Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Solicitação de retorno.....	112
Tabela 34 –	Locais de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape	113
Tabela 35 –	Finalidade dos encaminhamentos referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape	114

|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAA	Centro Acadêmico do Agreste
CAP	Centro de Atendimento Psicológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPSad	Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas
CAPS/Flores	Centro de Atenção Psicossocial das Flores
CCJE	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
CCMN	Centro de Ciências da Matemática e da Natureza
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEP/UFPE	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CGR	Coordenadoria de Gestão de Residência Universitária
CLA	Centro de Letras e Artes
COAA	Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico
COAP	Coordenadoria de Apoio Psicossocial e Pedagógico
COGESTI	Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão
COGESTI/UAG	Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Unidade Acadêmica de Garanhuns
COGESTI/UFPE	Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
CONSU/UFRPE	Conselho Universitário Superior da Universidade Federal Rural de Pernambuco
CPPA	Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CT	Centro de Tecnologia
CTA	Conselho Técnico Administrativo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FCC	Fórum de Ciência e Cultura
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
GRAPAL	Grupo de Assistência Psicológica ao Aluno
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PAD	Programa de Apoio ao Discente
PAG	Programa de Apoio a Gestante
PAI	Programa de Apoio ao Ingressante
PIC	Programa de Incentivo à Cultura
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPAPA	Programa de Pronto-Atendimento Psicológico ao Aluno
PPE	Programa de Promoção ao Esporte
PROGESTI	Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão
PROGESTI/UFRPE	Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal Rural de Pernambuco
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PRUG	Programa de Residência Universitária para a Graduação
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAP/UPE	Serviço de Atenção Psicológica da Universidade de Pernambuco
SIC	Serviço de Informação ao Cidadão
SIGA	Sistema de Informações e Gestão Acadêmica
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SUS	Sistema Único de Saúde
UAST	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UF	Unidade da Federação
UFAPE	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRPE/UAG	Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	JUSTIFICATIVA	23
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO	27
1.3	OBJETIVOS	28
1.3.1	Objetivo Geral.....	28
1.3.2	Objetivos Específicos	29
2	REVISÃO TEÓRICA	30
2.1	O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA FEDERAL NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS.....	30
2.1.1	UFAPÉ: da primeira unidade acadêmica surgida no interior a uma nova universidade federal	39
2.2	AS DIFICULDADES VIVENCIADAS PELO GRADUANDO DURANTE SUA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	46
2.3	UM RETRATO DA SAÚDE MENTAL ENTRE OS DISCENTES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	51
2.4	O PERFIL PSICOSSOCIAL DO ESTUDANTE QUE BUSCA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NAS UNIVERSIDADES	61
3	METODOLOGIA	70
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	74
4.1	ANO DE ATENDIMENTO	74
4.2	SEXO	76
4.3	COTISTA.....	77
4.3.1	Se sim, qual tipo de cota	79
4.4	NÚMERO DE ATENDIMENTOS	80
4.5	MÊS DOS ATENDIMENTOS	82
4.5a	Mês do primeiro atendimento por estudante.....	82
4.5b	Número de atendimentos por mês	84
4.6	IDADE	85
4.7	NATURALIDADE.....	88
4.8	UF DE NASCIMENTO.....	89
4.9	CIDADE ONDE MORA	90
4.10	MORA NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA	93

4.11	PERÍODO	94
4.12	CURSO	97
4.13	RECEBE BOLSA ESTUDANTIL	99
4.13.1	Se sim, qual tipo de bolsa estudantil.....	101
4.14	ORIGEM DA DEMANDA	103
4.15	HISTÓRICO DE ACOMPANHAMENTO EM SAÚDE MENTAL.....	104
4.15.1	Tipo de acompanhamento realizado	106
4.16	QUEIXAS PSICOLÓGICAS APRESENTADAS	107
4.17	TIPOS DE ENCAMINHAMENTO	111
4.18	SOLICITAÇÃO DE RETORNO.....	112
4.19	LOCAIS DE ENCAMINHAMENTO	113
4.20	FINALIDADE DOS ENCAMINHAMENTOS	114
4.21	O PERFIL PSICOSSOCIAL DO ESTUDANTE QUE PROCURA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFAPÉ	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS.....	123
	APÊNDICE A – MODELO DE PLANILHA DE DADOS DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS.....	134
	APÊNDICE B – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFAPÉ – POR NATURALIDADE	135
	APÊNDICE C – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFAPÉ – POR UF DE NATURALIDADE	137
	APÊNDICE D – MAPA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFAPÉ – POR UF DE NATURALIDADE	138
	APÊNDICE E – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFAPÉ – POR CIDADE ONDE MORA	139
	APÊNDICE F – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES - QUEIXAS PSICOLÓGICAS APRESENTADAS	140
	APÊNDICE G – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES – LOCAIS DE ENCAMINHAMENTO.....	141

APÊNDICE H – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES – FINALIDADE DOS ENCAMINHAMENTOS.....	142
ANEXO A - LEGENDA DE AÇÕES AFIRMATIVAS.....	143

|

1 INTRODUÇÃO

A educação superior pública federal, nos últimos tempos, foi se reconfigurando, partindo de um público estudantil, por muito tempo, elitista para um novo perfil de graduando, em função do investimento em políticas públicas de expansão, democratização de acesso, ações afirmativas e de permanência, as quais implicaram na interiorização das universidades; ingresso de grupos, historicamente, excluídos do ensino superior (negros, indígenas, quilombolas, indivíduos em vulnerabilidade social, pessoas com deficiência, advindos de escola pública); programas de bolsas estudantis e oferta de serviços com vistas a melhoria das condições de permanência do discente, entre outras implicações (MEDEIROS, 2017; COSTA; NEBEL, 2018; TREVISOL; NIEROTKA, 2016).

Por outro lado, diversos estudos mostraram que as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), aparentemente, não foram aprimoradas para tais mudanças e, por consequência, não sabendo acolher este novo público estudantil.

Acompanhando estas transformações e possíveis efeitos no ensino superior, consta que, a vivência universitária tem sido apontada, pelos discentes, como geradora de sofrimento psíquico bem como já existem estudos que indicam o aumento dos índices de adoecimento mental entre o público universitário (OLIVERIA *et al.*, 2019; COSTA; NEBEL, 2018).

Neste cenário, emergiram novos desafios para as instituições, onde, dentre estes, está a busca por atendimento psicológico, pelo estudante, na educação superior (PAULA, 2017; MOURA; FACCI, 2016; SARAIVA; QUIXADÁ, 2010; MARINHO-ARAÚJO, 2016).

Neste contexto, a partir do aumento do número de atendimentos psicológicos aos estudantes da antiga Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), atual Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFape), entre 2016 e 2019, bem como das diversas queixas que estes reportavam, fez com que despertasse neste pesquisador - e também psicólogo atuante na Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (COGESTI/UFape¹) - o desejo de realizar a presente obra.

¹Considerando que a Coordenadoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Unidade Acadêmica de Garanhuns (COGESTI/UAG) era o nome do setor, anteriormente, para este estudo, os nomes Assistência Estudantil da UFape; Assistência Estudantil/UFape, COGESTI/UFape e similares são considerados sinônimos, representando o setor da Assistência Estudantil da instituição. Esta decisão fora tomada em virtude do processo de tutoria entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e a UFape (o qual será melhor detalhado na Revisão Teórica, subtópico 2.1.1), estando esta última em processo de emancipação, trabalhando na construção de seu organograma e, conseqüente, definição do nome do setor correspondente a Assistência Estudantil da nova IFES.

Assim, esta pesquisa teve por objetivo geral construir um perfil psicossocial dos estudantes atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFPE, tendo como objetivos específicos: Estruturar, através dos registros dos atendimentos psicológicos, banco de dados com série histórica entre Março/2016 e Dezembro/2019; Caracterizar, considerando a base de dados sistematizados, um perfil psicossocial dos discentes da graduação atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFPE; e Categorizar, com base nas fichas dos atendimentos e a partir de possíveis características chave, as queixas psicológicas apresentadas pelos estudantes ao longo do período de tempo definido.

Enquanto embasamento teórico, este foi dividido em 4 capítulos: o primeiro, apresentando o Cenário da Educação Superior Pública Federal nas duas últimas décadas, incluindo o surgimento da antiga UFRPE/UAG e atual UFPE; o segundo, trazendo as dificuldades vivenciadas pelo graduando durante sua trajetória acadêmica; o terceiro, mostrando um retrato da saúde mental entre os discentes da educação superior; e, por fim, o quarto, constando o perfil psicossocial do estudante que busca atendimento psicológico nas universidades.

Quanto à proposta metodológica, foram utilizados os métodos de pesquisa do tipo documental e descritiva (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008). Tendo como instrumento de coleta os registros dos atendimentos psicológicos realizados, entre 2016 e 2019 foram contabilizados 362 estudantes atendidos e 930 atendimentos realizados no período. Vale destacar, contudo, que os nomes dos discentes foram substituídos por números com o sentido de preservação do sigilo².

Para construção do perfil, foram consideradas 23 variáveis³ (Ano de atendimento; Sexo; Cotista; Se sim, qual tipo de cota; Número de atendimentos; Mês dos atendimentos; Idade; Naturalidade; UF de nascimento⁴; Cidade onde mora; Mora na residência universitária; Período; Curso; Recebe bolsa estudantil; Se sim, qual tipo de bolsa estudantil; Origem da demanda; Histórico de acompanhamento em saúde mental; Tipo de acompanhamento realizado; Queixas psicológicas apresentadas; Tipos de Encaminhamento; Solicitação de retorno; Locais de encaminhamento e Finalidade dos encaminhamentos).

²Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/UFPE), por meio do processo 24845119.6.0000.5208 e teve aprovação por meio do parecer 3.794.870, cuja coleta de dados, respeitando os trâmites legais, somente ocorreu após decisão favorável por meio do respectivo parecer.

³ Para as variáveis Queixas psicológicas apresentadas, Locais de encaminhamentos e Finalidade dos encaminhamentos, foram elaboradas categorizações, as quais serão melhor detalhadas na seção correspondente aos Resultados e Discussões do trabalho.

⁴Unidade da Federação (UF) correspondente a naturalidade do discente.

Assim, contemplando os dados dos registros (sendo estes inseridos em 4 tabelas do tipo excel, por ano de atendimento), por meio de banco de dados único, as informações foram dispostas em programa de análise estatística (*Statistical Package for the Social Sciences*), para conseqüente tabulação. Por meio de estatísticas descritivas (frequências, percentuais, medidas de tendência central e medidas de dispersão), foi feita a representação dos achados entre gráficos e tabelas para melhor visualização e possibilidades de análise (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Deste modo, o método de estudo fora do tipo exploratório-descritivo, com enfoque quantitativo e perspectivas mistas, onde, inicialmente, foi realizada uma análise qualitativa, no desenvolvimento e interpretação das categorias e, posteriormente, com abordagem quantitativa, através da utilização de ferramenta estatística.

Os resultados mostraram que a caracterização do graduando, que busca atendimento psicológico no ensino superior, converge com o perfil psicossocial do estudante atendido na UFAPE. Entre outras características semelhantes, constaram: predominância do sexo feminino; idade entre 18 e 24 e de cursos de formação de profissional de saúde. No entanto, os achados trazem que, quanto às queixas psicológicas apresentadas, as mais incidentes tiveram relação com a vivência universitária.

Finaliza-se este trabalho com as considerações finais, onde foram citados as limitações e contribuições do estudo bem como algumas sugestões, direcionadas à gestão da UFAPE. Espera-se, ademais, que este trabalho possa servir de base para ampliar o conhecimento de quem é o estudante da UFAPE e conseqüente aprimoramento de ações e estratégias que tenham como norte a melhoria da vivência universitária. Assim também, como estímulo para novos estudos, relacionadas ao tema, principalmente por parte de psicólogos que atuam nas universidades e institutos federais.

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao final de cada ano letivo, entre 2016 e 2019, fazia parte de uma das atribuições do psicólogo da Assistência Estudantil da UFAPE o envio do número de atendimentos psicológicos realizados junto aos alunos da graduação para a Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão (PROGESTI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Neste intermédio, a partir de uma análise preliminar das informações enviadas a PROGESTI, quanto ao número de atendimentos realizados nos últimos 4 anos - tanto aos discentes assistidos pelos programas quanto aos que não eram beneficiários da Assistência

Estudantil - surgiram inquietações, por parte do profissional, uma vez que os dados mostraram um considerável aumento durante o referido período, conforme Tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Número de atendimentos psicológicos aos estudantes da UFAPE entre 2016 e 2019

2016	2017	2018	2019	Total de atendimentos
140	222	218	350	930

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborada pelo autor

Durante este período de quatro anos, foi possível perceber, a partir dos acolhimentos realizados, junto aos discentes, indícios característicos do adoecimento psíquico tanto nos primeiros períodos da graduação (quando o aluno está se adaptando à rotina universitária e, obrigatoriamente, tem que lidar com todas as implicações ao seu ingresso na universidade) quanto nos períodos subsequentes.

Segundo Osse (2013), “o primeiro ano de universidade, sobretudo os primeiros meses, exige que o estudante passe de uma cultura anterior que estava habituado, para substituí-la por uma nova cultura, mais complexa, mais sofisticada e mais difícil de decodificar” (p. 27).

Complementando este entendimento de Osse (2013), Saraiva e Quixadá (2010) mencionam que os problemas de adaptação e de aprendizagem, sentidos pelo estudante, decorrentes de todas as mudanças que possam envolver o seu ingresso no ensino superior, podem resultar desde a falta de interesse pelo curso, passando pelo uso abusivo de drogas, depressão, ansiedade, estresse até o próprio suicídio. Para os autores, “estes são alguns dos inúmeros quadros apresentados cotidianamente pelos alunos em sala de aula, nos corredores e outros espaços universitários, no seu percurso de formação” (SARAIVA; QUIXADÁ, 2010, p. 1).

Até mesmo nos períodos finais, entre os discentes que buscaram atenção psicológica, foi possível perceber indicativos de adoecimento mental. Para Costa e Nebel (2018), algumas possíveis razões estão no fato de que estes graduandos, muitas vezes, não demonstram estar preparados para concluir o curso e lidar com suas consequências, tais como: a perda de bolsa estudantil ou de pesquisa (muitas vezes, a única fonte de renda do aluno ou da família), bem como adentrar no mercado de trabalho ou, até mesmo, a possibilidade concreta de retorno ao convívio familiar e a sua cidade de origem.

Neste contexto, Osse (2013) alerta sobre os cuidados que a universidade deve ter com os alunos que não procuram apoio psicológico, pois, muitas vezes, “o jovem, sem conseguir

identificar, negar, ou por vergonha de reconhecer a necessidade de ajuda, fica sem ter a quem recorrer e, muitas vezes, se envolve em situações de risco e fica sujeito ao sofrimento psíquico” (p. 37).

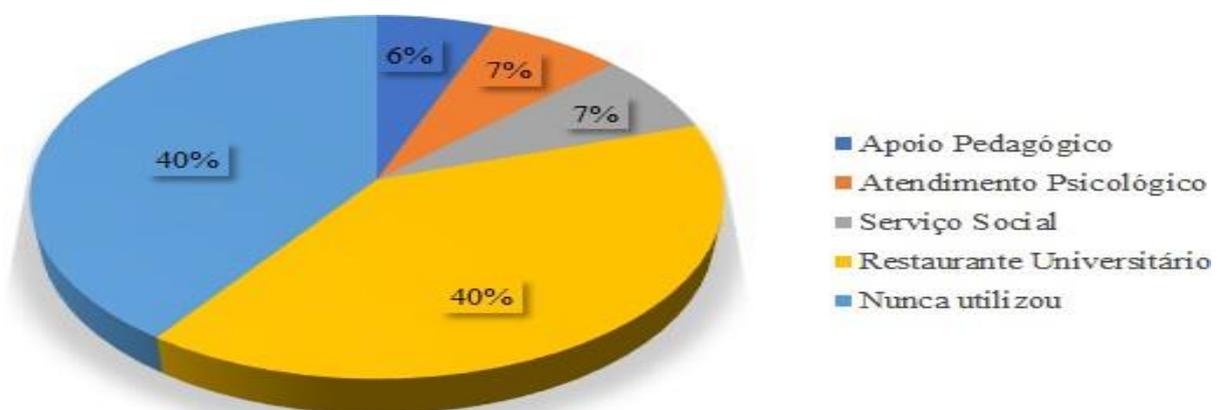
Costa e Nebel (2018) partilham das mesmas impressões de Osse (2013), uma vez que “grande parte deles opta por sofrer em silêncio, principalmente, porque existe ainda um grande tabu na sociedade em torno dos transtornos mentais, inclusive dentro da universidade, espaço pelo qual, pelo menos em teoria, deveria ser aberto ao diálogo” (p. 209).

Embora os números dos atendimentos psicológicos na Assistência Estudantil/UFAPE tragam aumento, conforme já mencionado na Tabela 1, estes dados poderiam ser maiores. É o que a pesquisa realizada pela PROGESTI indica, a qual teve por objetivo mensurar o nível de satisfação dos usuários dos programas da assistência estudantil da UFRPE⁵ (PROGESTI, 2019).

Por meio da aplicação de questionário, no ano de 2017, e contando com a participação de 622 estudantes beneficiários da assistência estudantil da IFES (o que corresponde a 27,8% do total de beneficiários dos programas, ou seja, 2.232), os discentes foram perguntados sobre a utilização dos serviços ofertados pela pró-reitoria, por meio do Restaurante Universitário, Serviço Social, Apoio Pedagógico e Atendimento Psicológico.

Como resultado, e alinhado as inquietações dos autores (COSTA; NEBEL, 2018; OSSE, 2013), somente 7% da amostra afirmaram já ter buscado atendimento psicológico ofertado pela PROGESTI, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição dos estudantes assistidos pela Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão (PROGESTI) quanto ao tempo assistido por algum dos serviços oferecidos



Fonte: PROGESTI, 2019, p. 17

⁵Instituição tutora da UFAPE.

Continuando, além do aumento no número de atendimentos psicológicos na UFAPE, foram registradas, entre 2016 e 2019, 3 (três) demandas psicológicas graves no ambiente acadêmico ou que pudessem ter alguma ligação com a universidade. Foram 2 (dois) casos de estudantes apresentando surtos psicóticos na instituição (um deles, posteriormente, necessitou de internamento em clínica terapêutica), como também 1 (um) caso de graduando que veio a cometer suicídio em sua residência.

Neste sentido, foram feitas pesquisas iniciais através da leitura de trabalhos acadêmicos, artigos e livros e foi concebido que “entre os jovens, há um grupo específico no qual os diagnósticos de transtornos mentais têm crescido de forma muito expressiva nos últimos anos: os estudantes universitários” (COSTA; NEBEL, 2018, p. 208).

Através de estudos apresentados adiante foi possível perceber uma gama bastante diversa quanto aos formatos e às instituições que serviram como objeto de análise com vistas à identificação do usuário que busca o serviço psicológico nas universidades.

Entretanto, foi possível conceber a ausência na literatura quanto à caracterização do universitário que procura suporte psíquico, especificamente, junto ao psicólogo da Assistência Estudantil em uma universidade federal. Pesquisas que, a partir dos registros dos atendimentos realizados, possibilitassem construir o perfil do graduando por meio dos dados sociodemográficos, tipos de demandas apresentadas até os encaminhamentos devidos.

Dessa forma, este trabalho propõe-se, em formato inovador, a partir do banco de dados dos atendimentos psicológicos realizados entre março/2016 e dezembro/2019, a construção do perfil psicossocial do estudante atendido pelo psicólogo da COGESTI/UFAPE.

Almeja-se, portanto, diante da necessidade do conhecimento desta realidade, que os gestores da UFAPE (coordenadores de cursos, diretorias, pró-reitores, chegando à reitoria da instituição) possam ter acesso a esta pesquisa, possibilitando, cientificamente, visualizar quem é o estudante que busca assistência psicológica na instituição e quais os tipos de demandas são apresentados nestes acolhimentos.

Espera-se ainda que os resultados deste trabalho possam servir de instrumento para a formulação de políticas públicas eficazes visando à melhoria da saúde mental discente; criação de programas e o fortalecimento de estratégias de gestão pública adequadas às demandas que se estabelecem a partir de seu corpo docente; e como estímulo para novos estudos, relacionadas ao tema, por parte de psicólogos que atuam em outras IFES.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A antiga Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), atual UFAPE, possui características bastante peculiares, enquanto IFES, por ser a primeira extensão do ensino superior pública federal a ser criada distante das capitais dos estados – mais especificamente na cidade de Garanhuns, distante cerca de 230 quilômetros de Recife, capital de Pernambuco (ARAÚJO, 2018).

Nela, se encontram servidores (enquanto professores e técnicos administrativos em educação) bem como alunos e terceirizados que compõem a comunidade acadêmica da referida universidade. Nesse panorama, entre os técnicos administrativos em educação, encontra-se o psicólogo, que atua lotado no setor da Assistência Estudantil da UFAPE, o qual é o único profissional responsável pelo acolhimento dos estudantes que necessitam de assistência psicológica e que promove esta pesquisa.

Assim, despertou a atenção deste pesquisador para a construção deste trabalho, não somente o aumento no número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019, mas também uma gama bastante diversa, tanto pelas características sociodemográficas quanto pelas queixas psicológicas apresentadas pelos discentes. Neste contexto, menciona Costa e Nebel (2018) que,

no caso dos estudantes de graduação, há de se considerar, principalmente, que eles – como todos os jovens – precisam enfrentar os desafios emocionais inerentes à transição da adolescência para a vida adulta, ao mesmo tempo em que têm de se adaptar às demandas da universidade, processo este que, em muitos casos, ocorre de forma bastante dolorosa para o indivíduo (p. 209).

Estas queixas variaram entre a necessidade de aconselhamento psicológico breve (ROSENBERG, 2001) com vistas à superação das dificuldades vivenciadas pelo aluno até, nos casos mais graves, a necessidade de encaminhamento para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da cidade de Garanhuns/Pernambuco. Entretanto, quando os alunos eram residentes dos municípios circunvizinhos, foram realizadas orientações para procura desta rede em suas respectivas cidades.

Partindo deste cenário, algumas hipóteses foram criadas. A primeira é que o aumento de estudantes com perfis socioeconômicos mais vulneráveis, considerando as potenciais dificuldades vivenciadas por estes no ambiente universitário, bem como pelo fato da instituição não ser, historicamente, preparada para lidar com tais demandas e perfis possa ter aumentado a busca de apoio psicológico nas IFES.

Outra hipótese é que o usuário do serviço psicológico no ensino superior seja aquele beneficiário dos programas da Assistência Estudantil da UFAPE. Por fim, no que tange às queixas psicológicas apresentadas, presume-se que as demandas possam ter relação com a trajetória acadêmica do estudante.

Neste sentido, Osse (2013) insere que “convivendo em uma universidade que acredita que lhe dará acesso a um novo universo social e aquisitivo, afetado pelas inúmeras desestabilizações do mundo contemporâneo, pressionado pelo custo não só financeiro, mas também subjetivo de seus estudos, o jovem estudante torna-se vulnerável a angústias” (p. 2).

Para Saraiva e Quixadá (2010), para além das dificuldades decorrentes da transição entre a adolescência e a vida adulta, pode-se considerar também as crises acidentais, as quais o discente está sujeito, onde pode-se citar:

[...] morte de um dos familiares, separação dos pais, rompimento amoroso, gravidez, aborto, doenças, drogadição, etc., que podem se apresentar ao longo da vida acadêmica do estudante, ou mesmo serem anteriores ao seu ingresso na Universidade, e são mobilizadoras de mecanismos de adaptação ou defesa por vezes desajustados, que inevitavelmente influenciam o processo de formação acadêmica, resultando em um desgaste emocional extremamente prejudicial ao futuro exercício profissional” (p. 2).

Assim, Zatti e Biasus (2018) entendem que obter o conhecimento sobre a experiência do percurso universitário do estudante torna-se fundamental, possibilitando novos olhares sobre a forma de aprender e ensinar no seio universitário. Os autores ressaltam ainda que “[...] tais informações podem embasar propostas mais alinhadas com as necessidades estudantis, ampliando o alcance e a eficiência de serviços de apoio e contribuindo com a superação de dificuldades e com a redução de índices de evasão (ZATTI; BIASUS, 2018, p. 144).

Deste modo, considerando este cenário, faz-se imprescindível uma pesquisa que consiga responder a seguinte questão: Qual o perfil psicossocial dos estudantes atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPE?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Construir um perfil psicossocial dos estudantes atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPE.

1.3.2 Objetivos Específicos

- I. Estruturar, através dos registros dos atendimentos psicológicos, banco de dados com série histórica, entre Março/2016 e Dezembro/2019;
- II. Caracterizar, considerando a base de dados sistematizados, um perfil psicossocial dos discentes da graduação atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPÉ;
- III. Categorizar, com base nas fichas dos atendimentos e a partir de possíveis características chave, as queixas psicológicas apresentadas pelos estudantes ao longo do período de tempo definido.

2 REVISÃO TEÓRICA

Com vistas a uma melhor compreensão aos objetivos apresentados, o embasamento teórico desta pesquisa contemplará 4 capítulos. O primeiro foi dividido em 2 partes: a primeira contendo o cenário da educação superior pública federal nas duas últimas décadas e, a segunda, o surgimento e o lugar da UFAPE frente a este panorama.

Já o segundo capítulo traz as dificuldades vivenciadas pelo graduando durante sua trajetória acadêmica, enquanto que o terceiro expõe um retrato da saúde mental entre os discentes da educação superior. Por fim, o quarto capítulo apresenta o perfil psicossocial do estudante que busca atendimento psicológico nas universidades.

2.1 O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA FEDERAL NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

É sabido que as universidades, por muito tempo, foram formadas por um público estudantil bastante peculiar: advindos de condições socioeconômicas bastante favorecidas (MEDEIROS, 2017; COSTA; NEBEL, 2018; TREVISOL; NIEROTKA, 2016). Para Medeiros (2017), é possível dizer que “a educação superior no Brasil é vista, tradicionalmente, como regalia das classes economicamente mais favorecidas da sociedade” (p. 234).

Acrescentam Costa e Nebel (2018) que “historicamente, as universidades se configuram como espaços voltados à formação de uma elite intelectual e profissional” (p. 216). Por fim, segundo Trevisol e Nierotka (2016), fazer parte de uma universidade pública federal era reafirmar a sua condição social bem como aumentar as expressões de prestígio das elites da sociedade brasileira. Dito de outra maneira, seria que “as instituições de ensino superior (IES) refletem, como espelhos, as desigualdades e a distribuição desigual do poder na sociedade” (TREVISOL; NIEROTKA, 2016, p. 23).

Somente a partir dos anos 2000, teve início um intenso processo de expansão, através do aumento de universidades, campus universitários, graduações e, por consequência, milhares de estudantes foram ingressando e finalizando seus respectivos cursos pelo Brasil a fora (ANSOLIN *et al.*, 2015; RISTOFF, 2014). Trevisol e Nierotka (2016) entendem que, “a democratização do acesso à educação superior, particularmente dos jovens de baixa renda, passou a ganhar espaço na agenda dos governos e da sociedade brasileira apenas nos anos recentes, desencadeando políticas públicas de expansão e interiorização das vagas [...]” (p. 23).

Neste sentido, sem deixar de perceber a importância de outras⁶ políticas públicas a nível de Estado, que influenciaram no fortalecimento do ensino superior, foi através do Decreto 6.096/2007, o qual instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, que foram permitidas a expansão e a democratização do acesso à educação superior pública federal no Brasil, o que fez com que mais jovens pudessem ingressar nas IFES (BRASIL, 2007).

Por meio do relatório do Ministério da Educação (MEC), conforme Tabela 2, o qual trata da democratização e expansão da educação superior no país, consegue-se observar, através dos números, a dimensão deste processo de ampliação das IFES. Por exemplo, a quantidade de *campi* universitários e cursos de graduação presenciais entre 2002 e 2014 mais que dobraram.

Tabela 2 – Panorama da expansão universitária entre 2002 e 2014

	2002	2014
Universidades Federais	45	63
<i>Campi</i>	148	321
Cursos Graduação Presencial	2.047	4.867
Vagas Graduação Presencial	113.263	245.983
Matrículas Graduação Presencial	500.459	932.263
Matrículas Educação a Distância	11.964	83.605
Matrículas Pós-Graduação	48.925	203.717

Fonte: BRASIL, 2014, p. 31

Sem dúvida, fora percebido um forte investimento, por parte do governo federal, na expansão da educação superior no Brasil (BRASIL, 2014). Entende Paula (2017) que este processo de expansão pode ser considerado como o início para democratizar o acesso às IFES. Contudo, alerta a autora, que o formato da democratização proposto não conseguiu suprir a inclusão dos indivíduos pertencentes às classes desfavorecidas. Neste contexto, Prestes, Jezine e Scocuglia (2012) indicam que

a expansão da universidade é um fenômeno complexo, indiscutivelmente. Se por um lado propiciar mais educação a uma população historicamente excluída da educação, mais ainda do ensino superior configura-se como um ato de justiça ou equidade social; como um dever da democracia; por outro lado, a enorme expansão a que se submete a educação e o ensino superior não raramente está vinculada aos interesses mais estreitos da produção e da economia (p. 205).

⁶Tendo como exemplo o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o qual teve por finalidade a oferta de bolsas parciais ou totais para ingresso de estudantes nas faculdades particulares (BRASIL, 2005), entre outras.

Assim, algumas consequências quanto ao processo de expansão, sem os devidos cuidados com a qualidade do ensino, podem ser sentidas como: a privatização da estrutura pública, o chamado “quase-mercado”; a pressa na formação do estudante, através de cursos na modalidade de curta duração; turmas muito volumosas; expansão da graduação sem acompanhar a estrutura física necessária para o corpo de servidores; a precarização dos trabalhos acadêmicos, entre outros (SILVA; VELOSO, 2013, grifo do autor). Paula (2017) observa ainda que

[...] o REUNI tem sido alvo de duras críticas no meio acadêmico e estudantil, pois existe a preocupação de que o processo de ampliação de vagas nas universidades públicas se dê com o sacrifício da qualidade, transformando estas instituições em “escolões” de terceiro grau, o que poderia comprometer a excelência da formação universitária, da pesquisa e da extensão (2017, p. 307).

Outro ponto a ser considerado foi a criação do Sistema de Seleção Unificada – SISU (BRASIL, 2010a). Esse sistema digital do MEC possibilitou que instituições públicas de educação superior ofertassem suas vagas aos candidatos que fizessem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) onde “os candidatos com melhor classificação são selecionados, de acordo com suas notas no exame” (BRASIL, 2020).

Neste aspecto, Nogueira *et al.* (2017) conseguem apontar, a princípio, algumas possíveis vantagens da ferramenta SISU em face dos vestibulares tradicionais: menores custos para as instituições, quanto ao processo seletivo de novos discentes, somado a uma perspectiva de melhoria de ocupação de vagas; possibilidade de mobilidade geográfica ao estudante; e a inclusão de grupos, historicamente, excluídos, como advindo de escolas públicas, por exemplo.

Contudo, ao analisar as possíveis vantagens do SISU na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), os autores indicam que, no geral, o uso da ferramenta não correspondeu às expectativas. Em relação à ocupação das vagas, houve o aumento da não matrícula de convocados, ocasionando sucessivas chamadas bem como a evasão de muitos discentes nos períodos iniciais das graduações, implicando no aumento de vagas desocupadas.

Quanto ao fenômeno da evasão, houve um movimento através do qual boa parte dos discentes retornam à instituição em outros cursos. Para Nogueira *et al.* (2017), a impressão é de que

não se trata, portanto, de um simples abandono, mas de uma estratégia de mudança de curso propiciada pelas próprias regras do SisU. De qualquer forma, o fato é que a ampliação da não matrícula de convocados, o abandono por parte de estudantes dos

primeiros períodos e a intensificação do movimento de mudança e cursos tornaram o processo de ocupação das vagas menos eficiente e estável, exatamente o contrário do que se esperava com o Sisu (p. 86).

Referente à ampliação da mobilidade estudantil, pode-se perceber um aumento no número de inscritos de outros estados de Minas Gerais, mas um aumento não tanto significativo no número de matriculados de outros estados, frustrando, parcialmente, a diversidade de origem geográfica dos estudantes. Ao mesmo tempo, Nogueira *et al.* (2017) inserem que “por mais que a plataforma online do SISU ofereça a possibilidade do candidato se inscrever em qualquer curso de qualquer instituição do país, na prática, poucos têm condições de se deslocar e se manter em locais distantes da residência” (p. 87).

Por fim, em relação à promoção de maior inclusão social através da relação entre o SISU e a Lei de Cotas (a qual será melhor detalhada, logo abaixo), o estudo mostrou que os alcances foram mínimos, uma vez que, quanto a origem escolar (pública ou privada), a caracterização do graduando pouco mudou.

Silva e Veloso (2013) refletem que, por um lado, o SISU possibilitou condições, ao candidato, de alterar a escolha do curso, com base em sua pontuação no ENEM, mas, por outro, esta metodologia trouxe riscos consideráveis quanto à preferência pela graduação a ser escolhida, uma vez que

sabe-se que o ingresso em uma universidade federal carrega a crença de “garantia de futuro profissional”; assim, para o candidato, importaria ingressar no curso possível, ou onde os pontos permitam. Nessa linha, a definição do curso, um dos elementos condicionantes da qualidade na formação, parece reduzir-se a uma moeda de troca (a pontuação define a escolha), o que pode induzir a desistências, baixo rendimento e frustrações pessoais e profissionais (SILVA; VELOSO, 2013, p. 741, grifo do autor).

Dando continuidade às mudanças referentes ao cenário da educação superior neste século, foi através da criação de leis específicas como a Lei 12.711/2012 (a conhecida Lei de Cotas) e a Lei 13.409/2016 (a qual versa sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nas IFES), que estudantes sem acesso às universidades, como negros, indígenas, quilombolas, indivíduos em condições de vulnerabilidade social e pessoas com deficiência obtiveram chances reais de ingressar no ensino superior (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Relacionado a Lei de Cotas, destaca-se que, em recente publicação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente às desigualdades sociais por raça e cor no Brasil, foram encontrados dados significativos, os quais implicam em mudanças históricas relativas às consequências da implantação da citada lei. O estudo revelou que a porcentagem das pessoas que frequentam o ensino superior, na rede pública federal, foi maior de cores Preta

ou Parda em comparação com a das cores Branca e outras, sendo 50,3% e 49,7%, respectivamente (IBGE, 2019).

Entretanto, presume-se que há um longo caminho ainda a percorrer para uma democratização de fato uma vez que, o presente estudo, relativo às condições de igualdade para o ingresso no ensino superior, mostra que “[...] a taxa de conclusão do ensino médio da população preta ou parda (61,8%), que, embora tenha aumentado desde 2016 (58,1%), continua menor que a taxa da população branca (76,8%)” (IBGE, 2019, p. 8).

Continuando o percurso histórico sobre o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas, dentro das IFES, segundo Araújo e Nascimento (2017), não era suficiente somente a democratização nas universidades públicas federais bem como reformar e ampliar as instituições. Para elas, tornava-se necessária a criação de estruturas que visassem a garantia de condições de permanência dos seus estudantes.

Dessa forma, destaca-se a importância do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído pelo Decreto 7.234/2010, o qual prima por possibilitar, em caráter prioritário, uma maior segurança aos estudantes de baixa renda ou advindos de escolas públicas (BRASIL, 2010b). Assim, “a democratização da universidade passa a ser percebida não apenas referente ao acesso a ela, mas também como necessidade de criação de condições para que os alunos pudessem concluir seus estudos” (MACHADO; PAN, 2014, p. 191).

Segundo Paula (2017), a instituição do PNAES fora um divisor de águas para assistência estudantil em nosso país. Para autora, “a sua importância reside em que o governo federal compromete-se, por lei, com o repasse de recursos às instituições federais de ensino superior, aliviando-as da responsabilidade de criar fundos a partir de recursos próprios para realizar a assistência estudantil, ou seja, esta se materializa como política pública” (PAULA, 2017, p. 308).

Nesse sentido, programas voltados ao público estudantil, com caráter prioritário aos graduandos em condições de vulnerabilidade social ou advindos da rede do ensino público, tiveram início por meio de benefícios pecuniários bem como através de atendimentos especializados com profissionais de diversas áreas tais como Psicologia, Serviço Social e Pedagogia (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2017).

Com o objetivo de fortalecer as condições de permanência bem como reduzir as taxas de evasão e retenção, além de promover a inclusão social, o decreto do PNAES, menciona a garantia da assistência estudantil nas IFES em diversos seguimentos, tais como: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche,

apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010b).

Considerando a descrição das áreas contempladas pelo PNAES, entende Osse (2013) que as ações e serviços, vinculados a assistência estudantil, demonstram a responsabilidade social com os estudantes que a compõem assim também como a própria sociedade. A autora, no entanto, alerta que “os fatores indicados pelas pesquisas evidenciam, objetivamente, a necessidade de serviços que vão além do aspecto de ensino, mas que propiciem a permanência dos jovens nas universidades, ou seja, uma permanência que demanda esforços para a proteção e promoção da saúde com qualidade de vida saudável” (OSSE, 2013, p. 31).

Medeiros (2017) indica ainda que esses estudantes, assistidos pelos programas da assistência estudantil, passam a morar na cidade onde está localizada a universidade, com sua maioria distante do núcleo familiar e dividindo moradia com colegas da instituição. Assim, a universidade hoje é um ambiente plural no qual estudantes, frutos de realidades diversas, coexistem (SANTOS *et al.*, 2015).

Nesse contexto, quanto ao espaço conquistado pela educação superior pública federal a partir dos anos 2000, os resultados do Censo da Educação Superior 2018, promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em parceria com o MEC, mostraram que nas divisões das matrículas e dos cursos de graduação no Brasil, embora as IFES representem uma porcentagem de 7,8% em relação ao tipo de instituição que oferta ensino superior no país, entre públicas e privadas, estas representam 52,9% das matrículas nos cursos superiores no Brasil (BRASIL, 2019a).

Foi constatado também o crescimento do acesso as universidades, onde “a rede federal foi a única das categorias públicas que teve aumento no número de matrículas entre 2008 e 2018 (89,7%)” (BRASIL, 2019a, p. 19), tornando a rede federal a que mais cresceu entre as instituições de ensino superior públicas no Brasil.

Ademais, o estudo menciona que, aproximadamente, 2/3 dos registros de matrículas entre os cursos de graduação do ensino público são pertencentes às IFES e que, considerando as instituições de ensino superior públicas e privadas, o perfil do graduando presencial, no ano de 2018, apresentou as seguintes características: predominância do sexo feminino; o grau acadêmico sendo o bacharelado; o turno noturno e as idades de ingressante, matrícula e de conclusão do curso com 19, 21 e 23 anos, respectivamente (BRASIL, 2019a).

Desse modo, ao longo dos últimos anos, a educação de nível superior tem se mostrado mais acessível através da implementação das diversas políticas públicas que visaram à democratização e ao acesso para este nível de ensino, através de mais vagas nas IFES (ZATTI;

BIASUS, 2018). Contudo, diversos autores conseguem abordar as implicações destes processos, como Paula (2017), a qual menciona que

[...] o acesso não garante a inclusão de fato na educação superior, pois este deve ser acompanhado de políticas de permanência que permitam a conclusão dos cursos pelos estudantes de baixa renda e pelas minorias étnicas, que historicamente tem sido excluídos do ensino superior, sobretudo dos cursos de alta demanda/elevado prestígio social. Em correlação com este problema, a educação superior brasileira apresenta elevadas taxas de evasão e pequenas taxas de conclusão em muitos cursos de graduação (PAULA, 2017, p. 310).

A autora demonstra seu fundamento através da Tabela 3, onde considerando o período entre os anos 2000 e 2015, é possível perceber a diminuição da taxa de conclusão dos estudantes das IFES a partir do ano de 2008 até 2013, apresentando-se taxas de crescimento somente em 2014.

Tabela 3 – Vagas, ingressos e concluintes em cursos de graduação presenciais em universidades federais Brasil – 2000-2015

Ano	Vagas	Ingressos	Concluintes	Taxa de Concluintes
2000	112.826	110.173	56.070	67,62
2001	110.928	108.827	62.385	73,07
2002	113.263	111.841	68.001	75,28
2003	109.184	108.466	78.454	71,21
2004	109.802	108.953	82.761	76,05
2005	116.348	114.833	83.020	74,23
2006	132.203	130.285	80.095	73,84
2007	139.875	136.834	84.674	77,72
2008	150.869	145.062	79.764	69,46
2009	186.984	184.708	86.348	66,28
2010	218.152	222.126	88.106	64,39
2011	231.530	224.950	92.429	63,72
2012	239.942	238.594	89.709	48,57
2013	245.933	233.693	99.343	42,51
2014	251.748	233.667	108.862	46,58
2015	260.227	236.593	112.667	47,62

Fonte: PAULA, 2017, p. 310

Para Moura e Facci (2016), a ampliação de vagas não implica, necessariamente, que os discentes estejam apresentando sucesso durante suas respectivas graduações. Na visão desses pesquisadores, o fracasso escolar (o qual pode ser entendido como a carência de conhecimentos fundamentais, por parte do estudante, durante sua vivência em um sistema de ensino)

permanece na graduação, revelando-se da seguinte forma: “índices altos de reprovação, evasão e desistência; vagas insuficientes no setor público para atender a população; e formação massificada destinada a atender as demandas do mercado de trabalho e não buscando a utilização do conhecimento para uma sociedade mais justa” (MOURA; FACCI, 2016, p. 504).

Já Paula (2017) alerta que o ingresso do estudante nas universidades não é garantia de permanência, ainda mais quando se fala dos discentes em condições de vulnerabilidade social ou mesmo de grupos étnicos, os quais têm de enfrentar diversas barreiras. Nesse contexto, a mesma consegue identificar algumas destas dificuldades (pedagógica e a simbólico-subjetiva), as quais são descritas da seguinte forma:

as dificuldades de ordem pedagógica relacionam-se ao fato dos estudantes de baixa renda possuírem menor capital cultural e social, muitos vindos de escolas públicas de nível médio, com infraestrutura deficitária e menor qualidade em relação as escolas de elite, não estando preparados para enfrentar os desafios dos cursos universitários. As dificuldades de ordem simbólico-subjetiva referem-se a uma inclusão excludente efetuada no interior das universidades federais, que continuando elitistas, não estão voltadas para receber uma clientela de origem popular, no tocante aos currículos pouco flexíveis, à relação professor-aluno, à falta de acolhimento para esse novo perfil de estudante que tem ingressado pela expansão de vagas e pelas políticas de ação afirmativa. Ou seja, o mesmo espaço considerado de inclusão pode ser considerado de exclusão, pois discrimina e expulsa os estudantes que são diferentes do padrão elitizado e culto ainda requerido pelas universidades federais (PAULA, 2017, p. 311).

Macedo (2017) entende que, à luz destes obstáculos, os graduandos podem ser caracterizados da seguinte forma: “de um lado, aquele estudante que está preparado para desenvolver seu potencial acadêmico devido ao seu histórico de vida e escolar. De outro lado, o ingressante com carências e limitações impostas ou condicionadas” (p. 1.452).

Para Paula (2017), as IFES parecem estar preparadas ao ingresso do aluno advindo das elites, ou seja, aquele que não precisaria trabalhar. Por outro lado, essas mesmas universidades não apresentam condições de acolher o estudante que trabalha, podendo a situação ser mais grave quando a oferta de bolsas estudantis não consegue suprir a demanda carente destes estudantes. A autora então finaliza trazendo a seguinte reflexão: “sob esta perspectiva de análise, inclusão, exclusão, acesso/permanência/evasão devem ser vistos em conjunto e não separadamente. Como pensar na inclusão sem pensar na exclusão? Como pensar no acesso e permanência sem pensar na evasão?” (PAULA, 2017, p. 312).

Ademais, Saraiva e Quixadá (2010) abordam que é necessário discutir o modelo de formação acadêmica ofertado pelas instituições de educação superior uma vez que

o projeto atual de Universidade sinalizam para uma dimensão holística e sistêmica de ser humano, que leva em consideração a multidimensionalidade da natureza do

homem. No entanto, o que ainda se observa é um processo de formação do estudante universitário pouco humanizado, desfocado da pessoa e focado na instrumentalização técnica do sujeito. Em outras palavras, há uma ênfase da dimensão intelectual ou cognitiva, em detrimento quase que total das dimensões emocional e social que integram a totalidade da pessoa humana (p. 3).

Nesse contexto, foi possível perceber que o cenário da educação superior pública federal, nestes últimos 20 anos, foi marcado por consideráveis mudanças. Partindo de contextos sumariamente elitistas, as universidades foram aumentando em número de instituições, graduações por meio do incremento de políticas públicas de expansão, bem como se modificando, através da democratização do acesso ao ensino superior (MEDEIROS, 2017; COSTA; NEBEL, 2018; TREVISOL; NIEROTKA, 2016; BRASIL, 2007).

Pode-se citar, enquanto alterações deste cenário, a implementação de políticas públicas de acesso e também permanência, tais como o desenvolvimento de ações afirmativas (Lei de Cotas, reserva de vagas para pessoas com deficiência nas universidades) e o próprio PNAES, sem contar nas possibilidades que a criação do SISU pode oferecer ao candidato que almeja ingressar no ensino superior (BRASIL, 2010a, 2010b, 2012, 2016).

Acontece que, com base nas pesquisas trazidas até aqui, as IFES não parecem ter sido preparadas para realizar o acompanhamento destas mudanças em seus recintos, o que tem provocado inúmeros impactos, tais como: aumento da evasão e baixas taxas de conclusão em alguns cursos (PAULA, 2017); a perpetuação do fracasso escolar (MOURA; FACCI, 2016); a emergência de dificuldades de ordem pedagógica e simbólico-subjetiva (PAULA, 2017); e a ênfase na dimensão intelectual, cognitiva em detrimento das dimensões sociais e afetivas (SARAIVA; QUIXADÁ, 2010).

Neste cenário, Dallagnol (2018) insere que “[...] há um novo público universitário que passou a integrar a universidade brasileira e representar de forma mais próxima a diversidade do país em termos sociais e econômicos” (p. 89). Contudo, conforme mostrado, é latente a incapacidade, por partes das IFES, em enxergar um público que, por muito tempo, fora excluído do espaço acadêmico, emergindo assim novos desafios para as universidades - principalmente para assistência estudantil - frente a este novo perfil de graduandos.

Nessa perspectiva, Marinho-Araújo (2016) traz que a expansão das IFES implicou em novas configurações sociais e políticas, estando, entre elas, o processo de interiorização das universidades, tema este que será abordado agora, com vistas ao nascimento da UFAPE.

2.1.1 UFAPE: da primeira unidade acadêmica surgida no interior a uma nova universidade federal

Nesta seção, serão apresentados o processo de surgimento da UFAPE⁷, a composição da sua comunidade acadêmica bem como a exposição de alguns dados que possam traduzir os impactos causados pela presença da instituição no interior de Pernambuco – e, mais especificamente, para a região do Agreste Meridional. Contudo, antes de abordar o surgimento desta nova IFES, serão apresentadas pesquisas introdutórias relativas à inserção de uma universidade no interior do Brasil.

Dessa forma, em sua obra referente à implantação de uma Universidade Federal no interior do Rio Grande do Norte, Medeiros (2017) diz que a expansão e o acesso ao ensino superior puderam chegar a cidades que antes não tinham nenhum tipo de investimento deste porte, como foi visto em vários centros urbanos do interior pelo Brasil.

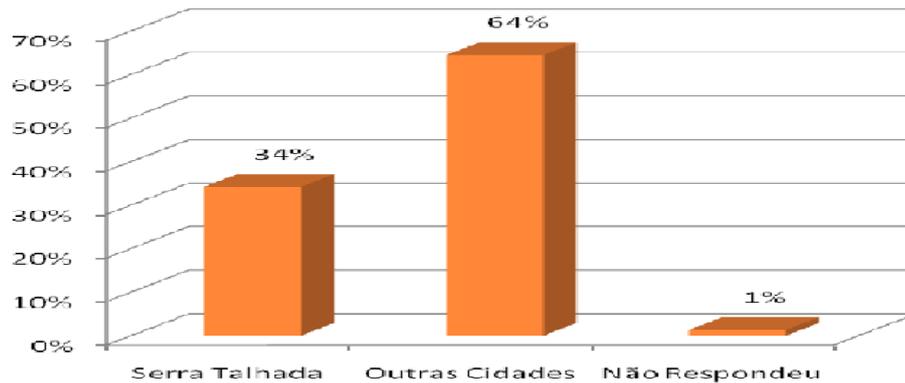
Quando uma universidade chega a uma cidade interiorana, podem-se perceber mudanças radicais, tais como: o favorecimento do desenvolvimento da região, através dos investimentos de pesquisa, ensino e extensão; a presença de servidores e discentes, o que faz desenvolver a economia; até a diminuição de processos de migração de jovens que aspirariam ingressar em cursos superiores nas capitais de seus respectivos estados (MEDEIROS, 2017; BRASIL, 2014).

Referente ao estado de Pernambuco, podemos citar o trabalho de Filho (2009), o qual versou sobre a instalação de uma unidade acadêmica da UFRPE na cidade de Serra Talhada, região do sertão pernambucano. Neste sentido, o autor dispõe que

É perceptível que as cidades que oferecem ensino superior têm um maior raio de influência em relação às demais. Essa região de influência originada no ensino universitário, que é bem superior à dos demais serviços, traz, através do fluxo de alunos de outras cidades, uma necessidade de oferta de outros serviços, tais como transporte, saúde, segurança, habitação, alimentação, entre outros (FILHO, 2009, p. 48).

Em seu estudo, aplicado junto a 76 discentes da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), o pesquisador conseguiu extrair o seguinte resultado quanto à naturalidade do estudante da UAST, expresso através do Gráfico 1:

⁷Instituição criada por meio da emancipação da UFRPE/UAG, e que fora objeto deste estudo, com melhor detalhamento ainda nesta seção.

Gráfico 1 – Alunos originários de Serra Talhada e de outras cidades

Fonte: FILHO, 2009, p. 51

Pode-se perceber, analisando o Gráfico 1, que a maior parte dos estudantes que responderam à pesquisa (64%) são de cidades diversas ao município de Serra Talhada. É possível notar, portanto, um sentido inverso de deslocamento que, por muito tempo, se mostrou presente entre os estudantes do interior do estado, ou seja, um movimento de procura pelos grandes centros urbanos a fim de conquistar o sonho da graduação (MEDEIROS, 2017).

Filho (2009) aponta ainda que é possível observar impactos nas áreas de moradia e de deslocamento diário do público estudantil, onde 77% dos graduandos de outras urbes passaram a morar na cidade onde está localizada a UAST. Assim também, “os alunos oriundos de outras cidades que não passaram a morar em Serra Talhada são os responsáveis por uma intensificação de fluxos diários com destino à UAST. Quase todos os alunos que habitam em cidades distantes até 100Km viajam diariamente” (FILHO, 2009, p. 53).

Outro exemplo quanto à instalação de uma universidade em um município do interior do estado foi Caruaru, conhecida como a capital do agreste pernambucano. A respeito deste estudo, Galindo (2018) traz a importância do surgimento do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para a região. Apontando similaridades aos estudos de Medeiros (2017) e Filho (2009), a autora coloca que a cidade de Caruaru, enquanto referência educacional,

[...] atrai jovens oriundos de cidades e estados vizinhos, alguns se transferem para o município, outros viajam diariamente; com a implantação da Universidade Federal de Pernambuco, jovens e adultos passaram a ter a chance de cursar o Ensino Superior de qualidade sem que, para isso, tenham que se deslocar para capital ou lugares distantes, longe da família e mais vulneráveis (GALINDO, 2018, p. 42-43).

Galindo (2018) comenta que, com efeito, a instalação do CAA conseguiu promover a democratização do acesso à educação superior pública federal na região de Caruaru,

proporcionando aos discentes uma formação de qualidade no atendimento às necessidades da própria cidade como também de cidades circunvizinhas por meio de estudos visando ao crescimento socioeconômico daquela localidade.

Partindo das referentes pesquisas introdutórias, as quais sintetizam a importância de uma universidade federal para uma cidade do interior (MEDEIROS, 2017; FILHO, 2009; GALINDO, 2018), será apresentado agora o processo de criação da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

Decorrente do programa de expansão e interiorização do sistema federal do ensino superior, a UFRPE/UAG surge em 2005, na cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco, através da Resolução nº 44/2005 do Conselho Universitário Superior da Universidade Federal Rural de Pernambuco (CONSU/UFRPE), na condição de primeira extensão universitária instalada no Brasil (UFRPE, 2005).

Com início de suas atividades em 05 de Setembro de 2005, a UFRPE/UAG começou seus trabalhos acadêmicos com 4 cursos de graduação: Medicina Veterinária, Zootecnia, Agronomia e Normal Superior - este último, posteriormente, deu lugar a Pedagogia.

A partir de 2009, foram criados mais 3 cursos sendo Ciência da Computação, Engenharia de Alimentos e Letras. Com o passar do tempo, também surgiram os seguintes Programas de Pós-Graduação: Ciência Animal e Pastagens; Sanidade e Reprodução de Ruminantes; e Produção Agrícola (UFRPE, 2018a).

Chegando ao ano de 2016, a comunidade acadêmica da UFRPE/UAG foi reunida em Assembleia com vistas a discutir a possibilidade de emancipação da então unidade acadêmica em uma nova IFES, obtendo o seguinte encaminhamento: a submissão de um plebiscito a toda comunidade acadêmica (docentes, técnicos-administrativos e discentes) para que esta decidisse, democraticamente, sobre a questão mencionada (CORDEIRO, 2018).

O resultado foi que a maior parte votou a favor da emancipação, sendo aprovada a decisão⁸ por meio do Conselho Técnico Administrativo (CTA). Assim, foram criadas: uma Comissão Geral de elaboração do projeto de emancipação e subcomissões com temáticas específicas com vistas à estruturação das possíveis pró-reitorias da nova IFES (CORDEIRO, 2018).

Com o término do projeto, este tramitou na UFRPE, no decorrer do ano de 2017, até ser enviado ao Congresso Nacional. Foi quando em 20 de março de 2018, o plenário da Câmara

⁸Decisão nº 450/2016/CTA-UFRPE/UAG.

dos Deputados aprovou o projeto de lei referente à criação da UFAPE, sendo sancionado no dia 11 de abril de 2018 pelo então presidente da república Michel Temer (CORDEIRO, 2018).

Assim, por meio da Lei nº 13.651 de 11 de abril de 2018, a UFAPE fora criada adquirindo todo aparelhamento físico, patrimonial e de recursos humanos da antiga UFRPE/UAG (BRASIL, 2018a; UFAPE, 2020a).

A partir da assinatura do Termo de Colaboração Técnica, em 27 de Dezembro de 2018, entre o MEC e a UFRPE, ficou estabelecido que a UFAPE teria a UFRPE como sua tutora, pelo período de 12 (doze) meses, com possibilidade de prorrogação entre as universidades (UFAPE, 2020a). Já no início de 2019, o governo federal considerou a UFAPE integrante da administração pública federal através do Decreto Nº 9.660 de 01 de Janeiro de 2019 (BRASIL, 2019b).

Desde então, a partir do dia 24 de Janeiro de 2019, foram iniciadas as atividades de transição técnica com vistas à futura autonomia da nova universidade, tendo como marcos históricos: a publicação, no Diário Oficial da União, da Portaria nº 2.119, de 10 de dezembro de 2019, a qual designou o prof. Dr. Airon Aparecido Silva de Melo para assumir o cargo de Reitor *pro tempore* da UFAPE bem como a solenidade de posse do referido reitor pelo então ministro da educação Abraham Weintraub, ocorrida em 12 de Dezembro de 2019, em Brasília/DF (BRASIL, 2019c; UFAPE, 2020a).

Atualmente, a UFAPE mantém os 7 cursos de graduação já mencionados. Contudo, somado aos programas de pós-graduação já citados, surgiram mais 2, sendo estes Ciências Ambientais e Profissional em Letras (UFAPE, 2020b).

Quanto ao quantitativo de estudantes da nova IFES, segundo dados extraídos do Sistema de Informações e Gestão Acadêmica (SIGA) da UFRPE, adquiridos através do setor da Escolaridade, responsável pelas matrículas dos discentes na antiga UFRPE/UAG, o número de alunos matriculados no período 2019.2 foi de 1.947 estudantes. Referente aos números de técnicos-administrativos e de docentes, em Dezembro de 2019, segundo setor de pessoal da instituição, foram de 85 e 185, respectivamente.

Quanto às mudanças proporcionadas pela instalação da IFES para a região do Agreste Meridional, Souza (2019), em sua pesquisa com 172 egressos de 3 cursos de graduação da UFAPE (Medicina Veterinária, Agronomia e Zootecnia) apresenta a caracterização da origem do Ensino Médio destes estudantes, chegando ao seguinte resultado, conforme mostrado na Tabela 4, logo abaixo.

Tabela 4 – Características das origens do ensino médio dos respondentes (em %)

Características do Ensino médio	Agronomia	Medicina Veterinária	Zootecnia	Média
Quanto à localização				
Agreste Meridional (PE)	78	64	71	71
Agreste Central ou Setentrional (PE)	6	12	4	7
Outras regiões de Pernambuco	14	19	17	17
Outros estados	3	5	8	5
Quanto a natureza do setor				
Da rede pública	64	74	60	66
Da rede privada	31	22	29	27
Em ambas (pública e privada)	4	2	6	4
Da rede privada com bolsa	1	2	6	3
Quanto a modalidade do curso				
Regular	85	86	90	87
Técnico	15	12	10	12
Especial/educação de jovens e adultos	0	2	0	1

Fonte: SOUZA, 2019, p. 49

Os dados da Tabela 4 mostram que a maioria dos discentes egressos que responderam à pesquisa, com média de 66%, afirmaram ter estudado em escola pública. Outro aspecto a ser considerado é a média de respondentes quanto à região de origem do ensino médio, num percentual de 71% provenientes do Agreste Meridional, região onde está localizada a UFAPE. Nesse aspecto, alinhado ao pensamento de Medeiros (2017), é percebida a importância da instalação da instituição para a região com vistas à diminuição de estudantes que antes buscavam maiores centros urbanos em busca de formação acadêmica.

Por outro lado, a mesma pesquisa apresenta os dados quanto ao suporte ofertado ao discente durante sua trajetória acadêmica (Tabela 5). É possível perceber, com base na citada tabela, que a maioria dos estudantes egressos (84%) disseram que receberam algum suporte financeiro, por parte da UFAPE, ou mesmo foram assistidos por bolsas estudantis ao longo do curso. Nesse sentido, o autor releva um aspecto importante em relação a esse dado: “a dependência de apoio financeiro durante o curso de graduação” (SOUZA, 2019, p. 50).

Tabela 5 – Suporte oferecido durante o ensino superior (em %)

	Agronomia	Medicina Veterinária	Zootecnia	Média
Realizou estágio durante a graduação, além do estágio supervisionado obrigatório?				
Sim	36	83	67	62
Não	64	17	33	38
Recebeu bolsa ou auxílio financeiro				
Não	14	17	17	16
Sim, de assistência estudantil	26	26	33	28
Sim, de pesquisa	50	28	40	39
Sim, de extensão	24	36	21	27
Sim, do PET	14	12	6	11
Sim, outras	21	21	23	22
Com quem residia durante a graduação				
Família	63	52	58	57
Amigos	22	41	29	31
Sozinho(a)	7	3	8	6
Residência estudantil ofertada pela universidade	8	3	6	6

Fonte: SOUZA, 2019, p. 50

Alinhado com o entendimento de Souza (2019), o trabalho de Macedo *et al.* (2020) identifica a importância deste suporte pecuniário para a permanência do discente na UFRPE. A pesquisa indica que as taxas de evasão (3,65%) e retenção (13,35%) dos estudantes beneficiários da assistência estudantil, no ano de 2018, foram menores quando comparadas às porcentagens gerais de evasão e retenção dos cursos de graduação da IFES, com 19,68% e 17,64%, respectivamente.

Souza (2019), referente à antiga UFRPE/UAG, traz ainda que é possível perceber, considerando o crescimento socioeconômico da região, que “[...] os cursos são efetivos para o desenvolvimento, mas que isso não se limita ao nível regional, uma vez que boa parte dos egressos da amostra trabalha em outras regiões do estado de Pernambuco ou outros estados do país e em empresas de abrangência nacional (SOUZA, 2019, p. 87).

Por outro lado, demonstra Souza (2019) que “evidenciou-se o alcance da oferta do ensino superior para pessoas oriundas de famílias que estiveram à margem desse nível de instrução ao longo do tempo. O que é evidente pelo percentual de egressos é que são a primeira pessoa com nível superior em suas famílias” (p. 87). Nesse aspecto, sua obra insere que 54% dos egressos de Agronomia são os primeiros a conquistar o diploma do ensino superior em suas famílias. Já nos cursos de Zootecnia e Medicina Veterinária, os achados foram de 50% e 45%, respectivamente.

Referente à escolaridade dos pais dos egressos da amostra (Tabela 6), os dados mostram que chega a 77% a porcentagem dos pais destes egressos que não chegaram a entrar na educação superior.

Tabela 6 – Escolaridade dos pais (em %)

Nível de instrução	Agronomia		Veterinária		Zootecnia		Média em %	Frequência Acumulada em %
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai		
Sem escolaridade	4	6	2	9	6	12	6	6
Fundamental incompleto	25	29	14	36	19	25	25	31
Fundamental	10	17	17	14	13	15	14	45
Médio	33	35	26	28	38	31	32	77
Graduação	15	10	26	7	8	12	13	90
Especialização Lato Sensu	10	1	14	5	15	4	8	98
Mestrado	1	0	2	0	0	0	1	99
Doutorado	0	0	0	2	0	0	0	99
Pós-doutorado	0	0	0	0	0	0	0	99
Não se aplica	1	3	0	0	0	2	1	100
Total	100	100	100	100	100	100	100	

Fonte: SOUZA, 2019, p. 51

Portanto, com base nas pesquisas, são observadas mudanças reais na região em que uma universidade federal esteja inserida, principalmente em se tratando das cidades do interior dos estados brasileiros (MEDEIROS, 2017; FILHO, 2009; GALINDO, 2018; SOUZA, 2019).

Dessa forma, considerando as mudanças ocorridas pela implementação de um conjunto de políticas públicas no ensino superior, nos últimos anos, novas configurações surgem decorrentes dos efeitos das suas respectivas implementações - e, mais ainda, nas cidades interioranas, onde temos como exemplo a própria UFAPE.

Entre esses novos manejos, conforme Marinho-Araújo (2016), consta a procura por atendimento psicológico nas universidades por parte do público discente. A autora identifica que

Diante dessa nova configuração no campus, houve também uma inesperada ampliação da procura por psicólogos na educação superior, pressupondo-se que os novos perfis estudantis, aliados às configurações e exigências acadêmicas, iriam requerer desse profissional “tratamento” para os “futuros, possíveis e previsíveis” problemas de aprendizagem, defasagens acadêmicas e inadequação social” (MARINHO-ARAÚJO, 2016, p. 203).

Partindo desse movimento pela busca do profissional em psicologia na educação superior, este trabalho vem a contribuir com a construção do perfil do discente que busca

atendimento psicológico na Assistência Estudantil da UFAPE, tema este que será abordado mais adiante.

Para tanto, com vistas ao alcance deste perfil, faz-se importante mencionar: as barreiras enfrentadas pelos graduandos no espaço universitário, no sentido de apontar suas principais dificuldades; pesquisas sobre a saúde mental do estudante no ensino superior, com vistas ao encontro de dados sobre o tema em questão; e, por fim, obras que consigam mostrar o perfil do discente que busca suporte psíquico nas IFES, com a finalidade de tanto observar como foram construídas as respectivas pesquisas quanto para analisar seus respectivos resultados, auxiliando, enfim, no desenvolvimento do presente trabalho.

Assim, inicia-se o próximo capítulo, primeiramente, com um conjunto de pesquisas que indiquem as barreiras vivenciadas pelos estudantes na educação superior.

2.2 AS DIFICULDADES VIVENCIADAS PELO GRADUANDO DURANTE SUA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Para Macedo (2017), o estudante ao adentrar em uma IFES, adquire uma tarefa dolorosa, uma vez que as particularidades deste nível de ensino não possuem tantas semelhanças aos ensinos fundamental ou médio. Para autora, “a descontinuidade e diferenças em relação às vivências anteriores desses estudantes causam certa insegurança quanto à carreira e escolhas, exigindo mudanças de hábitos, habilidades, novas estratégias de aprendizagem e capacidade de convivência com diferentes pessoas” (MACEDO, 2017, p. 1451). Neste sentido, Osse (2013) menciona que

ao ingressar na universidade, o jovem se depara com uma série de condições as quais tem que se adaptar, e, ao mesmo tempo, passa por uma fase crítica do seu desenvolvimento. Por outro lado é um período de grandes conquistas e de superação de grandes pressões sociais como, por exemplo, ter passado no vestibular. A saída da casa dos pais traz novas responsabilidades ligadas a tarefa cotidianas que precisam ser realizadas, impulsionando o desenvolvimento de autonomia (p. 25).

A pesquisa de Macedo (2017) teve por finalidade analisar os possíveis fatores para o insuficiente rendimento acadêmico de um grupo de alunos. O estudo contou com uma amostra de 20 discentes beneficiários da assistência estudantil da UFRPE, campus sede, em Recife/PE, sendo 10 da área de Exatas, 5 de Agrárias, 3 de Humanas e Sociais e 2 de Ciências Biológicas que obtiveram baixo desempenho acadêmico no semestre letivo 2016.1.

Esses discentes responderam a um questionário, onde foram analisadas as motivações para reprovação por nota e por frequência. Referente à reprovação por nota, 21% assinalaram que fora decorrente de dificuldades de aprendizagem; 17% metodologia do ensino pelo professor; e, empatados com 13%, a relação entre docente e discente bem como problemas familiares (MACEDO, 2017).

Segundo a autora, referente aos problemas com aprendizagem, motivação mais assinalada no questionário aplicado, as dificuldades podem estar relacionadas a diversos fatores, tais como: “motivação, adaptação à universidade, relação professor-aluno, condições socioeconômica, opção pelo curso” (MACEDO, 2017, p. 1.456).

Quanto aos motivos que levaram o estudante a reprovar por frequência, ficaram empatados, em primeiro lugar, dificuldades com aprendizagem e problemas familiares (21%); em sequência, metodologia de ensino pelo professor, empatada com a falta de interesse pela disciplina por parte do estudante (14%). Para Macedo (2017),

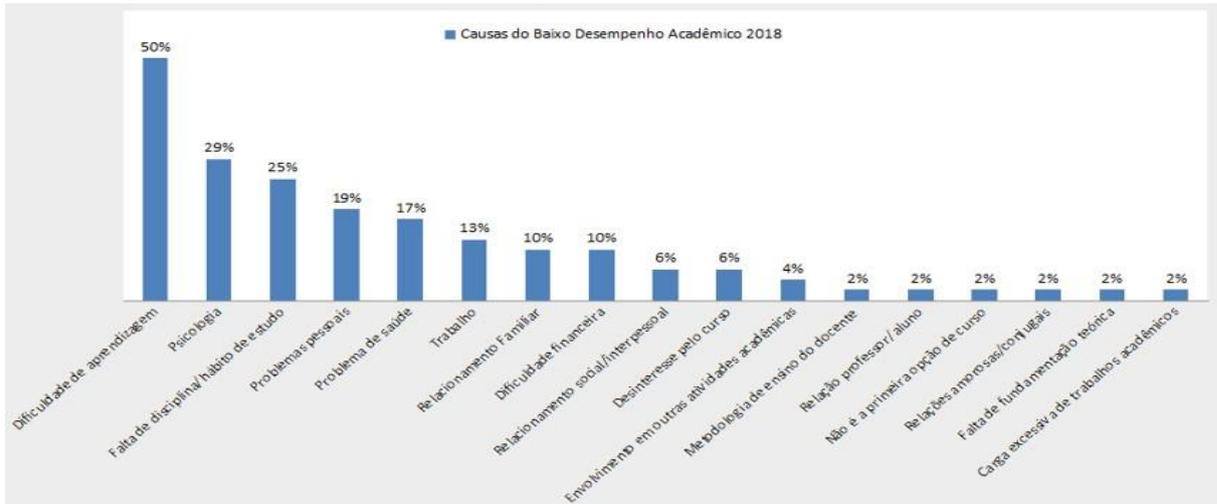
dessa forma, o conflito e a ausência de apoio parecem estar associados a comportamentos de inadaptação do jovem adulto e a dificuldades ao nível de seu desenvolvimento psicossocial. A partir dessas constatações, é possível reconhecer que um apoio parental adequado é de crucial importância no bem-estar e no desenvolvimento psicossocial do indivíduo (p. 1.459-1.460).

Outra pesquisa, sendo esta mais recente, considerou aqueles graduandos, assistidos pelos programas da assistência estudantil da PROGESTI, cujo rendimento acadêmico fora considerado abaixo do esperado, no ano de 2018 (MACEDO *et al.*, 2020). Esses estudantes da UFRPE, campus sede, em Recife, foram encaminhados ao setor pedagógico da pró-reitoria para análise das possíveis razões pelo decréscimo dos seus respectivos rendimentos acadêmicos.

Dessa forma, as 3 maiores queixas apresentadas por estes estudantes foram: 50% dificuldades de aprendizagem; 29% psicologia⁹ e 25% falta de disciplina/hábito de estudo, conforme Figura 2.

⁹Nomenclatura, considerada no estudo, enquanto dificuldades emocionais.

Figura 2 – Causas do Baixo Desempenho Acadêmico dos Estudantes Assistidos Acompanhados em 2018



Fonte: MACEDO *et al.*, 2020, p. 22

No estudo de Santana *et al.* (2014), que contou com uma amostra de 37 alunos, sendo de 2 turmas do primeiro período de um curso de licenciatura, na área de exatas, quando questionados sobre os fatores que dificultavam a sua admissão na Educação Superior, obtiveram-se os seguintes resultados: “dificuldade de organização pessoal para o estudo; ausência de conhecimento prévio na área de exatas; e problemas na relação professor-aluno, pelo temor dos alunos e pela intolerância dos professores com as dificuldades dos alunos” (SANTANA *et al.*, 2014, p. 234).

Já a pesquisa de Zatti e Biasus (2018) que fora aplicada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim, com 98 estudantes de 2 cursos superiores nas áreas de Administração e Engenharia, foi identificado que, quanto ao processo de adaptação acadêmica, a maior parte declarou uma adaptação sem maiores empecilhos. Contudo, houve discentes que descreveram um processo adaptativo com certos problemas, essencialmente, no início da graduação como também outros que ainda estavam se acostumando com o ambiente universitário.

Em comparação aos achados de Zatti e Biasus (2018), por outro lado, nos estudos de Macedo (2017), percebe-se uma dificuldade mais acentuada na adaptação acadêmica dos discentes advindos das escolas públicas, sendo exigido do mesmo, segundo a autora, “adequações tanto em nível pessoal, como social e acadêmico a uma nova realidade. Ainda referente à obra de Zatti e Biasus (2018), os mesmos conseguem extrair possíveis fatores tanto de fácil quanto de difícil adaptação acadêmica, uma vez que

o apoio familiar, a familiaridade com a instituição, a receptividade por parte dos funcionários e o fato de morar na mesma cidade em que se localiza a instituição são fatores associados à fácil adaptação. Contraparte, as dificuldades de adaptação foram vinculadas ao baixo desempenho acadêmico, à necessidade de adequação a um novo ritmo de estudo, fatores referentes à metodologia de ensino e avaliação, e, ainda, à necessidade de mudança de cidade (2018, p. 150).

Quanto ao planejamento de estudos, a maioria dos discentes declararam não possuírem uma rotina de estudos. Nesse aspecto, Zatti e Biasus (2018) dizem que “os dados apontam que o estudo é priorizado em época de provas, e, ainda, que o tempo dedicado aos estudos é bastante inferior ao que o estudante tem disponível para este fim” (p. 150).

A pesquisa traz, referente ao relacionamento com os docentes, que a maioria dos alunos aprovaram esse tipo de relação, com influência direta dos professores que se mostraram disponíveis e empenhados em ensinar. Nesse sentido, é possível perceber que “os professores influenciam o envolvimento do estudante com o curso pela forma como se preparam e ministram as aulas e como se relacionam com os alunos” (ZATTI; BIASUS, 2018, p. 150).

Macedo (2017) entende que a relação professor-aluno torna-se essencial para o progresso do ensino-aprendizagem através da interação qualificada entre ambos. E, complementa: “em outras palavras, para uma prática eficaz é necessário que o professor desenvolva um processo comunicativo-facilitador da aprendizagem” (MACEDO, 2017, p. 1457).

Retornando ao trabalho de Zatti e Biasus (2018), relativo aos entraves nas matérias dos cursos, a maioria dos discentes sinalizou possuir algum tipo de dificuldade. Os motivos foram diversos: desde o formato da aula pelo professor, passando pela própria dificuldade para o aprendizado, ausência de estudo, até mesmo a carência de conhecimentos de níveis de ensino anteriores.

Neste contexto, se faz importante considerar a influência da base escolar para o desempenho acadêmico do discente, dado que o conhecimento adquirido é elaborado de modo gradativo e acumulado, onde o que foi aprendido, durante a vivência escolar, torna-se a base fundamental para o processo de formação acadêmica (ZATTI; BIASUS, 2018). Nessa lógica, Araújo e Nascimento sinalizam que

o grande problema é que uma parcela significativa da população universitária encontra-se despreparada para assumir com autonomia e responsabilidade seus processos de aprendizagem. Isso se deve, em grande parte, ao pouco preparo das instituições de ensino básico, fundamental e médio, em ensinar aos alunos estratégias que de fato possam estimulá-los a serem autônomos e comprometidos com o ato de aprender (2017, p. 134).

Dando continuidade ao estudo de Zatti e Biasus (2018), com relação às barreiras vivenciadas nas disciplinas do curso de Administração, foram apontadas dificuldades, pela maioria, nas matérias que continham matemática ou mesmo que necessitassem de raciocínio lógico; já no curso de Engenharia, foram as disciplinas que tivessem matemática e física. Para os pesquisadores, “a falta de base de conhecimentos advindos da educação básica foi vista pelos estudantes de ambos os cursos como desencadeante das dificuldades percebidas nestes domínios específicos” (ZATTI; BIASUS, 2018, p. 152).

Macedo (2017) considera, como outro fator de destaque, que as condições socioeconômicas dos discentes podem vir a exercer forte influência no desempenho acadêmico do graduando, onde, segundo a mesma,

[...] pode-se citar como exemplos dessas condições a frequência a um curso do qual não se gosta, a necessidade de conciliar os estudos com alguma forma de trabalho, falta às aulas e de materiais de estudos por não ter como financiá-los. Esses são fatores explicativos de uma taxa de insucesso e de abandono, sobretudo junto dos alunos pertencentes aos grupos sociais mais desfavorecidos (MACEDO, 2017, p. 1.457).

Dessa forma, as pesquisas mostraram que são vários os tipos de dificuldades percebidas pelos estudantes ao ingressarem no ensino superior, tais como: diferenças entre o ensino médio e o superior, insegurança quanto à escolha do curso, mudanças de hábitos, dificuldades de aprendizagem, problemas familiares, metodologia do ensino pelo professor, dificuldades emocionais e falta de disciplina/hábito de estudo, entre outros. Tendo maiores problemas, quanto à adaptação acadêmica, os estudantes advindos de escolas públicas e em condições de vulnerabilidade social (MACEDO, 2017; MACEDO *et al.*, 2020).

Foram também detectadas dificuldades referentes à falta de base escolar na área de cálculo, conflitos na relação professor-aluno, barreiras de origem pessoal para o estudo e a mudança de cidade (SANTANA *et al.*, 2014; ZATTI; BIASUS, 2018).

Ademais, segundo Ansolin *et al.* (2015), não se pode desprezar que as inúmeras alterações no modo de viver do jovem, o qual ingressa na educação superior, possibilitem torná-lo vulnerável ao adoecimento psíquico durante o percurso da graduação. Assim, trataremos agora, na próxima seção, um apanhado de pesquisas sobre a saúde mental dos graduandos, incluindo também alguns trabalhos referentes à saúde mental dos pós-graduandos.

2.3 UM RETRATO DA SAÚDE MENTAL ENTRE OS DISCENTES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Esta seção tem início com o trabalho de Figueiredo e Oliveira (1995), o qual foi realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), localizada no interior do estado de São Paulo. Esta pesquisa teve por finalidade inicial a identificação dos temas de interesse da comunidade discente com vistas ao surgimento de um Programa de Educação em Saúde. Os autores então constataram que 37% tinham interesse em discutir sobre problemas emocionais; 24% sobre doenças sexualmente transmissíveis; 17,4% toxicomania; 10,7% métodos anticoncepcionais; e 2,6% alcoolismo.

Em pesquisa realizada por Osse (2013), foram aplicados 522 questionários referentes ao estado emocional de estudantes, entre 18 e 24 anos, da Universidade Federal de Brasília (UnB). Os resultados foram que 34% indicaram dificuldades de concentração; 38% problemas com atenção; 40,45% demonstram sofrer de ansiedade e 38% com problemas relacionados ao sono. Para a autora,

o jovem que vai para a universidade é exposto a um número maior de desafios, incluindo a iniciação de novos papéis, desenvolvimento de novas redes sociais, separação da família e antigos amigos, mais exigências acadêmicas, desenvolvimento de importantes tarefas desenvolvimentais, como, por exemplo, a consolidação da identidade, o estabelecimento de maior autonomia e independência, a exploração da intimidade na amizade e nas relações românticas, novas oportunidades enquanto adquire, gradativamente, maior independência e menor apoio dos pais (OSSE, 2013, p. 24).

Osse (2013) insere que o sofrimento psíquico ainda perdura em ser debatido em nossa sociedade. Para a pesquisadora, as pessoas quase não conversam sobre saúde mental e que, na oportunidade de surgir um membro familiar ou alguém próximo apresentando adoecimento mental, esse indivíduo, muitas vezes, é ignorado ou mesmo subestimam a sua condição psíquica. Em outros casos, agravando ainda mais o estado emocional da pessoa, percebem como “fraqueza”, dificultando o tratamento devido (grifo do autor).

Por outro lado, ainda segundo a autora, os efeitos do adoecimento mental podem não somente causar aflição ao indivíduo doente, mas também a toda dinâmica familiar envolta dele, onde

a pessoa com sofrimento psíquico pode mobilizar e interferir na estrutura familiar, angustiando e causando sofrimento aos que estão à sua volta. Diferente de uma patologia visível, o sofrimento psíquico não pode ser observado por meio de exames,

ele é compreendido com base em diferentes sintomas, e isso não quer dizer que não provoque dor e sofrimento (OSSE, 2013, p. 32).

Trazendo este cenário para a vivência acadêmica, Millan e Arruda (2008) mencionam que, no caso específico dos estudantes da graduação,

apesar de já ter ocorrido um progresso neste aspecto, ainda há entre os alunos preconceito em relação à doença psiquiátrica ou às dificuldades psicológicas. Isso faz com que muitos deles deixem de ir ao serviço ou que se envergonhem de ter ido. Outros zombam de colegas que procuraram ajuda, dizendo que são “loucos”. Isso faz com que diversos alunos que necessitam muito de auxílio psicológico não procurem o serviço” (p. 92, grifo do autor).

Conforme Padovani *et al.* (2014), “as exigências e demandas da vida universitária evidenciam que o estudante universitário, desde o seu ingresso na instituição, deve apresentar recursos cognitivos e emocionais complexos para o manejo das demandas deste novo ambiente” (p. 3). Alinhado a esse entendimento, a obra desses autores buscou identificar as vulnerabilidades e bem-estar psíquico dos estudantes, por meio da análise dos indicadores de saúde mental. Participaram 6 instituições de ensino superior: 3 universidades públicas, sendo 2 do estado de São Paulo e a outra do Rio de Janeiro; e 3 faculdades particulares, sendo 1 de Pernambuco e a outra do Estado de São Paulo (PADOVANI *et al.*, 2014).

Esse estudo contou com 3.587 alunos de diversas áreas (Ciências Sociais, Exatas, Humanas, Biológicas e da Saúde), com a coleta de dados efetivada entre 2010 e 2014, obtendo os seguintes resultados: em 2 instituições, num universo de 709 alunos, os sintomas de ansiedade foram detectados na maioria do sexo masculino (54,87%), e uma porcentagem de 13,5% com quadro de ansiedade relevante. Já os sintomas de depressão, nos níveis médio e grave, considerando 2 estabelecimentos de ensino superior e 689 acadêmicos, chegou a uma porcentagem de 7,26% dos estudantes.

Por fim, relativo à incidência de sofrimento mental, considerando 2 instituições, num universo de 1.403 universitários (sendo 61,65% de mulheres), foi constatado um percentual de 39,97% que apresentaram adoecimento psíquico, com maior incidência do público feminino.

Em sua obra, Padovani *et al.* (2014) mencionam que é possível existir alguma ligação entre o distanciamento familiar e a vulnerabilidade psíquica do graduando. Para os autores, “residir em localidade distante do núcleo afetivo de origem tem sido apontado como importante variável no processo de investigação da saúde mental do estudante universitário” (p. 3).

Outra pesquisa, construída por Neves e Dalgarrondo (2007) contou com 1.290 estudantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), os quais responderam a um

questionário, visando averiguar a prevalência de transtornos mentais autorreferidos, ou seja, em que o estudante afirma sofrer de determinada psicopatologia. Este estudo trouxe, como resultado, a prevalência de pelo menos um tipo de transtorno mental em 58% dos entrevistados, sendo 69% nas mulheres e 45% nos homens. Ao final da pesquisa, estes autores chegaram a seguinte conclusão:

este estudo revelou que o grupo de estudantes do gênero feminino apresenta maior queixa de sofrimento mental, maiores dificuldades psicossociais e utiliza mais os serviços de assistência à saúde mental disponíveis para os estudantes da Unicamp. Pode-se inferir que esta população apresenta dificuldades globais, decorrentes tanto de situações internas (sofrimento mental) como de situações interpessoais e ambientais (sentimentos de maior discriminação social, dificuldades na relação com amigos, com a família, com a universidade, além de provável situação socioeconômica mais baixa) (NEVES; DALGALARRONDO, 2007, p. 243).

O estudo de Ansolin *et al.* (2015) foi conduzido em uma instituição privada do estado do Paraná, em Agosto de 2013, para analisar a presença de transtornos mentais entre universitários. Por meio de entrevistas a um grupo de estudantes dos cursos de Psicologia (35) e Enfermagem (7), sendo eles homens e mulheres acima de 18 anos e do primeiro ano da graduação, as queixas mais incidentes foram: “sentir-se nervoso, tenso ou preocupado(a); ter sensação de tristeza; ter sensações desagradáveis no estômago e sentir-se cansado(a) o tempo todo” (ANSOLIN, *et al.*, 2015, p. 43).

Melo *et al.* (2020), por sua vez, ao pesquisarem os sintomas sentidos pelos discentes do curso de Administração do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), encontraram os seguintes resultados:

[...] sentimento de cansaço o tempo todo (77%), insatisfação ao realizar as atividades diárias (74,6%), mudança de humor constante (61,7%), dificuldade de lembrar-se das coisas (61,7%), tristeza (59%), insônia e alteração significativa de sono (57,4%), dificuldade de tomar decisões (54,7%), dificuldade de pensar com clareza (48,8%), dores de cabeça (41%), choro constante (28,5%), falta de apetite (27%) (p. 47).

Já o estudo de Oliveira *et al.* (2019) contou com 253 alunos de quaisquer graduações do estado do Ceará. Utilizando-se da aplicação de questionários, no período entre 27 de Maio de 2019 e 04 de Junho de 2019, teve por finalidade averiguar aspectos relacionados a qualidade de vida e ao adoecimento mental entre os universitários cearenses. Nesse sentido, ao serem questionados se a vivência acadêmica gera adoecimento mental, as maiores porcentagens foram de 58,9% concordando totalmente e de 29,6% concordando parcialmente com a afirmação. Ainda quanto aos resultados do presente estudo, segundo Oliveira *et al.* (2019),

foi observado também que 71,9% dos entrevistados declaram que já buscaram ou pensaram em buscar acompanhamento psicológico durante a graduação; já 28,1% declaram que não buscaram e nem pensaram em buscar esse tipo de acompanhamento. Notou-se também que dos estudantes entrevistados, 25,7% já apresentaram algum tipo de transtorno mental durante a graduação; 47% já apresentaram transtornos antes e também durante a graduação; 4,3% apresentaram apenas antes da graduação e 22,9% declaram nunca haver apresentado nenhum tipo de transtorno mental. Dentre os participantes 42,7% já deixaram de fazer trabalhos e provas por nervosismo e ansiedade, por outro lado 57,3% afirmaram nunca ter deixado (p. 7).

Vale mencionar que, considerando a alusiva pesquisa, a maior parte dos estudantes cearenses (71,9%) já procuraram ou mesmo cogitaram buscar apoio psicológico no período da graduação. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2019) entendem que “[...] esses dados confirmam que o ambiente acadêmico é um lugar gerador de sofrimento psíquico” (p. 9).

A IV edição da pesquisa nacional do perfil socioeconômico e cultural dos graduandos das IFES, promovida pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) e aplicada no ano de 2014, contou com a participação de 130.959 estudantes universitários (o que corresponde a 13,93% do total de matriculados nas IFES daquele ano, ou seja, a 939.604 discentes). A pesquisa mostrou que 79,8% declaram ter passado por problemas emocionais, que, de alguma forma, prejudicaram o seu desempenho acadêmico durante o último ano (FONAPRACE, 2016).

Ainda com base no citado documento, foi apresentada, aos graduandos, uma listagem onde deveriam marcar quais tipos de dificuldades mentais vivenciaram no último ano, com o seguinte resultado: ansiedade (58,36%), desânimo (44,72%), insônia (32,57%), sensação de desamparo/desespero (22,55%), sentimento de solidão (21,29%).

Continuando os achados, com quase 20% cada, foram apontados tristeza constante e sensação de desatenção/desorientação/confusão mental; 13% assinalaram distúrbios alimentares; 10,56% medo/pânico; e, como alerta, chegou-se as porcentagens de graduandos que vivenciaram ideia de morte e pensamento suicida, com 6,38% e 4,13%, respectivamente (FONAPRACE, 2016).

Já a V edição da pesquisa promovida pelo FONAPRACE contou com uma maior participação de estudantes (424.128), o que corresponde a 35,34% do total de discentes matriculados nas IFES (1.200.300) no primeiro semestre de 2018. Essa edição, mais recente, conforme Tabela 7, revelou que 83,5% afirmaram ter vivenciado sofrimento mental no último ano, o qual interferiu, de alguma maneira, na sua trajetória acadêmica (FONAPRACE, 2018, p. 204).

Referente à caracterização destas dificuldades emocionais, 63,6% dos estudantes afirmaram ter sofrido de ansiedade, seguido de desânimo/desmotivação (45,6%) e de

insônia/alterações no sono (32,7%), conforme Tabela 7. A referida tabela traz ainda que 8,5% dos graduandos relataram pensamento suicida¹⁰ e outros 10,5% ideia de morte.

Tabela 7 – Dificuldades emocionais que interferem na vida acadêmica nos últimos doze meses, 2018 (%)

Problemas ou sensações de:	Não	Sim
Ansiedade	36,4	63,6
Tristeza persistente	77,1	22,9
Timidez excessiva	83,8	16,2
Medo/pânico	86,5	13,5
Insônia/alterações no sono	67,3	32,7
Desamparo/desespero	71,8	28,2
Desatenção/desorientação/confusão mental	77,9	22,1
Problemas alimentares	87,7	12,3
Desânimo/desmotivação	54,4	45,6
Solidão	76,5	23,5
Ideia de morte	89,2	10,8
Pensamento suicida	91,5	8,5
Dificuldades emocionais	16,5	83,5

Fonte: FONAPRACE, 2018, p. 205

Neste cenário, alusivo à V edição da pesquisa do FONAPRACE, “entre os (as) estudantes que reportaram dificuldades emocionais 11,1% encontram-se em tratamento psicológico; 63,7% nunca procuraram atendimento psicológico; 7,5% tomam medicação psiquiátrica” (FONAPRACE, 2018, p. 205). Constata-se, portanto, comparando-se às duas últimas edições da pesquisa, que a prevalência de dificuldades emocionais que impactaram no desempenho acadêmico do graduando teve aumento, passando de 79,8% para 83,5% (FONAPRACE, 2016; FONAPRACE, 2018) bem como ao se comparar os percentuais dos tipos de dificuldades emocionais, trazidas na III, IV e V edições, pelos universitários, chegasse ao seguinte resultado, conforme Tabela 8.

¹⁰Considera-se pensamento suicida o fato de se cogitar o ato e não a sua efetivação (FONAPRACE, 2018).

Tabela 8 – Dificuldades emocionais de estudantes das IFES nos anos 2010, 2014 e 2018 (%)

Problemas ou sensações de:	2010	2014	2018
Ansiedade	70,0	58,4	63,6
Tristeza persistente	-	19,3	22,9
Timidez excessiva	25,0	15,5	16,2
Medo/pânico	14,0	10,6	13,5
Insônia/alterações no sono	44,0	32,6	32,7
Desamparo/desespero	36,0	22,6	28,2
Desatenção/desorientação/confusão mental	31,0	19,3	22,1
Problemas alimentares	12,0	12,6	12,3
Desânimo/desmotivação	-	44,7	45,6
Solidão	-	21,3	23,5
Ideia de morte	-	6,4	10,8
Pensamento suicida	-	4,1	8,5

Fonte: FONAPRACE, 2018, p. 208

Os dados da Tabela 8 demonstram que, embora a porcentagem da Ansiedade tenha diminuído entre as edições de 2010 e 2014, a mesma voltou a subir em 2018, passando dos 60%. Quanto às dificuldades emocionais caracterizadas por desânimo/desmotivação, houve um aumento de menos de 1%, passando de 44,7% em 2014 para 45,6% em 2018. Já relativo aos problemas relacionados a insônia/alterações no sono, da mesma forma que a ansiedade, houve diminuição na taxa entre as edições de 2010 e 2014, mas, praticamente, manteve-se a taxa, entre as pesquisas de 2014 e 2018, passando de 32,6% para 32,7%.

Comparando-se os dados das edições de 2014 e 2018, ainda referente à tabela 8, os resultados mostram que, excetuando-se as taxas de problemas alimentares, as demais porcentagens apresentaram aumento, com destaque para as seguintes: ideação de morte (com aumento de 68,8%) e pensamento suicida (que cresceu 107,0%) (FONAPRACE, 2018).

Almeida (2018) insere que os resultados são alarmantes e que existe “a necessidade de intervenções urgentes sobre o sofrimento psíquico no ambiente universitário, no sentido de se construir estratégias coletivas de enfrentamento ao sofrimento mental que está sendo produzido no ensino superior” (ALMEIDA, 2018, p. 133). Para Costa e Nebel (2018), a presença de transtornos mentais entre os graduandos, lamentavelmente, é uma realidade uma vez que

as transformações inerentes ao desenvolvimento de uma vida pessoal autônoma, somadas às exigências da vida acadêmica e às expectativas quanto ao futuro profissional, muitas vezes, vulnerabilizam o bem-estar psicológico dos estudantes, levando-os ao desenvolvimento de doenças como ansiedade, depressão, distúrbios do sono, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas, e até mesmo, tentativa de suicídio e suicídio consumado (COSTA; NEBEL, 2018, p. 218).

Seguindo a linha de raciocínio de Costa e Nebel (2018), Oliveira *et al.* (2019) entendem que a prática do suicídio entre os graduandos pode ter relação com a vivência universitária e que isto precisa ser considerado pelas instituições. Para os autores, cursar uma graduação

implica em verdadeiras mudanças na vida desses jovens onde, se por um lado, a inclusão social pode ser vista como um alicerce, por outro, o isolamento e a falta de apoio advindo de colegas, familiares e servidores das IFES pode agravar o adoecimento mental, propiciando assim a prática do suicídio.

Mesmo não sendo objeto direto desta pesquisa, pode-se perceber, também, a incidência de sofrimento psíquico entre os estudantes de pós-graduação. Neste contexto, Costa e Nebel (2018) alertam que o tema muitas vezes parece ser ignorado pela academia, mas pesquisas mencionam que o estresse entre esses estudantes é maior do que os da graduação.

Para Malagris *et al.* (2009), “quanto mais amplo o conhecimento da realidade dos alunos de pós-graduação, certamente maiores serão as possibilidades de se pensar em políticas de assistência estudantil que, de fato, sejam efetivas para esse grupo de indivíduos” (p. 190). Dessa forma, os autores vêm a contribuir com essa pesquisa, a qual teve como objetivo avaliar a presença do estresse entre um grupo de pós-graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O estudo contou com 140 estudantes dos programas de pós-graduação da UFRJ, sendo divididos da seguinte forma: 17 do Centro de Ciências da Matemática e da Natureza (CCMN), 20 do Centro de Letras e Artes (CLA), 20 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), 20 do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), 20 do Centro de Ciências da Saúde (CCS), 23 do Centro de Tecnologia (CT) e 20 do Fórum de Ciência e Cultura (FCC).

Esses estudantes responderam a um questionário sobre a presença do estresse durante a realização do curso, onde, na fase de aplicação da pesquisa, foi detectado que 58,6% encontravam-se estressados. Separando-se por nível de pós-graduação, Malagris *et al.* (2009) apontam que dos 75 discentes dos cursos de mestrado, 42 demonstravam estresse (correspondente a 52% da amostra) e dos 65 alunos de doutorado, 40 apresentaram sintomas condizentes ao estresse (correspondente a 62% do total).

Quanto ao tipo de sintoma de estresse, 74,4% apresentaram sintomas psicológicos (preocupação, ansiedade, tensão, entre outros); 17,1% por meio de sintomas físicos; e, 8,5% externavam o estresse através de ambos os tipos de sintomas. Malagris *et al.* (2009) alertam que “tais sintomas podem perturbar bastante o desempenho acadêmico e a qualidade de vida do estudante” (p. 198).

Já entre os programas analisados, constatou-se que o CCMN teve a maior incidência de estresse entre os estudantes (82,4%) seguido do CT (61%), FCC (60%), CLA e CFCH (55%), e, por fim, empatados o CCJE e o CCS (50%).

Outros dados da pesquisa de Malagris *et al.* (2009) foi de que as mulheres, com 67,7%, apresentaram maiores níveis de estresse em comparação com os homens, com 48,4%. Por outro lado, os pós-graduandos, que exerciam algum trabalho fora do ambiente acadêmico, independente do sexo, apresentaram níveis de estresse menores em relação aos que não trabalhavam com 48,4% e 67,8%, respectivamente.

Outro autor que estudou o estresse entre os pós-graduandos foi Faro (2013) ao buscar identificar os principais estressores presentes nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, bem como mensurar o nível de estresse e as possíveis variáveis associadas. Sua pesquisa contou 2.157 estudantes de todo Brasil, sendo eles mestrandos (61,9%) e doutorandos (38,1%), entre 66 instituições que ofertavam mais de 100 programas de pós-graduação, sendo 39 IFES (59%), 15 universidades estaduais (22,7%), 9 faculdades privadas (13,6%) e 3 instituições de pesquisa (4,7%).

A proporção de estudantes no trabalho foi de 1.425 das IFES (66,1%); 613 de universidades estaduais (28,4%); 74 de faculdades privadas (3,4%) e 45 de instituições de pesquisa (2,1%), com representações de todas as áreas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Agrárias, Biológicas, Saúde, Exatas e da Terra, Humanas, Sociais Aplicadas, Engenharias, e Linguística, Letras e Artes.

Quanto ao perfil sociodemográfico, os resultados mostraram que 70,5% eram discentes oriundos das regiões Sul e Sudeste; 71% do sexo feminino; idade média de 28 anos; renda mensal de R\$ 1.500 reais; 73% tinham relação afetiva ou conjugal estável e 78,3% não possuíam filhos (FARO, 2013).

Quanto aos níveis de estresse, os achados foram os seguintes: as mulheres mostraram maior índice de estresse no comparativo com os homens; quanto menor a renda do estudante, maior o estresse; quanto maior a proximidade com a finalização do curso, existe um aumento do nível de estresse (FARO, 2013).

Outros dados encontrados foram que, os pós-graduandos, que já tiveram experiência na área (antes do curso, ou mesmo que trabalhavam, concomitantemente ao curso), indicaram pouco nível de estresse; os estudantes da região Norte do Brasil foram os que apresentaram os índices mais altos de estresse tendo como contraponto a região Sul com os menores níveis entre os participantes da amostra (FARO, 2013).

Ainda quanto a mensuração dos níveis de estresse, Faro (2013) observa que não foi apresentado diferença estatística significativa, ao se comparar os níveis de estresse entre mestrandos e doutorandos ou mesmo entre as áreas de conhecimento, chegando à conclusão

que os impactos do estresse perpassam os graus de formação acadêmica e necessita atenção das instituições.

Contudo, o autor chama atenção para um elemento em comum entre os programas de mestrado e doutorado, ou seja, a relação com orientador. Para Faro (2013), “a relação com orientador, nesse caso, é um elemento na cadeia de estressores que pode surgir como minimizador ou fomentador do estresse” (p. 58).

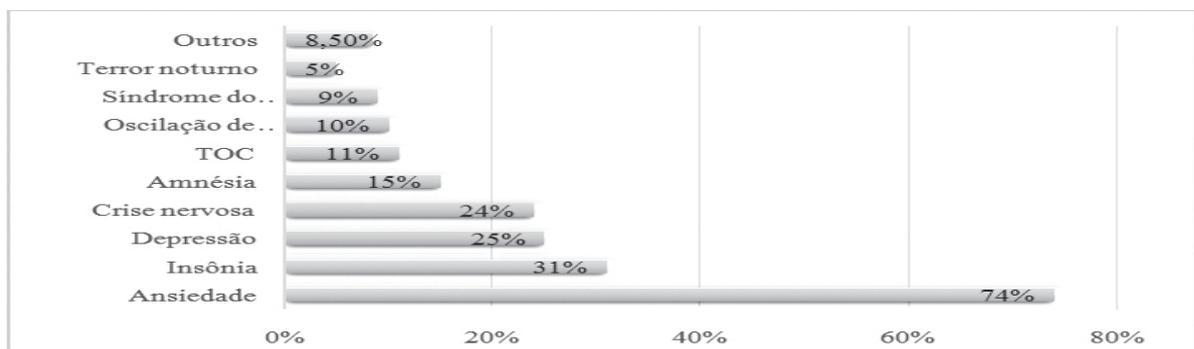
Nesse aspecto, torna-se imprescindível a descoberta dos principais estressores envolvidos durante o processo de formação do pós-graduando. Assim, com base nos resultados de sua obra, o autor percebeu que

[...] a pressão pelo bom desempenho no curso e diante da banca de defesa, além da interferência dos estudos sobre outros aspectos da vida, foram os fatores estressógenos mais citados enquanto preocupações para com o seu curso. Em relação as dificuldades, as finanças pessoais, a compatibilização entre vida de estudante e vida pessoal, o tempo disponível para os estudos e a pressão por publicação, conhecida como o dilema entre “publicar ou perecer”, complementaram a lista de estressores mais importantes na pesquisa (FARO, 2013, p. 58).

Por fim, ao abordar o alto investimento na ampliação dos programas de pós-graduação no Brasil, Faro (2013) atenta que “talvez, como um indesejado tributo a ser pago por essa escalada, o avanço da pós-graduação no país não se fez de modo indolor, em especial para pós-graduandos e seus orientadores, tendo sido dosado por uma elevada pressão, visando à qualificação dos programas de mestrado e doutorado” (p. 51).

Passando para a pesquisa de Costa e Nebel (2018), esta contou com a participação de 2.903 discentes da pós-graduação no Brasil, os quais foram questionados se sofrem de algum tipo de transtorno mental, tendo as respostas representadas através do Gráfico 2. Entre os resultados, destaca-se que as 3 maiores respostas foram ansiedade (74%), insônia (31%) e depressão (25%).

Gráfico 2 – Respostas à pergunta “Você sofre com algum dos transtornos abaixo?”



Fonte: COSTA; NEBEL, 2018, p. 215

Em sua obra, são mencionadas possíveis razões que podem propiciar o adoecimento mental entre os pós-graduandos, tais como: o tabu existente para o cuidado em saúde mental na academia; a insegurança financeira entre os estudantes bolsistas, ou seja, o medo de perder, muitas vezes, sua única fonte de renda; a diminuição do prazo para titulação, uma vez que quanto menor o prazo para a conclusão dos estudantes, aumenta-se a chance do programa de pós-graduação obter notas mais altas na avaliação da CAPES (COSTA; NEBEL, 2018).

São inseridas ainda, como prováveis fatores para a incidência de doenças mentais entre esses estudantes: a incerteza quanto ao futuro profissional, pois tanto o setor público quanto o privado não consegue abarcar a quantidade de mestres e doutores concluintes; a pressão psicológica antes e em torno do momento da defesa; a relação entre estudante e orientador; isolamento social; e a preocupação com o currículo lattes (COSTA; NEBEL, 2018).

Nesse contexto, considerando a presente coletânea de pesquisas sobre a saúde mental do discente universitário, torna-se possível realizar algumas considerações, tais como: o tema de maior relevância a ser discutido pela comunidade universitária da UFSCar foi relacionado aos problemas emocionais; na UnB, a maioria dos discentes revelaram sofrer de ansiedade; e, na UNICAMP, foi detectado que a maior parte dos discentes apresentou, pelo menos, um tipo de transtorno mental, com prevalência do sexo feminino (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 1995; OSSE, 2013; NEVES; DALGALARRONDO, 2007).

No Ceará, a maioria dos estudantes de graduação entendem que a vivência acadêmica pode ser um gerador de adoecimento psíquico, bem como grande parte desse público já buscou auxílio psíquico, ou mesmo cogitou a procura ao longo de sua trajetória acadêmica (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Referente às IV e V edições da pesquisa do FONAPRACE, foi revelado o aumento da taxa de discentes que disseram ter experienciado sofrimento psíquico no último ano, o qual atrapalhou o seu desempenho acadêmico. Assim também, entre os graduandos, o aumento significativo do pensamento suicida e ideia de morte, permite concluir que a prática do suicídio pode ter ligação com a vivência universitária (FONAPRACE, 2016; FONAPRACE, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Por fim, sem maiores pretensões de aprofundamento, mas com vistas a ampliar o olhar sobre a saúde mental na universidade, ao se pesquisar o tema na pós-graduação, foi averiguado que os índices de adoecimento mental desse estudante podem ser até maiores em comparação com os discentes da graduação (COSTA; NEBEL, 2018).

No caso dos pós-graduandos da UFRJ, em sua maioria, foi detectada a presença do estresse manifestados por meio de sintomas psíquicos, seja entre mestrandos ou doutorandos -

com maiores índices destes últimos - afetando, diretamente, a qualidade de vida destes discentes (MALAGRIS *et al.*, 2009).

Já em estudo, contando com pós-graduandos do país inteiro, obtendo representações de todas as áreas da CAPES, foi detectado que o sexo feminino apresentou índices de estresse em dobro em comparação ao sexo masculino; com a proximidade do término da pós-graduação, houve aumento do estresse; e que não existiram diferenças significativas na comparação dos índices de estresse entre mestrandos e doutorandos (FARO, 2013). Em outra obra, construída por Costa e Nebel (2018) com estudantes da pós-graduação do Brasil, foi percebido que a maioria responderam sofrer de ansiedade, seguido de insônia e depressão.

Foi apontado também que ainda persiste o tabu em se discutir sobre o tema dentro das universidades, bem como a aversão do pós-graduando (mesmo com sua saúde mental bastante debilitada) em procurar suporte psicológico, seja fora ou dentro da instituição. Esse comportamento, muitas vezes, em virtude do preconceito em relação aos cuidados com a saúde mental ou mesmo o medo de repressões por parte de colegas e da própria família (COSTA; NEBEL, 2018; OSSE, 2013; MILLAN; ARRUDA, 2008).

Assim, foi possível compreender que o adoecimento mental pode ser encontrado tanto junto aos estudantes da graduação quanto da pós-graduação, fortalecendo a ideia de um adoecimento endêmico. É nesse contexto que passaremos agora para o último capítulo, relativo ao perfil psicossocial do discente que busca suporte psíquico no espaço universitário.

2.4 O PERFIL PSICOSSOCIAL DO ESTUDANTE QUE BUSCA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NAS UNIVERSIDADES

É consenso, entre diversos pesquisadores, que o trabalho idealizado pelo docente Gaudino Loreto foi o pioneiro no Brasil referente à oferta de suporte psíquico ao estudante da graduação. A sua pesquisa trouxe a vivência do professor em possibilitar assistência psiquiátrica aos graduandos do curso de Medicina da UFPE, tendo início no ano de 1957 (MILLAN; ARRUDA, 2008; CERCHIARI *et al.*, 2005; OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Nesse âmbito, servindo também como referência na área, se encontra o estudo de Millan e Arruda (2008), o qual trouxe a vivência de 21 anos do Grupo de Assistência Psicológica ao Aluno (GRAPAL) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Esse grupo iniciou seus trabalhos no ano de 1986, chegando a atender, até o ano de 2006, 4.240 estudantes do curso de medicina através de 13.783 atendimentos.

Tendo em sua obra como um dos seus tópicos “o que leva o estudante de medicina a buscar auxílio psicológico” (MILLAN; ARRUDA, 2008, p. 91), os pesquisadores identificaram que as mulheres buscaram assistência psíquica o dobro de vezes em relação aos homens. Ademais, foi detectada uma diversidade de motivos quanto à procura do graduando por apoio psicológico no contexto universitário.

Foi possível perceber que as motivações da maioria dos discentes caracterizaram-se pelos transtornos de humor atrelados a estados depressivos, transtornos depressivos contínuos e transtornos bipolar (MILLAN; ARRUDA, 2008). Porém, especificamente, quanto aos graduandos do curso de medicina, os autores inserem que

as perdas com que os alunos deparam-se no transcorrer do curso, como a redução das horas de lazer e do contato com antigos amigos, a menor disponibilidade para estar com a (o) namorada (o), o fim da idealização do curso e a crescente conscientização dos problemas existentes na profissão médica, somados a uma personalidade que costuma ser exigente, podem, em parte, dar sentido à alta incidência de quadros depressivos (MILLAN; ARRUDA, 2008, p. 91).

Seguindo as motivações para os atendimentos psicológicos junto ao GRAPAL, surgem os transtornos de ansiedade. Nesse aspecto, os pesquisadores creditam esta incidência ao sentimento de competitividade entre os estudantes por melhores desempenhos acadêmicos com vistas às vagas de projetos de pesquisa, estágios fora do país ou mesmo em face dos processos seletivos de residência médica.

Pode-se considerar também que foram escassos os episódios de surtos psicóticos por parte dos graduandos, bem como de dependência de drogas. Porém, na ocorrência de ambas, foi percebida uma repercussão maciça tanto no âmbito pessoal quanto a nível institucional, seja para o estudante ou para a própria IFES (MILLAN; ARRUDA, 2008). Nos anos finais da pesquisa, houve uma mudança percebida quanto ao aumento do número de queixas referentes aos transtornos alimentares.

Por fim, quanto à procura restante pelo serviço psicológico na FMUSP, foram encontrados os seguintes resultados:

[...] dificuldades nas relações amorosas, na convivência com colegas, com professores ou com a família. Outros apresentam dificuldades de adaptação à faculdade (tipo de aulas, volume de matéria, método de estudo, falta de tempo para o lazer), de adaptação à cidade de São Paulo, dúvidas vocacionais ou problemas no internato, como os plantões, o relacionamento com seu grupo de trabalho ou com a equipe de estágio (MILLAN; ARRUDA, 2008, p. 91-92).

Já a pesquisa de Cerchiari *et al.* (2005) teve por objetivo a caracterização psicossocial dos usuários do Centro de Atendimento Psicológico (CAP) da Universidade Estadual do Mato Grosso (UEMS), Unidade de Dourados, no período entre Maio de 2000 e Julho de 2001.

Para tanto, considerando os cursos de graduação ofertados pela instituição (Enfermagem, Letras, Ciência da Computação, Turismo e Direito), foi utilizada a totalidade dos registros de atendimentos psicológicos junto ao CAP, perfazendo um total de 81 prontuários analisados, sendo 2 de servidores administrativos, 5 de professores, 5 de familiares dos discentes e 69 relativos aos estudantes, o que correspondente, este último, a 9,5% do total de discentes na época da pesquisa.

Contudo, apesar dos registros dos atendimentos apontarem para uma maior procura por parte do público estudantil, os mesmos, segundo Cerchiari *et al.* (2005), não conseguem refletir, seguramente, a quantidade de discentes que precisam de apoio emocional ou tratamento em saúde mental.

Nesse sentido, o trabalho apresentou os seguintes resultados: “[...] 54% eram de alunos de Enfermagem, 22%, de Direito, 14%, de Letras, 7%, de Turismo e 3% de Ciência da Computação. A clientela, majoritariamente, feminina (83%), solteira (80%), com idade entre 18 e 44 anos, predominando a faixa de 19 (46%) e 20 anos (42%)” (CERCHIARI *et al.*, 2005, p. 259).

Referente ao percentual dos graduandos do curso de Enfermagem, destaca-se que mais de 85% compõem o segundo ou terceiro ano da graduação. Nessa perspectiva, segundo os autores, os referidos anos de formação acadêmica coincidem, justamente, com o início da prática curricular (para os discentes do segundo ano), assim também com a vivência das mais variadas formas de atuação do profissional (para os do terceiro ano).

Quanto às maiores incidências de faixa etária (19 e 20 anos), os pesquisadores entendem que essas idades coincidem com a do adulto jovem. Esse indivíduo, em processo de construção de sua identidade sexual, profissional e ideológica consegue, em paralelo, adentrar na universidade, onde “[...] da combinação variada desses fatores pode resultar o que se denomina choque cultural, que, por sua vez, pode produzir um estado de ansiedade, levando a constituir outra fonte de estresse” (CERCHIARI *et al.*, 2005, p. 262).

Já referente às demandas mais presentes durante os suportes psíquicos, estas se constituíram em “cansaço, dificuldades de aprendizagem e de concentração, esquecimento, perturbação do sono, sentimentos de fracasso, irritabilidade, inibição, timidez, baixa autoestima, insegurança, desânimo e dificuldades nos relacionamentos interpessoais”

(CERCHIARI *et al.*, 2005, p. 259-260). Finalizando seu trabalho e em conformidade com os achados da sua pesquisa, Cerchiari *et al.* (2005) preocupam-se quanto

[...] à importância da reflexão sobre o processo de ensino, principalmente na forma como as atividades acadêmicas são distribuídas ao longo dos cursos e a atenção para com o processo de adaptação dos estudantes na vida universitária, considerando que os alunos que já apresentaram problemas/dificuldades nos períodos anteriores, terão maior propensão em apresentar sofrimento psíquico durante o período acadêmico (p. 263).

Dando continuidade, o trabalho de Peres *et al.* (2004) teve por finalidade traçar o perfil sociodemográfico e psíquico dos discentes dos cursos de Psicologia, Letras, História e Biologia, que procuraram auxílio psíquico, entre 2000 e 2001, por meio do Programa de Pronto-Atendimento Psicológico ao Aluno (PPAPA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Os pesquisadores observaram que o número de estudantes que buscaram atendimento psíquico nos anos escolhidos foi baixo. Mesmo havendo aumento no número de atendimentos entre um ano e outro, ou seja, passando de 58, em 2000, para 78, em 2001, a procura foi bastante pequena em comparação com o número total de estudantes matriculados - 1.425, em 2000, e 1.439, em 2001.

Para os autores, foi possível perceber que “muitos usuários procuram o serviço com queixas aparentemente circunstanciais e demonstram interesse apenas em “desabafar”, como eles mesmos relatam. Na maioria das vezes, tais queixas sugerem, a princípio, a existência de uma demanda de escuta e acolhimento pontual” (PERES *et al.*, 2004, p. 49). O trabalho mostrou ainda que, quanto às demandas dos graduandos, estas foram divididas em 3 tipos, sendo:

1) dificuldades psicológicas circunstanciais (tais como ansiedade frente às provas do curso universitário e desentendimentos ocasionais com companheiros de moradia); 2) dificuldades psicológicas moderadas (como, por exemplo, dificuldades de se distanciar da família e das pessoas queridas do município de origem e estabelecer vínculos na nova cidade) e 3) dificuldades psicológicas severas (tais como alcoolismo, drogadição, depressão e tentativa de suicídio) (PERES *et al.*, 2004, p. 52).

Partindo dessas divisões, os autores identificaram que a maioria das solicitações estavam relacionadas às dificuldades psicológicas moderadas (tipo 2) com 26 discentes (45%) no ano 2000, e 33 estudantes (41%) no ano de 2001. Continuando a análise dos achados, Peres *et al.* (2004) trazem que as motivações destes estudantes decorriam de dificuldades dos mesmos em lidar com o distanciamento familiar e de pessoas com as quais possuíam vínculo afetivo em suas cidades natais como também dificuldades em criar novas amizades na cidade em que está localizada o curso de graduação.

Contudo, os pesquisadores alertam que “[...] a experiência do PPAPA tem evidenciado que, na maioria das vezes, queixas desse tipo frequentemente mascaram um conflito psicológico subjacente mais significativo” (PERES *et al.*, 2004, p. 52).

É com base nessa ponderação que o estudo traz um aspecto importante: a maioria dos alunos foram encaminhados para psicoterapia com estagiários do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA), sendo 18 estudantes (31%), no ano 2000, e 25 estudantes (31%), em 2001, ou, ainda, junto a psicólogos conveniados ao PPAPA com 14 estudantes (24%), em 2000, e 22 discentes (28%), no ano de 2001.

Por fim, os registros dos atendimentos psicológicos por meio do PPAPA, “indicam que a maioria dos usuários do serviço no biênio 2000-2001 era ingressante na universidade, tinha de 19 a 22 anos, era do gênero feminino e oriunda do curso de Psicologia, não exercia atividade profissional remunerada, apresentou queixas iniciais relacionadas a dificuldades psicológicas moderadas e foi encaminhada para psicoterapia” (PERES *et al.*, 2004 p. 53).

Já o estudo idealizado por Porto (2017), em uma universidade federal na Amazônia Sul Ocidental, teve a participação de 328 pessoas as quais realizaram apoio psíquico na referida IFES. Foram 2.170 atendimentos a toda comunidade acadêmica entre os anos de 2009 e 2014, sendo que 54% do total foram direcionados aos graduandos. Outro dado importante, englobando tanto servidores quanto estudantes e até dependentes destes, é que 163 atendimentos agendados não foram concretizados pelo fato do não comparecimento da pessoa ao atendimento.

Referente às demandas apresentadas pelos estudantes durante os suportes psíquicos, segundo Porto (2017), o *bullying* surge de forma bastante incidente através de diversas modalidades de violência como racial, gênero, grupo social, orientação sexual, entre outros. Essa configuração necessita de atenção uma vez que “[...] os elementos que produzem a reação de opressão, perseguição e humilhação que caracterizam o *bullying* coincidem com as características dos indivíduos que tiveram sua possibilidade de ingresso nas universidades públicas a partir das cotas [...]” (PORTO, 2017, p. 904).

Porto (2017) menciona outras queixas apresentadas pelos estudantes ao longo de 5 anos de atendimentos psicológicos realizados, tais como: conflitos na interação com colegas e/ou docentes; problemas de adequação quanto a mudança de cidade devido ao curso; o começo dos estágios e a finalização da graduação; apresentação de seminários; ansiedade, utilização de medicação psiquiátrica, problemas familiares, luto; uso abusivo de drogas; assédio sexual por parte de docentes; síndrome do pânico, violência doméstica, violência de gênero, entre outras.

Chegando ao estudo de Pinho (2016), este teve como proposta a caracterização do graduando que buscou o serviço psicológico na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Sendo essa instituição de ensino superior de caráter privado, a pesquisa baseou-se na análise de 102 registros de estudantes atendidos e 338 atendimentos realizados no ano de 2011.

Os resultados foram que, quanto à idade, foi detectado uma maior concentração na faixa etária entre 21 e 25 anos (55,9%); quanto ao sexo, existiu a predominância de mulheres com 78 registros (76,5%) em relação a 24 registros de homens (23,5%); e, quanto aos atendimentos por curso, os estudantes de Medicina se destacaram na procura por atendimento, tanto no 1º quanto no 2º semestre de 2011 (PINHO, 2016).

Por fim, referente aos motivos da busca do discente por assistência psicológica na UNOESC, “[...] predominou significativamente o déficit ou dificuldades nas habilidades sociais, seguida dos transtornos de humor e dependência química” (PINHO, 2016, p. 121).

Neste momento, é trazida a pesquisa de Dallagnol (2018) que buscou identificar os motivos da procura discente por suporte psíquico em uma universidade federal a qual ofertara os seguintes cursos: Medicina Veterinária, Nutrição, Letras, Química, Física e Ciências Biológicas.

Foram aplicados 32 questionários, após os atendimentos, aos graduandos que buscaram o serviço psicológico, entre 14 de Agosto de 2017 e 13 de Dezembro de 2017, sendo que 2 destes foram desconsiderados uma vez que, na aplicação dos questionários, eram menores de 18 anos, contabilizando assim 30 questionários válidos.

Referente à participação dos alunos por período do curso, a autora ressalta que a pesquisa foi efetivada no 2º semestre de 2017 e que o ingresso de novos estudantes na instituição é realizada apenas no 1º semestre de cada ano, portanto, não existindo turmas de ingressantes quando da aplicação dos questionários.

Nesse contexto, o estudo de Dallagnol (2018) traz os seguintes resultados: por semestre de graduação, a maior parte informou ser do 2º período (40%), seguido do 4º período (26,67%); quanto à idade, a média foi de 20,3 anos, sendo o mais novo apresentando 18 anos e o mais velho com 24 anos.

Quanto ao perfil dos graduandos da amostra, conforme Tabela 9, os achados foram os que seguem: 66,67% dos participantes responderam que foi sua primeira experiência de atendimento psicológico realizado no contexto universitário; 86,67% relataram que o curso que fazem foi sua primeira opção de graduação; 36,67% recebem benefício pecuniário por parte da IFES; e 76,66 afirmaram ter mudado de cidade ou residência de origem.

Tabela 9 – Perfil dos participantes da pesquisa

Dados	Percentual (%)
Frequentam sua primeira opção de curso superior	86,67
Estudante-trabalhador	26,67
Estudante não trabalhador	73,33
Foi o primeiro atendimento psicológico na instituição	66,67
Recebem auxílio socioeconômico ou bolsa permanência	36,67
Mudaram de sua residência de origem ou cidade	76,66

Fonte: DALLAGNOL, 2018, p. 100

Dallagnol (2018) traz ainda que, referente aos motivos da procura por atenção psicológica, os discentes poderiam assinalar mais de uma opção entre as 5 disponíveis. Os resultados foram que a maior parte (23) afirmou que foi devido a aspectos emocionais que interferiram no processo de aprendizagem (76,6%), seguido de 13 graduandos, os quais responderam que aspectos do processo de aprendizagem influenciaram emocionalmente (43,33%), conforme Tabela 10¹¹.

Tabela 10 – Motivo(s) da procura pelo serviço de Psicologia na instituição

Alternativas	Quantidade/ estudante	Percentual (%)
Aspectos emocionais que não influenciaram no processo de aprendizagem.	7	23,33
Aspectos emocionais que interferiram no processo de aprendizagem.	23	76,66
Aspectos do processo de aprendizagem que não afetaram emocionalmente.	0	0
Aspectos do processo de aprendizagem que influenciaram emocionalmente.	13	43,33
Orientação sobre outra situação em que não há aspecto emocional ou dificuldade de aprendizagem envolvidos. Outros.	10	33,33

Fonte: DALLAGNOL, 2018, p. 100

Por fim, quando os estudantes foram indagados a descreverem os sintomas psíquicos que lhes fizeram buscar auxílio psicológico no ambiente universitário, os saldos foram os seguintes: empatados em primeiro lugar, com 26,66%, estiveram os graduandos que disseram

¹¹Os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa como resposta, portanto o percentual na soma de todas as alternativas não será 100% (DALLAGNOL, 2018, p. 100).

sentir tristeza e ansiedade; em terceiro lugar, com 16,66%, os alunos que relataram sentir medo, conforme Tabela 11¹².

Tabela 11 – Sintomas percebidos pelos estudantes que motivaram a buscar o atendimento psicológico

Sintomas	Percentual (%) de estudantes
Tristeza	26,66
Ansiedade	26,66
Medo	16,66
Falta de concentração/atenção	13,33
Desânimo	10
Confusão	10
Nervosismo	10
Pânico	10

Fonte: DALLAGNOL, 2018, p. 118

Assim, pôde-se perceber que os estudos sobre a identificação do aluno que procura apoio psicológico no seio universitário foram realizados em instituições com características distintas, bem como em formatos diversos, tais como: universidades estaduais¹³ ou faculdades particulares¹⁴; com a oferta de atendimento, através de estagiários tendo a supervisão de professores de curso de Psicologia em clínicas-escolas¹⁵; suportes psíquicos voltados, especificamente, aos estudantes de curso de medicina¹⁶; aplicação de questionários ao final dos acolhimentos¹⁷; e dos registros dos atendimentos psíquicos realizados não somente a estudantes, mas a toda comunidade universitária¹⁸.

Quanto ao perfil sociodemográfico, os resultados trazem algumas características em comum, ou seja, um público, em sua maioria, feminino; com faixa etária, basicamente, jovem, variando entre 18 e 24 anos; e que pertencem aos cursos das áreas de saúde¹⁹ (Medicina²⁰,

¹²Os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa como resposta, portanto o percentual na soma de todas as alternativas não será 100%. (DALLAGNOL, 2018, p. 118).

¹³CERCHIARI *et al.*, 2005.

¹⁴PINHO, 2016.

¹⁵PERES *et al.*, 2004.

¹⁶MILLAN; ARRUDA, 2008.

¹⁷DALLAGNOL, 2018.

¹⁸PORTO, 2017.

¹⁹Para este estudo, não foi considerado a busca do estudante da área de saúde, referente a pesquisa de Millan e Arruda (2008), uma vez que esta apenas considerou o perfil da procura do discente associado ao curso de medicina.

²⁰PINHO, 2016.

Psicologia²¹ e Enfermagem²²) foram os que mais buscaram o serviço. Foi detectada também uma porcentagem considerável de encaminhamentos de estudantes para psicoterapia²³.

Quanto ao perfil das queixas psíquicas, houve uma variedade de formatos referente à exposição desses resultados, tais como: utilização de nomenclaturas com viés diagnóstico²⁴; descrição das demandas mais frequentes²⁵; até a elaboração de categorizações próprias²⁶ (que englobassem conjuntos de características comuns em face das queixas emergentes), sendo, este último, o caminho trilhado para esta obra.

Nesse sentido, frente a todo o conhecimento absorvido até aqui, por meio das dificuldades enfrentadas pelos alunos na educação superior; as pesquisas referentes ao quadro da saúde mental do discente universitário; e, principalmente, as obras que conseguiram caracterizar o estudante que busca suporte psíquico na educação superior, os mesmos serviram de base para a construção deste trabalho.

Acrescenta-se ainda, enquanto contribuições para o desenvolvimento do presente estudo, as pesquisas que demonstraram o cenário da educação superior pública federal nos últimos anos, bem como o surgimento e caracterização da UFAPE, objeto desta obra.

Este conhecimento teórico possibilitou idealizar e construir a estruturação do banco de dados com série histórica dos atendimentos realizados pelo psicólogo da COGESTI/UFAPE entre Março de 2016 e Dezembro de 2019; a caracterização do perfil psicossocial do graduando que buscou atendimento psicológico na Assistência Estudantil da UFAPE, bem como a pensar e constituir algumas categorizações em face dos registros dos atendimentos psíquicos e de características em comum, as quais serão apresentados mais a frente.

Concluindo a trajetória da revisão bibliográfica desta dissertação, passaremos agora para a descrição da metodologia do trabalho.

²¹PERES *et al.*, 2004.

²²CERCHIARI *et al.*, 2005.

²³PERES *et al.*, 2004.

²⁴MILLAN; ARRUDA, 2008; CERCHIARI *et al.*, 2005; PINHO, 2016.

²⁵PORTO, 2004; DALLAGNOL, 2018.

²⁶PERES *et al.*, 2004; DALLAGNOL, 2018.

3 METODOLOGIA

Tendo como proposta a caracterização do perfil psicossocial dos discentes que foram atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPÉ, foram utilizados os métodos de pesquisa do tipo documental, técnica de pesquisa em que as informações para o estudo estão restritas a documentos. Também utilizou-se a pesquisa descritiva que tem por objetivo a descrição das características de determinado fenômeno (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008).

Foram utilizados, como instrumento de coleta, todos os formulários dos atendimentos psicológicos efetuados aos estudantes dos cursos²⁷ de graduação da UFAPÉ entre Março/2016 e Dezembro/2019. O conteúdo desses formulários continha desde informações sobre a identificação do discente, número de atendimentos, queixas apresentadas até os encaminhamentos realizados - conteúdos que serão melhor detalhados ainda nesta seção.

A escolha pelo período citado justifica-se pelo início da atuação do profissional na instituição, desde os últimos dias do mês de Março de 2016 até o final do mês de Dezembro de 2019, utilizando-se, portanto, da totalidade dos atendimentos realizados no período.

Ressalta-se que, alinhado ao entendimento de Dallagnol (2018) e ao PNAES (BRASIL, 2010b), os registros demonstraram uma atuação profissional na área da Psicologia Escolar no Ensino Superior por meio do acolhimento e da escuta ao aluno com vistas a ajudá-lo no processo de adaptação e permanência na universidade. Os achados ainda apresentam harmonia ao pensamento de Dallagnol (2018), referente aos encaminhamentos onde “na necessidade de atendimento psicológico em uma perspectiva clínica e com periodicidade, o estudante era encaminhado ao serviço de saúde público local” (p. 94).

Assim, as fichas dos atendimentos foram ordenadas e estruturadas por ano, ou seja, com as informações divididas entre 2016, 2017, 2018 e 2019. Optou-se por considerar, primeiramente, tanto os registros dos estudantes que realizaram o agendamento, mas não compareceram ao primeiro atendimento psicológico, quanto os atendimentos psíquicos realizados ao graduando da IFES. Ao mesmo tempo, foram excluídos, logo de início, os dados dos estudantes que procuraram o serviço de psicologia somente para obter informações, além disso as solicitações para atendimento dos discentes da pós-graduação²⁸.

²⁷Medicina Veterinária, Agronomia, Zootecnia, Engenharia de Alimentos, Ciência da Computação, Pedagogia e Letras.

²⁸No caso dos pós-graduandos, os mesmos não chegaram a realizar agendamento para o atendimento, uma vez que o Decreto 7.234/2010 dispõe em seu Art 3º que o PNAES visará “[...] o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior” (BRASIL, 2010b), sendo os mesmos orientados a procurar atenção psicológica junto a RAPS de Garanhuns ou do seu município correspondente.

Dessa forma, posteriormente, retirando-se 116²⁹ estudantes (os quais fizeram o agendamento com o psicólogo, mas não se fizeram presentes no horário agendado), foram contabilizados, como dados válidos, 362 discentes que realizaram suportes psíquicos entre 2016 e 2019. Ainda, referente ao período mencionado e aos dados válidos, foram contabilizados 930 atendimentos aos graduandos da UFAPE.

Nesse contexto, as informações foram inseridas em 4 planilhas³⁰ digitais do tipo Excel, passando pelo processo de seleção, ou seja, a organização e limpeza do material coletado, com vistas a identificar falhas ou erros que pudessem influenciar nos resultados da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003).

As linhas de cada planilha corresponderam aos discentes atendidos (casos), sendo que seus nomes foram substituídos por números no sentido de preservar o sigilo³¹ quanto à identificação dos mesmos. Por sua vez, as colunas corresponderam ao tipo de informação colhida através dos registros dos formulários (variáveis).

Desse modo, tendo como referência as informações coletadas junto aos registros dos acolhimentos efetuados, foram constituídas 23 variáveis da seguinte forma: Ano de atendimento; Sexo; Cotista; Se sim, qual tipo de cota; Número de atendimentos; Mês dos atendimentos; Idade; Naturalidade; UF de nascimento³²; Cidade onde mora; Mora na residência universitária; Período; Curso; Recebe bolsa estudantil; Se sim, qual tipo de bolsa estudantil; Origem da demanda; Histórico de acompanhamento em saúde mental; Tipo de acompanhamento realizado; Queixas psicológicas apresentadas; Tipos de encaminhamento; Solicitação de retorno; Locais de encaminhamento e Finalidade dos encaminhamentos.

Referente aos dados correspondentes às variáveis Cotista e Se sim, qual tipo de cota, estas não continham nos formulários, mas, durante o desenvolvimento deste estudo, foram coletadas através de solicitação e posterior acesso às informações solicitadas junto ao Serviço de Informação ao Cidadão³³ (SIC) da UFRPE.

Assim também, as informações das variáveis Recebe bolsa estudantil e Se sim, qual tipo de bolsa estudantil foram colhidas por meio de planilhas referentes aos beneficiários dos

²⁹Estes dados foram considerados, inicialmente, pela intenção do estudante em buscar o atendimento, mesmo não se fazendo presente no horário agendado. Contudo, posteriormente, não foram consideradas estas informações, a título de casos válidos, para análise dos resultados no presente estudo.

³⁰O modelo de planilha, construído por este pesquisador, segue nos apêndices deste trabalho.

³¹Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/UFPE), por meio do processo 24845119.6.0000.5208 e teve aprovação por meio do parecer 3.794.870, cuja coleta de dados, respeitando os trâmites legais, somente ocorreu após decisão favorável por meio do respectivo parecer.

³²Unidade da Federação (UF) correspondente a naturalidade do discente.

³³Por meio do protocolo 23480.001339/2020-25.

programas junto ao setor administrativo da Assistência Estudantil da UFAPE. Essas informações complementares (sobre cotas e bolsas estudantis) foram obtidas com a finalidade de agregar, ampliar o olhar sobre o perfil do graduando atendido pelo psicólogo na COGESTI/UFAPE.

Referente às variáveis Queixas psicológicas apresentadas, Locais de encaminhamento e Finalidade dos encaminhamentos, optou-se pela junção de dados condicionados à características comuns com vistas à formatação de categorias, as quais serão demonstradas mais à frente, na apresentação dos resultados deste trabalho, bem como o detalhamento das mesmas constando nos anexos desta obra.

Segundo Bardin (2016), as categorias nada mais são do que conjuntos, os quais são constituídos por um grupo de informações por meio de um título amplo em função das propriedades comuns desses dados. A escolha pelo arranjo dos dados, para as variáveis mencionadas, em forma de categorias, alinha-se ao entendimento de Gil (2008), pois possibilita melhores condições para análise dos resultados da pesquisa.

Nesse âmbito, foi realizada a união das 4 planilhas e estruturado banco de dados único, onde as informações passaram pelo processo de codificação, identificando-se os dados válidos e ausentes. Para Marconi e Lakatos (2003), a codificação é a atividade em que “[...] os dados são transformados em símbolos, podendo ser tabelados e contados” (p. 167).

Posteriormente, os dados foram inseridos em software de análise estatística (*Statistical Package for the Social Sciences*), onde foi realizado o processo de tabulação. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a tabulação é a ação que possibilita sistematizar as informações, considerando as diversas categorizações e representá-las graficamente.

Basicamente, os procedimentos realizados utilizaram o emprego de estatísticas descritivas, como frequências, percentuais, medidas de tendência central e medidas de dispersão. Não foram empregados estatísticas inferenciais ou Testes de Hipótese baseados em P-valor, uma vez que o banco de dados em questão representava a totalidade de um universo específico (o conjunto exaustivo de casos atendidos, pelo psicólogo, entre os anos 2016 e 2019).

É importante destacar que este trabalho é do tipo exploratório-descritivo, contando com uma abordagem, predominantemente, quantitativa, mas com aspectos mistos em seu desenvolvimento. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa em etapas complementares, partindo de uma primeira análise qualitativa para construção e interpretação das categorias consideradas relevantes, seguida de um momento quantitativo com o emprego instrumental estatístico (bastante adequado para caracterizações estruturais de grandes populações ou amostras).

Assim, os achados foram dispostos por meio de tabelas, onde, conforme Marconi e Lakatos (2003), conseguem oferecer ao leitor a apreensão de detalhes e relações, bem como através de gráficos, os quais quando “[...] utilizados com habilidade, podem evidenciar aspectos visuais dos dados, de forma clara e de fácil compreensão” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 170).

Assim, finalizado a seção da metodologia, passamos agora a apresentação dos resultados e discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor apresentação, referente aos resultados e discussões, esta seção foi dividida através de tópicos e subtópicos³⁴, os quais foram constituídos em função da disposição das variáveis, citadas na seção anterior.

Assim, foram utilizadas estatísticas descritivas, além disso tabelas e gráficos para representação dos achados, sendo então possível proporcionar a análise dos resultados com vistas à construção do perfil psicossocial do estudante que procurou atendimento psicológico junto ao psicólogo da COGESTI/UFAPÉ, caracterização esta que será mostrada ao final desta seção.

4.1 ANO DE ATENDIMENTO

Tabela 12 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Ano de atendimento

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	2016	66	18,2	18,2	18,2
	2017	86	23,8	23,8	42,0
	2018	87	24,0	24,0	66,0
	2019	123	34,0	34,0	100,0
	Total	362	100,0	100,0	

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 12, 18,2% dos estudantes foram atendidos no ano de 2016, enquanto que 23,8% em 2017, 24% em 2018 e 34% em 2019. Assim, tem-se o ano de 2019 o que obteve maior frequência bem como que a média de estudantes atendidos, por ano, entre 2016 e 2019, foi de 90,5.

Comparando-se ao estudo de Peres *et al.* (2004), em face do número de estudantes atendidos entre 1998 e 2001, os números foram menores, com 28, 40, 58 e 79 alunos, respectivamente.

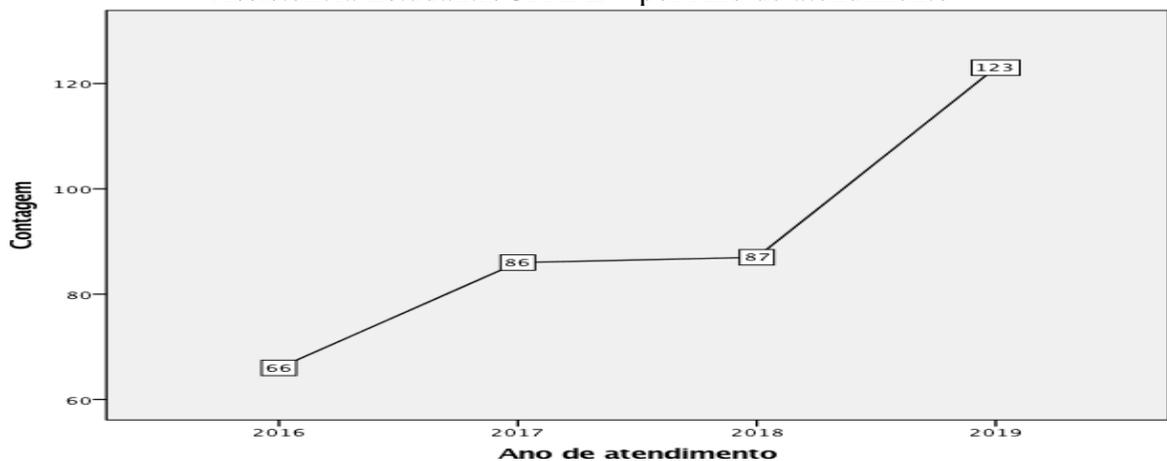
³⁴Para este estudo, considera-se os subtópicos, com final numérico, como aqueles que possuem dependência em função da variável anterior (Exemplo: 4.3 COTISTA e 4.3.1 Se sim, qual tipo de cota). Já os subtópicos, com letras ao final da numeração, são aqueles resultados em função da própria variável (Exemplo: 4.5 MÊS DE ATENDIMENTOS, 4.5a Mês do primeiro atendimento por estudante e 4.5b Número de atendimentos por mês).

Considerando o número de graduandos matriculados em 2019³⁵ na UFAPE (1.947³⁶) e o número de estudantes atendidos pelo psicólogo no referido ano (123), segundo a Tabela 12, a taxa de discentes que realizaram atendimentos psicológicos, por meio da Assistência Estudantil/UFAPE, em 2019, foi de 6,3%.

Essa taxa ficou muito próxima aos achados da PROGESTI (2019), que contou com a participação de beneficiários da Assistência Estudantil na UFRPE (7%), tendo uma certa distância em comparação a taxa de estudantes da UEMS que buscaram atendimento psicológico (9,5%) (CERCHIARI *et al.*, 2005).

No entanto, a taxa de atendimentos psicológicos encontrada em 2019 (6,3%) foi maior que os 3% dos estudantes que afirmaram já ter buscado atendimento psíquico na Assistência Estudantil junto as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) pelo Brasil (FONAPRACE, 2018).

Gráfico 3 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Ano de atendimento



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborado pelo autor.

Segundo o Gráfico 3, apresenta-se um crescimento contínuo entre 2016 e 2019 no quantitativo de alunos atendidos pelo psicólogo da Assistência Estudantil/UFAPE. Contudo, conforme Cerchiari *et al.* (2005), não se pode mensurar, fielmente, o real quantitativo de graduandos que necessitam de suporte psíquico na instituição.

Para Millan e Arruda (2008), esse comportamento pode estar relacionado ao preconceito dos estudantes em face das doenças mentais, dificultando, portanto, uma maior busca do público

³⁵A escolha pelo ano de 2019 fora em virtude de não ter existido intercorrências a efetivação do calendário acadêmico na UFAPE (UFRPE, 2019e).

³⁶Segundo dados extraídos do Sistema de Informações e Gestão Acadêmica (SIGA) da UFRPE, adquiridos através do setor da Escolaridade da UFAPE.

estudantil por auxílio psicológico no espaço universitário. Os autores ainda alertam que, provavelmente, os estudantes que mais precisam de assistência psicológica são aqueles que menos procuram ajuda.

4.2 SEXO

Tabela 13 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Sexo

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Masculino	111	30,7	30,7	30,7
	Feminino	251	69,3	69,3	100,0
	Total	362	100,0	100,0	

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 13, a porcentagem de atendimentos entre 2016 e 2019 por sexo foi de 69,3% para o sexo feminino e 30,7% para o sexo masculino. Dessa forma, tendo a maior frequência o sexo feminino.

Gráfico 4 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Sexo



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

Segundo o Gráfico 4, tem-se uma diferença expressiva no perfil do estudante que busca atendimento psicológico com o percentual do sexo feminino, representando mais do que o dobro em relação ao sexo masculino. Importante destacar que o Censo da Educação Superior 2018 (BRASIL, 2019a) traz que o perfil do estudante da graduação possui a predominância do sexo feminino.

Quanto às pesquisas sobre a saúde mental na graduação referente aos maiores índices de adoecimento psíquico, por sexo, o predomínio das mulheres também foi percebido em relação aos homens (PADOVANI *et al.*, 2014; NEVES; DALGALARRONDO, 2007). Enquanto que os estudos de Malagris *et al.* (2009) e Faro (2013), na pós-graduação, mostraram que os maiores índices de estresse estavam presentes mais nas mulheres do que nos homens.

Referente à busca por atendimento psíquico pelos graduandos, por sexo, foi apontado que a maior parte fora do sexo feminino (CERCHIARI *et al.*, 2005; PERES *et al.*, 2004; NEVES E DALGALARRONDO, 2007). Já os achados de Millan e Arruda (2008) foram bastante semelhantes aos resultados desta obra, sendo esta busca por ajuda psicológica, por parte do público feminino, o dobro em relação ao masculino. Por fim, os resultados de Pinho (2016) apresentaram o triplo da busca por atenção psíquica das mulheres em relação aos homens.

Nesse contexto, Pinho (2016) coloca que a maior busca por atendimento, pelo sexo feminino, pode estar relacionada “[...] à facilidade e à necessidade das mulheres em comunicar-se e menos resistência em pedir apoio, porém sugere aprofundamento de uma pesquisa dos motivos” (p. 122-123).

Por outro lado, Peres *et al.* (2004) trazem que esse resultado reflete os condicionamentos socioculturais impostos pelas dinâmicas de gênero, onde ainda persiste em nossa sociedade a tentativa de adequar características psíquicas a cada sexo. Os autores acrescentam ainda, como exemplo, que “[...] as mulheres devem externalizar suas emoções e solicitar ajuda sempre que necessário, ao passo que os homens, ao contrário, devem desde cedo ocultar seus sentimentos e aflições psíquicas e cultivar a coragem heróica, a bravura e a resistência à manifestação emocional diante das adversidades que enfrentam no cotidiano” (PERES *et al.*, 2004, p. 50).

4.3 COTISTA

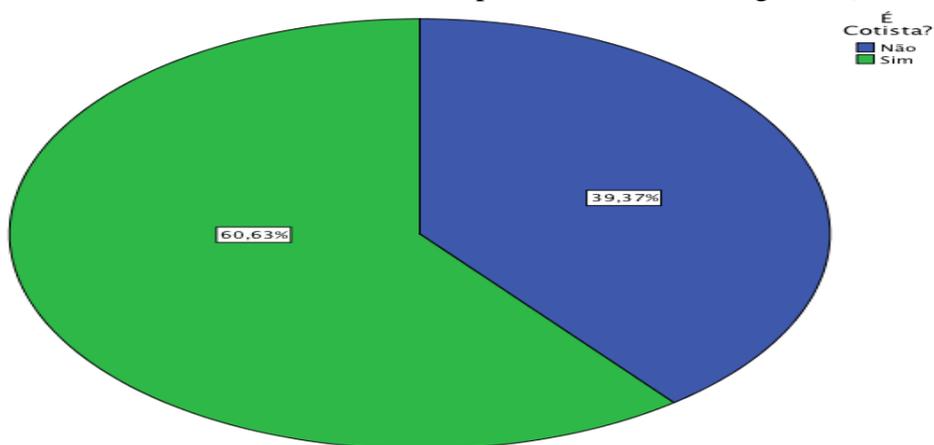
Tabela 14 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Modalidade de Ingresso (Cotista ou Não)

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	124	34,3	39,4	39,4
	Sim	191	52,8	60,6	100,0
	Total	315	87,0	100,0	
Omisso	Não se aplica	46	12,7		
	Sistema	1	0,3		
	Total	47	13,0		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 14, entre 2016 e 2019, 60,6% dos estudantes atendidos eram cotistas, enquanto 39,4% não, sendo a condição de cotista, portanto, a mais frequente. Alinhado a esse dado, a V pesquisa nacional do perfil socioeconômico e cultural dos graduandos das IFES mostrou que a taxa de estudantes, que eram advindos de escolas públicas, atingiu 64,7% e que houve aumento do perfil racial nas IFES, com o percentual de negros³⁷ alcançando a marca de 51,2% dos participantes no estudo (FONAPRACE, 2018), sendo estas características do estudante cotista.

Gráfico 5 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Modalidade de Ingresso (Cotista ou Não)



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborado pelo autor.

Importante mencionar que o ingresso do estudante na antiga UFRPE/UAG através da Lei de Cotas³⁸ (com 50% do total de vagas ofertadas por curso) foi estabelecido a partir do semestre 2016.1³⁹ para os estudantes advindos de escola pública, baixa renda e de grupos étnicos. Já a partir do semestre 2018.1, foi incluída também a reserva de vagas para pessoas com deficiência⁴⁰.

Nesse contexto, considerando o Gráfico 5, a maior busca por atendimento psíquico pelo estudante cotista pode ter ligação com maiores dificuldades deste público, tanto no processo de adaptação acadêmica quanto nas condições de permanência na graduação (MACEDO, 2017; PAULA, 2017).

³⁷Neste caso, o percentual de negros engloba pretos quilombolas, pretos não quilombolas, e pardos (FONAPRACE, 2018).

³⁸BRASIL, 2012.

³⁹UFRPE, 2016.

⁴⁰BRASIL, 2016

4.3.1 Se sim, qual tipo de cota⁴¹**Tabela 15** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Tipo de cota

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	L1	18	5,0	11,2	11,2
	L2	65	18,0	40,4	51,6
	L5	20	5,5	12,4	64,0
	L6	56	15,5	34,8	98,8
	L9	0	0	0	98,8
	L10	2	0,6	1,2	100,0
	L13	0	0	0	100,0
	L14	0	0	0	100,0
	Total	161	44,5	100,0	
Omisso	Não se aplica	201	55,5		
	Total	362	100,0		

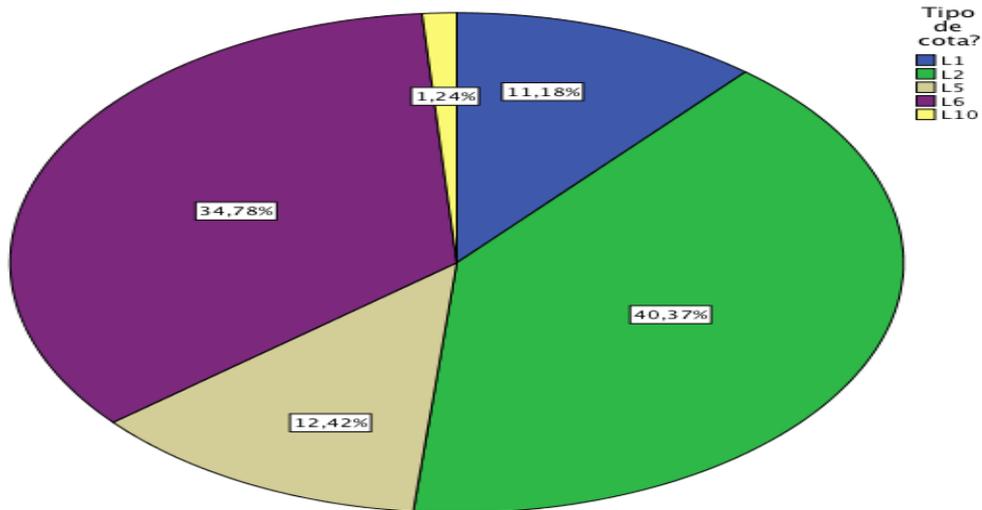
Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor.

Quanto à caracterização do atendimento psicológico por tipo de cota (Tabela 15), tem-se os seguintes resultados: L2 (40,4%), L6 (34,8%), L5 (12,4%), L1 (11,2%), L10 (1,2%), não havendo frequência para as modalidades L9, L13 e L14. A modalidade L2 é, portanto, a mais frequente.

Nesse âmbito, o tipo de cota L2 foi concebido, também, como a que teve a maior incidência (32,4%) entre os participantes da pesquisa do FONAPRACE (2018) que ingressaram nas IFES.

⁴¹(L1) Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (L2) Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. (L5) Candidatos que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (L6) Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (L9) Candidatos com deficiência que tenha renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (L10) Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. (L13) Candidatos com deficiência que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (L14) Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (UFRPE, 2020). As legendas, quanto aos tipos de cota, mostrado na Tabela 15, encontram-se também nos anexos deste trabalho.

Gráfico 6 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Tipo de cota



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborado pelo autor.

Observa-se, com base no Gráfico 6, que as 3 maiores frequências, quanto ao tipo de cota, foram L2, L6 e L5. No caso da maior porcentagem (L2), esta caracteriza o graduando cotista, advindo de escola pública, com renda familiar *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e autodeclarado preto, pardo ou indígena (UFRPE, 2020), ou seja, aquele estudante, descrito por Macedo (2017) e Paula (2017), que pode ter maiores dificuldades durante sua trajetória universitária, bem como aquele com perfil prioritário a ser assistido pelo PNAES (BRASIL, 2010b).

4.4 NÚMERO DE ATENDIMENTOS

Tabela 16 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por estudante - Estatísticas descritivas

N	Válido	362
	Omisso	0
Média		2,57
Mediana		2,00
Moda		2
Desvio Padrão		1,377
Soma		930

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 16, o número total de atendimentos entre 2016 e 2019 foi de 930. A média de atendimentos foi de 2,57 com uma concentração de casos referentes a 2 atendimentos, sendo este o valor da moda e onde está localizada a mediana.

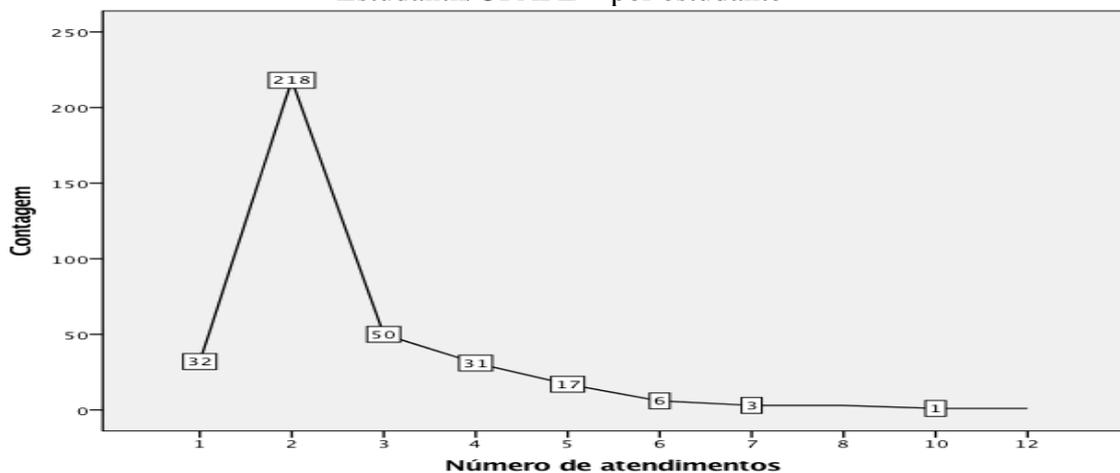
Tabela 16.1 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por estudante

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1	32	8,8	8,8	8,8
	2	218	60,2	60,2	69,1
	3	50	13,8	13,8	82,9
	4	31	8,6	8,6	91,4
	5	17	4,7	4,7	96,1
	6	6	1,7	1,7	97,8
	7	3	0,8	0,8	98,6
	8	3	0,8	0,8	99,4
	10	1	0,3	0,3	99,7
	12	1	0,3	0,3	100,0
	Total	362	100,0	100,0	

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 16.1 trazem os resultados, por número de atendimentos psicológicos, da seguinte forma: 1 atendimento (8,8%); 2 atendimentos (60,2%), este último representando mais da metade do total das frequências; 3 atendimentos (13,8%); 4 atendimentos (8,6%); 5 atendimentos (4,7%); e 6 atendimentos (1,7%). Continuando, 7 e 8 atendimentos tiveram a mesma porcentagem (0,8%); e, finalmente, 10 e 12 atendimentos com a mesma taxa (0,3%).

Gráfico 7 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por estudante



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

O Gráfico 7 mostra que a maior frequência foi de 2 atendimentos por estudante. Em segundo lugar, 1 atendimento e, em terceiro lugar, 3 atendimentos. Observa-se que, após a realização do segundo atendimento, há uma redução expressiva na frequência do número de atendimentos por aluno.

Nesse contexto, ainda que em um serviço de clínica-escola, Peres *et al.* (2004) observam que muitos graduandos buscam suporte psíquico apresentando (à primeira vista) queixas pontuais, desejando tão somente “*desabafar*” com o profissional em psicologia (grifo do autor), onde acrescentam que

muitos deles, na realidade explicitam que procuraram o serviço apenas para aliviar-se momentaneamente das angústias decorrentes de dificuldades circunstanciais e que não possuem interesse em dar início a um processo psicoterapêutico. Nesses casos, usualmente, o serviço faz as vezes de um espaço de escuta e acolhimento do ponto emergencial que motiva a procura (p. 49).

Assim, Peres *et al.* (2004) detectam que o suporte psíquico, em seus achados, limitou-se a somente 1 ou 2 atendimentos. Entretanto, ponderam os autores, que a vivência da escuta psicológica na UNESP mostrou que a predominância desta forma de queixa, muitas vezes, disfarça conflitos psíquicos atrelados e mais significativos.

4.5 MÊS DOS ATENDIMENTOS

4.5a Mês do primeiro atendimento por estudante

Tabela 17 – Mês do primeiro atendimento psicológico entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por estudante

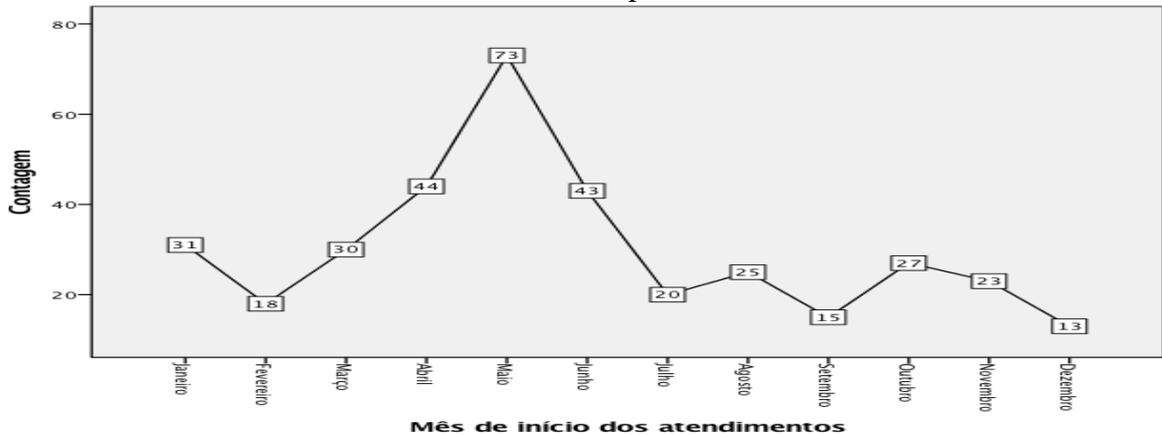
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Janeiro	31	8,6	8,6	8,6
	Fevereiro	18	5,0	5,0	13,5
	Março	30	8,3	8,3	21,8
	Abril	44	12,2	12,2	34,0
	Maió	73	20,2	20,2	54,1
	Junho	43	11,9	11,9	66,0
	Julho	20	5,5	5,5	71,5
	Agosto	25	6,9	6,9	78,5
	Setembro	15	4,1	4,1	82,6
	Outubro	27	7,5	7,5	90,1
	Novembro	23	6,4	6,4	96,4
	Dezembro	13	3,6	3,6	100,0
	Total	362	100,0	100,0	

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

A partir das frequências observadas para a variável Mês do primeiro atendimento por estudante (Tabela 17), tem-se os seguintes percentuais: Janeiro (8,6%), Fevereiro (5%), Março (8,3%), Abril (12,2%), Maio (20,2%), Junho (11,9%), Julho (5,5%), Agosto (6,9%), Setembro

(4,1%), Outubro (7,5%), Novembro (6,4%) e Dezembro (3,6%). Os atendimentos iniciados no mês de Maio tiveram, portanto, a maior frequência.

Gráfico 8 – Mês do primeiro atendimento psicológico entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por estudante



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborado pelo autor.

Com base no Gráfico 8, no primeiro semestre, existe um movimento de crescimento nos primeiros meses do ano na busca pelo primeiro atendimento psicológico pelos alunos da UFape, atingindo um pico expressivo ao chegar próximo a metade do ano entre os meses de Abril, Maio (com maior pico de procura) e, apresentando queda, em Junho. Já no segundo semestre, pode-se perceber oscilações quanto à busca pelo primeiro atendimento, tendo o mês de Dezembro com o menor número de estudantes atendidos.

Nesse contexto, considerando ainda o Gráfico 8 e fazendo relação ao calendário acadêmico 2019⁴² da antiga UFRPE/UAG, observa-se que das 3 maiores frequências entre os meses do semestre letivo 2019.1 (1º Maio, 2º Abril e 3º Junho), 2 convergiram com os períodos de provas dos graduandos (Maio e Junho). Do mesmo modo, das 3 maiores frequências, entre os meses do semestre letivo 2019.2 (1º Outubro, 2º Agosto e 3º Novembro), igualmente, 2 meses convergiram com os períodos de provas dos graduandos (Outubro e Novembro).

Nesse aspecto, pode-se considerar que existe uma tendência de maior procura pelo primeiro atendimento psicológico na UFape, em 2019, durante os períodos de realização de provas, em ambos os semestres letivos (2019.1 e 2019.2).

⁴²A escolha pelo ano de 2019 fora em virtude de não ter existido intercorrências a efetivação do calendário acadêmico na UFape (UFRPE, 2019e).

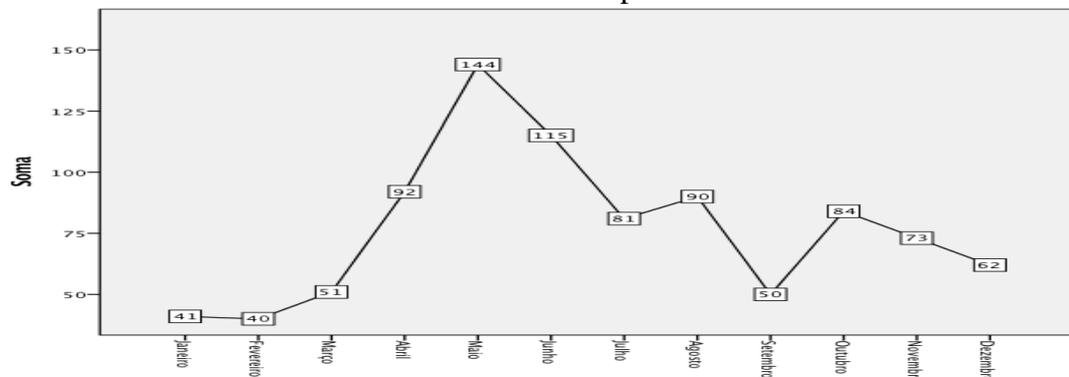
4.5b Número de atendimentos por mês

Tabela 18 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por mês

MÊS DE ATENDIMENTO	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Janeiro	41	4,44	4,44	4,44
Fevereiro	40	4,33	4,33	8,77
Março	51	5,53	5,53	14,3
Abril	92	9,97	9,97	24,27
Maio	144	15,60	15,60	39,87
Junho	115	12,46	12,46	52,33
Julho	81	8,78	8,78	61,11
Agosto	90	9,75	9,75	70,86
Setembro	50	5,42	5,42	76,28
Outubro	84	9,10	9,10	85,38
Novembro	73	7,91	7,91	93,29
Dezembro	62	6,72	6,72	100
TOTAL	930	100	100	100

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Conforme observado na Tabela 18, referente ao número de atendimentos psicológicos por mês, as 3 maiores incidências, no primeiro semestre, estão localizadas nos meses de Maio (15,60%), Junho (12,46%) e Abril (9,97%). Já no segundo semestre, as 3 maiores porcentagens estiveram nos meses de Agosto (9,75%), Outubro (9,10%) e Julho (8,78%). Assim, o mês de maior frequência, quanto ao número de atendimentos psicológicos realizados, foi Maio.

Gráfico 9 – Número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por mês

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

É possível dizer, considerando o Gráfico 9, que a maior concentração de atendimentos está, expressivamente, no segundo trimestre, enquanto a menor está no primeiro trimestre. Para

o terceiro e o quarto trimestres, tem-se frequências, estatisticamente, semelhantes e com expressividade moderada frente aos demais trimestres.

Referente ao mês de maior incidência de atendimentos (Maio), conforme Gráfico 9, e relacionando com o calendário acadêmico de 2019 (UFRPE, 2019e), observa-se que o referido mês coincide com o primeiro período de provas, relativo ao primeiro semestre letivo de 2019. Contudo, chama atenção que o mês de Agosto foi o de maior incidência de atendimentos psicológicos realizados no segundo semestre, o qual, considerando o calendário acadêmico de 2019 (UFRPE, 2019e), o respectivo mês não continha período para realização de avaliações.

4.6 IDADE⁴³

Tabela 19 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Idade – Estatísticas descritivas

N	Válido	360
	Omisso	2
Média		22,59
Mediana		21,00
Moda		20
Desvio Padrão		4,941

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 19, a idade média dos graduandos atendidos foi de 22,59 anos, enquanto que a mediana e a moda foram 21 e 20 anos, respectivamente. Sobre esses dados, Dallagnol (2018) insere que a média dos estudantes que realizaram atendimentos psicológicos, em seu estudo, foi de 20,3 anos, ou seja, uma diferença de mais de 2 anos.

Outro comparativo está na pesquisa do FONAPRACE (2018), onde a média de idade entre os participantes foi de 24,43 anos. Assim, comparando-se esta última média à média encontrada deste trabalho, percebe-se que o perfil dos atendidos possuem idade média inferior, em quase 2 anos, em comparação ao perfil dos graduandos trazido pelo FONAPRACE (2018).

⁴³Idade registrada no primeiro atendimento psicológico realizado.

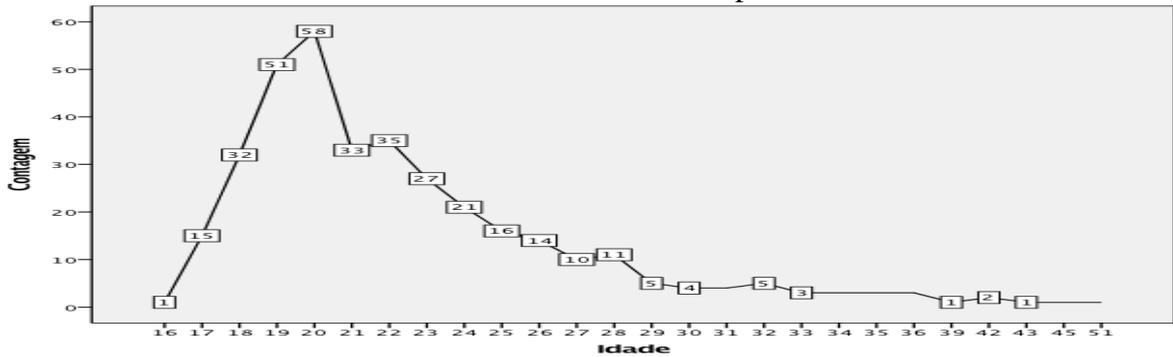
Tabela 19.1 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Idade

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	16	1	0,3	0,3	0,3
	17	15	4,1	4,2	4,4
	18	32	8,8	8,9	13,3
	19	51	14,1	14,2	27,5
	20	58	16,0	16,1	43,6
	21	33	9,1	9,2	52,8
	22	35	9,7	9,7	62,5
	23	27	7,5	7,5	70,0
	24	21	5,8	5,8	75,8
	25	16	4,4	4,4	80,3
	26	14	3,9	3,9	84,2
	27	10	2,8	2,8	86,9
	28	11	3,0	3,1	90,0
	29	5	1,4	1,4	91,4
	30	4	1,1	1,1	92,5
	31	4	1,1	1,1	93,6
	32	5	1,4	1,4	95,0
	33	3	0,8	0,8	95,8
	34	3	0,8	0,8	96,7
	35	3	0,8	0,8	97,5
36	3	0,8	0,8	98,3	
39	1	0,3	0,3	98,6	
42	2	0,6	0,6	99,2	
43	1	0,3	0,3	99,4	
45	1	0,3	0,3	99,7	
51	1	0,3	0,3	100,0	
	Total	360	99,4	100,0	
Omisso	Sistema	2	0,6		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

No que se refere à variável Idade (Tabela 19.1), tem-se que os estudantes com idades entre 16 e 17 anos representaram 4,5%, havendo uma concentração nas idades entre 18 e 22 anos com 58,1% dos casos, enquanto que os últimos 37,5% estiveram nas idades entre 23 e 51 anos.

Gráfico 10 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Idade



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborado pelo autor.

O Gráfico 10 mostra que a maior frequência foi de 20 anos, seguido de 19 anos e 22 anos. Ainda referente ao presente gráfico, após a maior incidência de idade (20 anos), existe uma queda considerável até os 21 anos. Em seguida, uma leve inclinação, chegando aos 22 anos, e, posteriormente, uma tendência de queda continua até a idade mais alta, correspondente a 51 anos.

Nesse patamar, o Censo da Educação Superior 2018⁴⁴ apresenta o perfil do graduando por idade da seguinte maneira: 19 anos (idade do ingressante), 20 anos (idade correspondente ao ato da matrícula) e 23 anos (idade para o término da graduação). Assim, as 2 maiores frequências encontradas no presente estudo (20 e 19 anos) vão ao encontro do perfil apresentado pela pesquisa mencionada.

Com dados semelhantes aos resultados desta variável, Cerchiari *et al.* (2005) encontram 19 anos como a idade, predominante, entre os estudantes que buscaram atendimento psicológico no UEMS, seguido dos 20 anos. Essas idades, para os autores, são características do chamado adulto jovem, ou seja, aquele que está em processo de desenvolvimento de sua identidade (profissional, ideológica, sexual) e, ao mesmo tempo, ingressa na educação superior. Já em Peres *et al.* (2004), a faixa etária mais comum, entre os graduandos atendidos, foi dos 19 aos 22 anos, indo ao encontro, novamente, aos achados desta obra.

Outro comparativo está em Pinho (2016), cujas idades entre 21 e 25 anos foram as mais incidentes entre os alunos que buscaram auxílio psicológico na UNOESC. Chama atenção que, diferentemente dos achados citados (CERCHIARI *et al.*, 2005; PERES *et al.*, 2004) e dos resultados desta obra, a instituição, objeto de estudo de Pinho (2016), fora de caráter privado, assim também apresentou uma elevação das idades em comparação aos resultados dos estudos

⁴⁴BRASIL, 2019a

até aqui mostrados.

4.7 NATURALIDADE⁴⁵

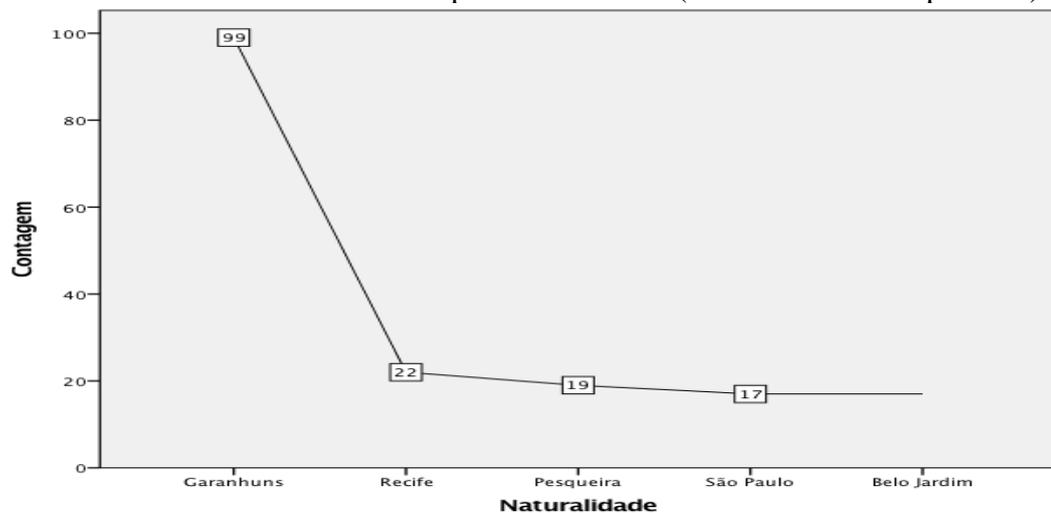
Tabela 20 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Naturalidade (Cinco maiores frequências)

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Belo Jardim	17	4,7	4,7	12,5
	Garanhuns	99	27,3	27,4	55,7
	Pesqueira	19	5,2	5,3	74,2
	Recife	22	6,1	6,1	82,8
	São Paulo	17	4,7	4,7	97,2
	Total	361	99,7	100,0	100,0
Omisso	Sistema	1	0,3		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 20, quanto as cinco maiores frequências referentes aos estudantes atendidos por naturalidade, os resultados foram: Garanhuns (27,4%), Recife (6,1%), Pesqueira (5,3%) e empatados Belo Jardim e São Paulo (4,7%). Desse modo, a maior frequência foi da cidade de Garanhuns, a qual está localizada a UFAPÉ.

Gráfico 11 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Naturalidade (Cinco maiores frequências)



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

⁴⁵As frequências de todos os estudantes, por naturalidade, encontram-se nos apêndices deste trabalho.

Considerando o Gráfico 11, excetuando-se a primeira cidade (Garanhuns), as demais (Recife, Pesqueira, Belo Jardim e São Paulo) estão distantes⁴⁶, 230km, 92,5km, 79,8km e 2.432km, respectivamente, da cidade onde está localizada a IFES.

Outro ponto a ser destacado foi que das 5 maiores frequências (retirando-se, novamente, Garanhuns), 3 pertencem ao estado de Pernambuco (Recife, Pesqueira e Belo Jardim). Somando-se agora a Garanhuns, essas 4 cidades totalizam 42,6% dos estudantes atendidos, os quais nasceram no mesmo estado, ou seja, Pernambuco.

4.8 UF DE NASCIMENTO⁴⁷

Tabela 21 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por UF de nascimento (Cinco maiores frequências)

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	AL	4	1,1	1,1	1,1
	BA	5	1,4	1,4	2,5
	PA	4	1,1	1,1	5,3
	PE	309	85,4	85,6	91,1
	RJ	4	1,1	1,1	92,2
	SP	23	6,4	6,4	99,7
	Total	361	99,7	100,0	100,0
Omisso	Sistema	1	0,3		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor.

No que se refere à Tabela 21, observa-se uma maior concentração para o estado de Pernambuco (85,6%), estado onde está localizada a UFPE, seguido dos estados de São Paulo (6,4%), Bahia (1,4%) e, empatados, com 1,1%, têm-se os estados de Alagoas, Pará e Rio de Janeiro. Para essa variável, a maior frequência encontrada foi correspondente ao estado de Pernambuco.

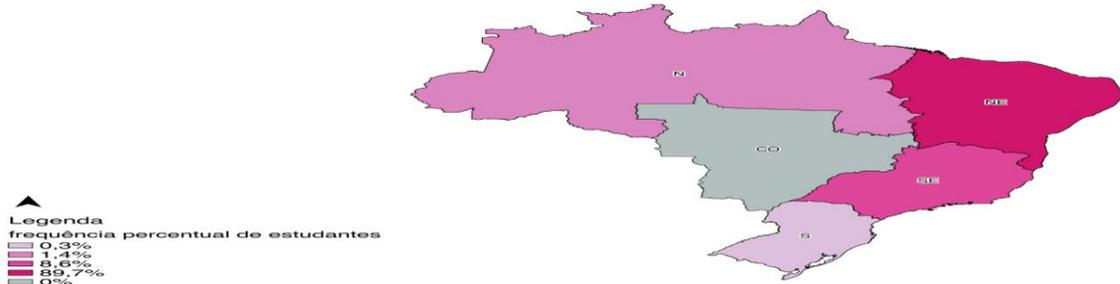
Apresentando relação muito próxima aos resultados da Tabela 21, onde a maior parte dos atendidos são nascidos no mesmo estado em que se encontra a instituição, a pesquisa de Nogueira *et al.* (2017) revelaram que não houve migração significativa referente à proposta de mobilidade estudantil ofertada pelo SISU na UFMG, uma vez que não foi detectado o aumento significativo de matriculados de estados diferentes.

⁴⁶Segundo Google Maps (2020a; 2020b; 2020c; 2020d).

⁴⁷Unidade da Federação correspondente a Naturalidade do discente. As frequências e o mapa, referentes a todos os estudantes atendidos, por UF de nascimento, encontram-se nos apêndices deste trabalho.

Nesse caso, referindo-se agora à UFAPE, não houve incidência significativa entre os estudantes atendidos que fossem de estados diferentes.

Gráfico 12 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Região de nascimento



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborado pelo autor.

Com base no Gráfico 12, pode-se perceber que foram atendidos estudantes que nasceram nas seguintes regiões: Nordeste (89,7%); Sudeste (8,6%); Norte (1,4%); Sul (0,3%), estando ausentes nascidos da região Centro-Oeste.

A título de possíveis relações aos estudantes atendidos da região Nordeste, a qual teve a maior frequência nessa variável, o perfil do graduando da citada região, encontrado pelo FONAPRACE (2018), entre outras características, é o seguinte: possui renda familiar *per capita* de até 1 salário mínimo e meio (78,3%); sexo feminino (52,5%); cor negra (65,9%); e que cursou o ensino médio somente em escola pública (58,6%).

4.9 CIDADE ONDE MORA⁴⁸

Tabela 22 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Cidade onde mora (Cinco maiores frequências)

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Bom Conselho	8	2,2	2,2	3,9
	Caetés	10	2,8	2,8	7,8
	Garanhuns	280	77,3	77,8	88,3
	Lagoa do Ouro	7	1,9	1,9	92,5
	Lajedo	8	2,2	2,2	94,7
	Total	360	99,4	100,0	100,0
Omisso	Sistema	2	0,6		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborada pelo autor.

⁴⁸Informação coletada durante a realização do primeiro atendimento psicológico. As frequências de todos os

Referente à variável correspondente à cidade onde o estudante atendido mora (Tabela 22), as 5 maiores incidências foram: Garanhuns (77,8%), Caetés (2,8%), empatados Bom Conselho e Lajedo (2,2%) e, por fim, Lagoa do Ouro (1,9%), sendo Garanhuns a mais frequente e onde está inserida a UFAPE.

Outro dado percebido foi que 100% dos graduandos atendidos residiam no estado de Pernambuco. No entanto, a porcentagem de alunos que estudam na UFAPE, mas que não moram em Garanhuns, chegou a 22,2%.

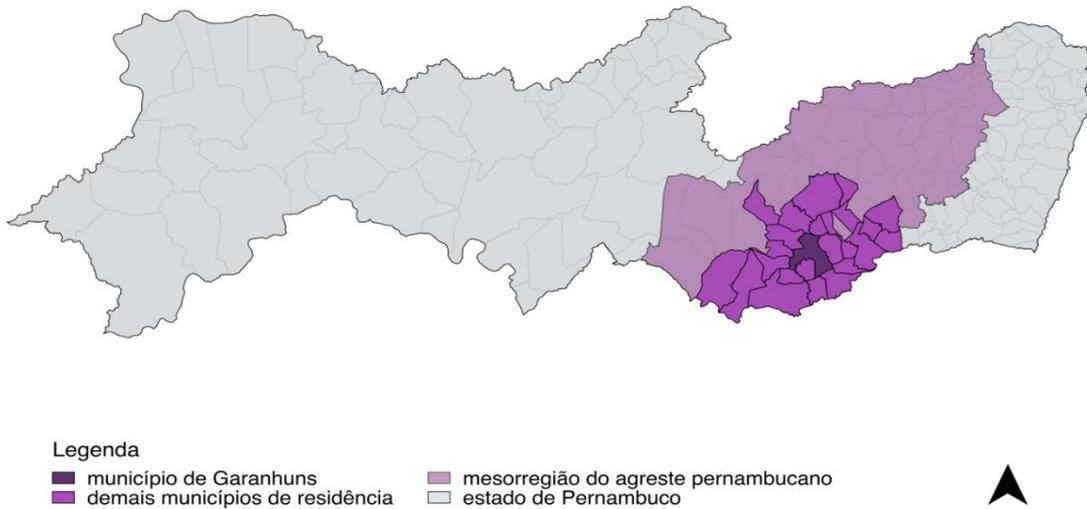
Com dados bastante semelhantes, a V pesquisa nacional sobre o perfil socioeconômico e cultural dos graduandos das IFES (FONAPRACE, 2018) mostrou que 77,2% dos discentes moram na cidade onde cursam a graduação, ao passo que 22,8% deslocam-se, todos os dias, das cidades onde residem até chegar às IFES onde estudam, em outra cidade.

Consta-se ainda, na citada pesquisa, o perfil do graduando que reside e estuda na mesma cidade da IFES, destacando-se, entre outras características: maioria feminina (54,7%); negros (49,9%); integrante de famílias com renda familiar *per capita* de até 1 salário mínimo e meio (68,3%); e advindo de escola pública (62,9%). Do mesmo modo, o perfil do graduando que se desloca, cotidianamente, da cidade onde mora para cidade onde está localizada a IFES possui, entre diversos atributos, maioria feminina (54,6%); negros (55,2%); integrante de famílias com renda familiar *per capita* de até 1 salário mínimo e meio (76,3%) e com origem de escola pública (71,1%).

Assim, no sentido de refletir melhor os resultados da presente variável, observa-se que 76,6% dos estudantes que realizaram atendimentos psicológicos em uma IFES da região Sul do país tiveram que mudar de cidade ou residência de origem para cursar suas respectivas graduações (DALLAGNOL, 2018), enquanto que, no Ceará, 43,9% dos participantes da pesquisa de Oliveira *et al.* (2019) afirmaram que tiveram de mudar de cidade para poder cursar suas graduações.

Nesse sentido, é possível que boa parte dos estudantes atendidos e que residam em Garanhuns (77,8%) tiveram que mudar de suas respectivas cidades/residências de origem para estudar na UFAPE.

Gráfico 13 – Mapa dos estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Cidade onde mora



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE /
Elaborado pelo autor.

O Gráfico 13 consegue mostrar os demais municípios de residência dos estudantes atendidos, diferentes de Garanhuns, os quais estão inseridos na região Agreste do estado de Pernambuco. Entre estes municípios, estão Caetés, Bom Conselho, Lajedo e Lagoa do Ouro, cidades de maiores frequências entre os estudantes atendidos que residem longe de Garanhuns, conforme Tabela 23.

Refente às mencionadas cidades, as distâncias percorridas que esses discentes tendem enfrentar todos os dias até Garanhuns são: 19,5km⁴⁹ (Caetés), 48,6km⁵⁰ (Bom Conselho), 36,9km⁵¹ (Lajedo) e 38,7km⁵² (Lagoa do Ouro), achados semelhantes aos 32,1% dos discentes que necessitam se deslocar mais de 10km e até 50km para comparecer nas IFES, diariamente (FONAPRACE, 2018).

Foi mostrado também que, entre os estudantes que moram e estudam na mesma cidade, a maior parte (58,3%) gasta menos de 30 minutos para chegar à instituição. Entretanto, para os graduandos que necessitam se deslocar das cidades onde moram até a universidade, 48,7% gastam mais de 1 hora (FONAPRACE, 2018). Nesse sentido, o estudo alerta que

o tempo gasto no deslocamento tem relação com a qualidade de vida estudantil, até mesmo pelo impacto que têm sobre o tempo disponível para os estudos.

⁴⁹GOOGLE MAPS, 2020e.

⁵⁰GOOGLE MAPS, 2020f.

⁵¹GOOGLE MAPS, 2020g.

⁵²GOOGLE MAPS, 2020h.

Aproximadamente metade dos (as) discentes (49,9%) leva mais de 30 minutos para chegar à universidade, totalizando pelo menos 1 hora no trajeto diário, enquanto pouco menos de ¼ gasta mais de 1 hora em cada trajeto, totalizando nada mais nada menos do que 2 horas no trajeto diário (FONAPRACE, 2018, p. 216).

Em outra medida, segundo FONAPRACE (2018), entre os estudantes que necessitam se deslocarem entre 10km e 50km, 53,9% já almejavam abandonar o curso, enquanto que, entre 50km e 100km, a taxa chegou a 55,9%. Assim, conclui o estudo que “à medida que aumenta a distância para o deslocamento, cresce a frequência com que discentes pensam em abandonar seus cursos” (FONAPRACE, 2018, p. 2016).

4.10 MORA NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA⁵³

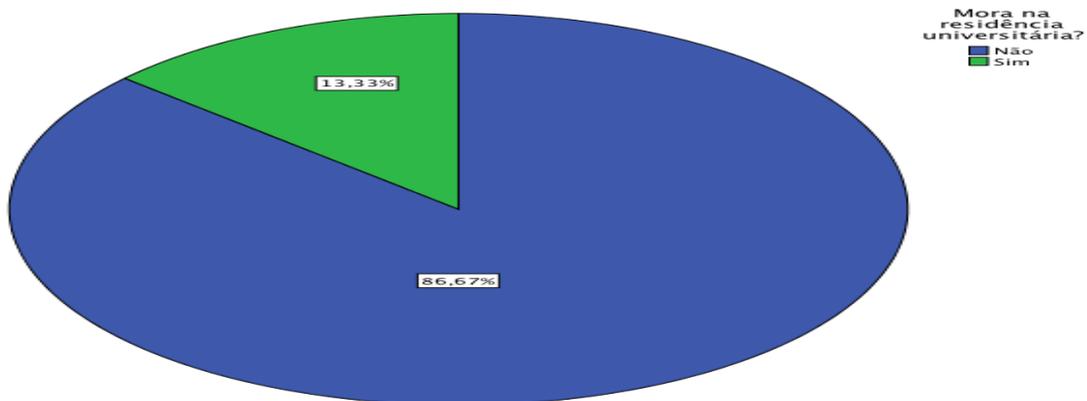
Tabela 23 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Mora na residência universitária

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	312	86,2	86,7	86,7
	Sim	48	13,3	13,3	100,0
	Total	360	99,4	100,0	
Omisso	Sistema	2	0,6		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor.

Conforme Tabela 23, 86,7% dos estudantes atendidos não moravam na residência universitária da UFPE, enquanto que 13,3% sim.

Gráfico 14 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Mora na residência universitária



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

⁵³Coleta da informação realizada durante o primeiro suporte psíquico efetuado.

Conforme mostrado no Gráfico 14, a maior frequência foi não mora na residência universitária. Ressalta-se que, segundo setor administrativo da COGESTI/UFAPÉ, existem, na residência universitária da UFAPÉ, 40 vagas para o sexo masculino e 40 vagas para o sexo feminino, sendo que, até o final do ano de 2019, estavam ocupadas as 40 da residência masculina e 38 da feminina.

Ademais, a pesquisa do FONAPRACE (2018) retrata o perfil do estudante que mora nas residências universitárias das IFES, entre outras características, da seguinte forma: maioria de pretos e indígenas; sexo masculino; que adentrou nas universidades durante o período 2013 a 2016; advindos de escolas públicas; e com renda familiar *per capita* de até 1 salário mínimo e meio.

4.11 PERÍODO⁵⁴

Tabela 24 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Período – Estatísticas descritivas

N	Válido	329
	Omisso	33
Média		3,76
Mediana		3,00
Moda		1
Desvio Padrão		2,751

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Segundo a Tabela 24, a média referente ao período do estudante atendido pelo psicólogo na Assistência Estudantil/UFAPÉ foi de 3,76. Já a moda e a mediana foram o 1º e o 3º período, respectivamente.

⁵⁴Período da graduação informado durante o primeiro atendimento psicológico realizado.

Tabela 24. 1 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Período

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1	95	26,2	28,9	28,9
	2	53	14,6	16,1	45,0
	3	42	11,6	12,8	57,8
	4	25	6,9	7,6	65,3
	5	21	5,8	6,4	71,7
	6	26	7,2	7,9	79,6
	7	24	6,6	7,3	86,9
	8	21	5,8	6,4	93,3
	9	7	1,9	2,1	95,4
	10	15	4,1	4,6	100,0
	11	0	0	0	100,0
	Total	329	90,9	100,0	
Omisso	99	33	9,1		
Total		362	100,0		

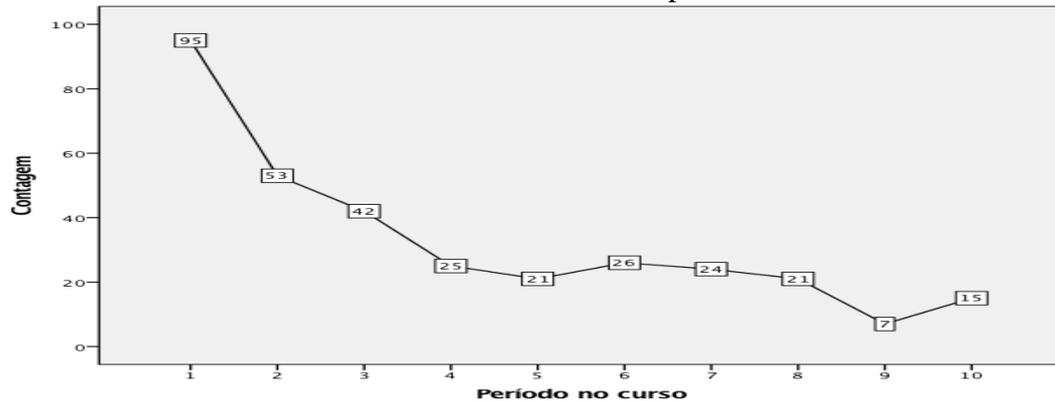
Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborada pelo autor.

Referente à Tabela 24.1 tem-se uma concentração de graduandos do 1º período (28,9%), seguido do 2º (16,1%) e 3º (12,8%), os quais totalizaram 57,8% dos casos. Percebe-se, portanto, que mais da metade dos estudantes atendidos estavam nos períodos iniciais dos seus respectivos cursos quando buscaram auxílio psicológico na UFape.

Esses dados são semelhantes aos encontrados por Peres *et al.* (2004), onde a maior parte dos graduandos que procuraram suporte psíquico na UNESP eram ingressantes do primeiro ano da graduação, ou seja, contemplando o primeiro e o segundo período. Assim também, representando a maior porcentagem, na pesquisa de Dallagnol (2018), foi detectado que 40% dos estudantes atendidos estavam no segundo período.

Entre os demais períodos, conforme Tabela 24.1, as maiores frequências foram do 6º período (7,9%), 4º (7,6%), 7º (7,3%), e, empatados, o 5º e 8º com 6,4%, os quais representaram 35,6% dos casos. Por outro lado, os casos com menor frequência concentraram-se no 10º (4,6%) e 9º períodos (2,1%), os quais totalizaram 6,7%, indicando um decréscimo expressivo dentre os períodos finais.

Gráfico 15 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Período



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

O Gráfico 15 mostra as frequências, quanto à variável Período, da seguinte forma: a maior frequência consta no 1º período, onde, logo após, existe uma queda contínua até o 5º período, com um pequeno aumento no 6º período. Então, novamente, uma tendência de queda até o 9º período, com uma pequena elevação até chegar ao 10º período.

Aqui se faz importante considerar alguns fatores como a evasão escolar e a quantidade de períodos por graduação. Quanto aos períodos finais contabilizados, destaca-se que algumas graduações da UFAPÉ não chegam a ter tais periodizações (9º e 10º períodos), enquanto que uma chega a ter 11 períodos, sendo a quantidade de semestres, por curso, dividida da seguinte forma: Letras e Pedagogia (8); Ciência da Computação (9); Agronomia, Engenharia de Alimentos e Zootecnia (10); e, por fim, Medicina Veterinária (11).

Chama atenção que Medicina Veterinária é o único dos cursos da UFAPÉ que possui 11 períodos, sendo que não foram encontrados registros de atendimentos psicológicos para o período mencionado. Já quanto à evasão escolar, é possível que o volume de alunos que ingressam na graduação possa ser, expressivamente, maior que o volume daqueles que seguem o curso ou mesmo dos que se formam, sendo aconselhável considerar tal aspecto de proporcionalidade para a realização de maiores aprofundamentos.

4.12 CURSO⁵⁵**Tabela 25** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Curso

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Agronomia	57	15,7	15,7	15,7
	Engenharia de Alimentos	48	13,3	13,3	29,0
	Ciência da Computação	15	4,1	4,1	33,1
	Letras	40	11,0	11,0	44,2
	Pedagogia	52	14,4	14,4	58,6
	Medicina Veterinária	100	27,6	27,6	86,2
	Zootecnia	50	13,8	13,8	100,0
	Total	362	100,0	100,0	

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor.

Segundo a Tabela 25, os estudantes do curso de Medicina Veterinária (27,6%) foram os que mais buscaram atendimento psíquico. Na sequência, tem-se os alunos do curso de Agronomia (15,7%), Pedagogia (14,4%), Zootecnia (13,8%), Engenharia de Alimentos (13,3%), Letras (11%) e, por último, Ciência da Computação (4,1%).

Com base nos resultados apresentados, a porcentagem dos atendidos do curso de Medicina Veterinária foi quase o dobro do seguido curso de agrárias, ou seja, Agronomia, bem como, efetivamente, o dobro comparado ao curso de Zootecnia, também da referida área. Entre os cursos da UFPE da mencionada vertente, os acolhidos de Engenharia de Alimentos foram os que menos realizaram suporte psíquico na instituição.

Em face das demais graduações, ainda conforme a Tabela 25, os estudantes de Pedagogia foram os que mais buscaram atendimento psicológico, seguido de Letras e, por último, Ciência da Computação. Nesse contexto, faz-se importante considerar que as graduações possuem turnos distintos, sendo: Letras e Ciência da Computação (Noturno); Zootecnia, Agronomia, Medicina Veterinária e Pedagogia (Matutino ou Vespertino); e Engenharia de Alimentos (Integral⁵⁶).

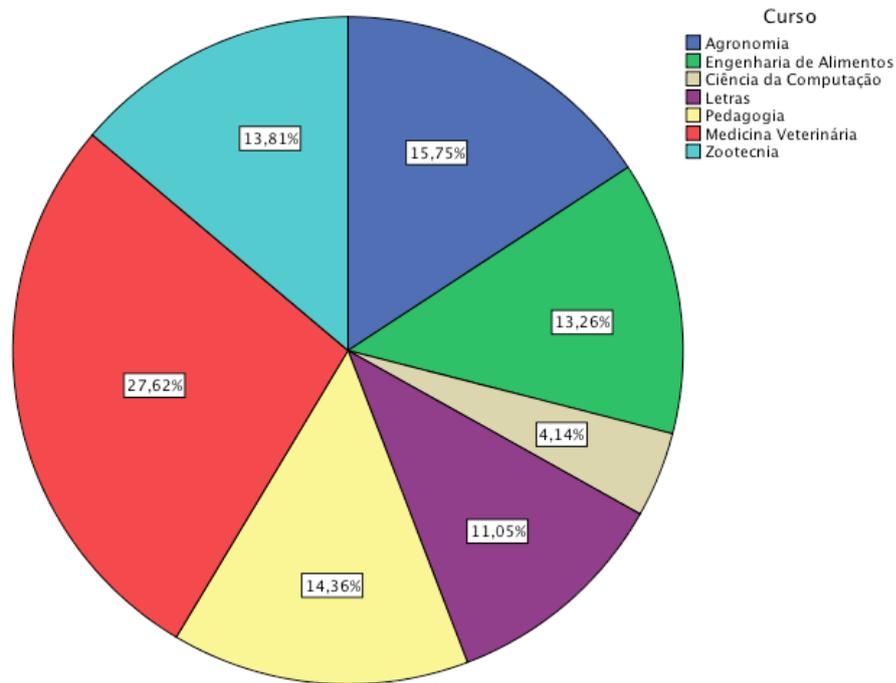
Outro ponto a ser considerado é quanto ao método de ingresso na instituição, o qual se efetiva por meio de 2 entradas ao ano - sendo a primeira, ingressando no primeiro semestre, e a segunda, ingressando no segundo semestre. Para os cursos de Letras, Ciência da Computação e Engenharia de Alimentos, mantêm-se os turnos mencionados, anteriormente, para as

⁵⁵Curso informado durante o primeiro atendimento psicológico realizado.

⁵⁶O curso de Engenharia de Alimentos até o semestre 2018.2 era ofertado nos turnos matutino (primeira entrada) e vespertino (segunda entrada). Contudo, por meio da Resolução n° 310/2018 (UFRPE, 2018c), a referida graduação passou a ser disponibilizada de modo integral, desde o semestre 2019.1.

respectivas entradas. Já para os cursos de Zootecnia, Agronomia, Medicina Veterinária e Pedagogia, as turmas do primeiro semestre ingressam no turno matutino, e as do segundo semestre, no turno vespertino.

Gráfico 16 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Curso



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborado pelo autor.

Conforme o Gráfico 16, Medicina Veterinária foi o curso com a maior incidência entre os estudantes assistidos pelo psicólogo na UFape. Referente à citada graduação, além de pertencer às ciências agrárias, o médico veterinário também é caracterizado como profissional de saúde (CNS, 1998).

Nesse sentido, os estudos de Pinho (2016), Cerchiari *et al.* (2005) e Peres *et al.* (2004) trazem que as maiores incidências de suportes psíquicos, entre os estudantes atendidos, eram integrantes de graduações voltadas a formação de profissionais de saúde (Medicina, Enfermagem e Psicologia, respectivamente), convergindo com os resultados desta variável.

Por fim, em relação ao curso de Ciência da Computação da UFape, demonstrado no Gráfico 15, como aquele com menor porcentagem entre os estudantes atendidos, foi encontrado dado semelhante nos achados de Cerchiari *et al.* (2005), onde a referida graduação também obteve a menor procura por atendimento psicológico entre os discentes da UEMS.

4.13 RECEBE BOLSA ESTUDANTIL⁵⁷**Tabela 26** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Recebe bolsa estudantil

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	131	36,2	36,5	36,5
	Sim	228	63,0	63,5	100,0
	Total	359	99,2	100,0	
Omisso	99	1	0,3		
	Sistema	2	0,6		
	Total	3	0,8		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ/ Elaborada pelo autor.

Segundo a Tabela 26, a maior parte dos graduandos atendidos (63,5%) eram beneficiários de algum dos programas da Assistência Estudantil da UFAPÉ, enquanto que os restantes (36,5%) não recebiam bolsas de caráter estudantil, sendo a maior frequência, portanto, recebe bolsa estudantil.

Nesse contexto, obtendo semelhanças, o estudo do FONAPRACE (2018) aponta que 53,5% dos graduandos das IFES estão inseridos em famílias com renda *per capita* de até 1 salário mínimo, subindo o percentual para 70,2% nos casos de estudantes com renda familiar *per capita* de até 1 salário mínimo e meio. Para esta última porcentagem, é justamente a faixa de renda utilizada como critério, para que o estudante seja assistido pelo PNAES nas IFES.

Acrescenta-se que 52,5% dos graduandos das IFES já pensaram em desistir do curso, onde as 3 maiores razões apontadas foram: dificuldades financeiras (32,8%), nível de exigência acadêmica (29,7%) e conciliar o curso e o trabalho (23,6%) (FONAPRACE, 2018).

⁵⁷Informações colhidas junto ao setor administrativo da COGESTI/UFAPÉ.

Gráfico 17 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Recebe bolsa estudantil



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/_UFape / Elaborado pelo autor.

Os achados do Gráfico 17, o qual apresenta que 63,5% dos estudantes atendidos recebiam bolsa estudantil, difere dos resultados de Souza (2019). Mesmo tendo a maioria dos egressos (84%) informando que recebiam algum tipo de apoio pecuniário, por parte da UFape, a bolsa estudantil foi assinalada por 28% dos participantes, sendo a segunda maior porcentagem, ficando atrás das bolsas de pesquisa (39%).

Já comparando-se os resultados do Gráfico 17 com os achados de Dallagnol (2018), por meio dos estudantes que buscaram auxílio psíquico em uma IFES da região Sul do Brasil, constatam-se diferenças. Enquanto que pouco mais de 60% dos estudantes assistidos pelo psicólogo da UFape recebiam bolsa estudantil, no estudo da autora, apenas 36,67% dos discentes informaram receber auxílio estudantil.

4.13.1 Se sim, qual tipo de bolsa estudantil⁵⁸**Tabela 27** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Tipo de bolsa estudantil

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	PAD apoio acadêmico	49	13,5	21,1	21,1
	PAD auxílio transporte	74	20,4	31,9	53,0
	PAD auxílio alimentação	55	15,2	23,7	76,7
	PRUG auxílio manutenção	48	13,3	20,7	97,4
	Programa de Promoção ao Esporte (PPE)	1	0,3	0,4	97,8
	Programa de Incentivo à cultura (PIC)	0	0	0	0
	Programa de apoio à gestante (PAG)	0	0	0	0
	Bolsa Permanência do MEC	5	1,4	2,2	100,0
	Total	232	64,1	100,0	
Omisso	Sistema	130	35,9		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborada pelo autor.

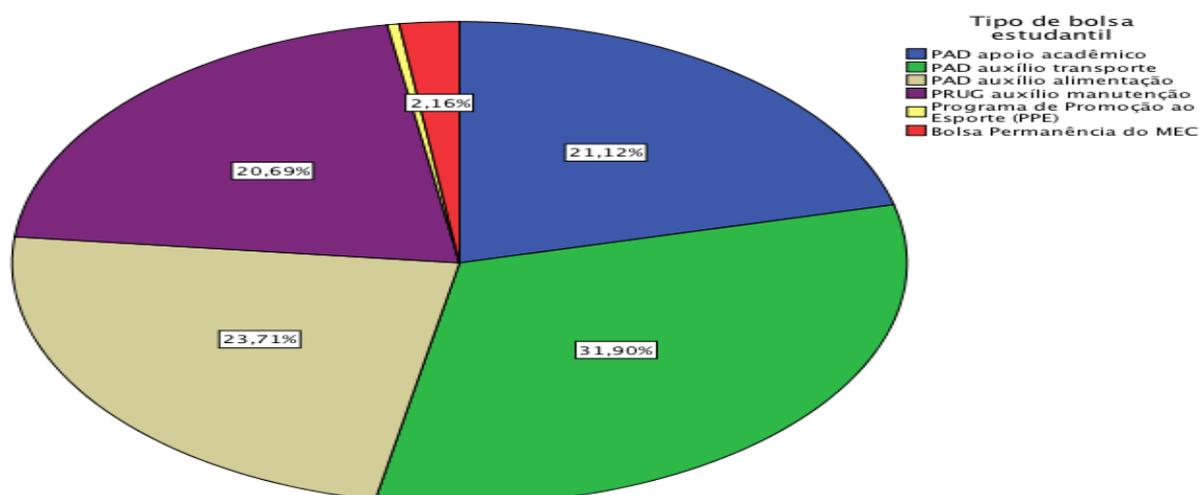
Conforme Tabela 27, as 3 maiores frequências foram das bolsas integrantes do Programa de Apoio ao Discente (PAD⁵⁹), dividido entre os seguintes benefícios: auxílio transporte (31,9%), auxílio alimentação (23,7%) e apoio acadêmico (21,1%). Os demais eram beneficiários do Programa de Residência Universitária para Graduação (PRUG), por meio do

⁵⁸Informações colhidas junto ao setor administrativo da COGESTI/UFAPE. Tendo a UFRPE como sua tutora, a UFAPE manteve os mesmos programas de Assistência Estudantil daquela instituição. O programa DE VOLTA AO LAR (UFRPE, 2018d), Programa de Apoio ao Estudante (PAI) (UFRPE, 2017) e as benefícios de Auxílio de Atenção à Saúde (UFRPE, 2018e) e Ajuda de custo (UFRPE, 2019d), não foram considerados, para este estudo, uma vez que possuem caráter eventual (DE VOLTA AO LAR, Auxílio de Atenção à Saúde e Ajuda de Custo) ou de curta duração (PAI).

⁵⁹O Programa de Apoio ao Discente (PAD) constitui um direito do discente tendo como principal objetivo promover a permanência, na UFRPE, de estudantes prioritariamente oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio, caracterizado pelos benefícios: Auxílio Transporte, Auxílio Transporte e Bolsa de Apoio Acadêmico (UFRPE, 2019c). Os valores mensais correspondentes, a cada modalidade do PAD, em 2019, foram: R\$110,00 (Auxílio Transporte), R\$132,00 (Auxílio Alimentação) e R\$345,00 (Apoio Acadêmico).

benefício auxílio manutenção⁶⁰ (20,7%); Bolsa Permanência do MEC⁶¹ (2,2%); e do Programa de Promoção ao Esporte (PPE⁶²) (0,4%).

Gráfico 18 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Tipo de bolsa estudantil



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborado pelo autor.

Ressalta-se que não foram encontrados registros de estudantes assistidos pelo Programa de Apoio a Gestante (PAG⁶³) e do Programa de Incentivo a Cultura (PIC⁶⁴). Ademais, considerando o Gráfico 18, o tipo de bolsa estudantil com maior frequência foi o auxílio-transporte, modalidade integrante do PAD.

⁶⁰O Programa de Residência Universitária para Graduação (PRUG) é destinado ao discente que, após atender aos critérios de seleção e ser aprovado, por meio de edital público, ingressa na residência universitária e começa a receber o benefício auxílio manutenção (UFRPE, 2019a). O valor mensal, correspondente ao programa, em 2019, foi de R\$ 542,00.

⁶¹É uma política pública voltada a concessão de auxílio financeiro aos estudantes quilombolas, indígenas, em situação de vulnerabilidade socioeconômica matriculados em instituições federais de ensino superior (BRASIL, 2018b). Contudo, o recurso é disponibilizado diretamente do MEC. O valor mensal, correspondente ao programa, em 2019, foi de R\$ 900,00.

⁶²Programa destinado aos alunos dos cursos de graduação presencial da UFRPE, regularmente matriculados na Instituição, que apresentarem vulnerabilidade socioeconômica e aptidão para as habilidades esportivas, a fim de incentivar a prática e o treinamento esportivo de alunos/atletas para a participação em jogos estudantis e em competições estaduais, regionais e nacionais (UFRPE, 2019b). O valor mensal, correspondente ao programa, em 2019, foi de R\$ 345,00.

⁶³Programa destinado as discentes que tenham um filho, após ingressarem em curso de graduação presencial e apresentem quadro de vulnerabilidade social (UFRPE, 2018b). O valor mensal, correspondente ao programa, em 2019, foi de R\$ 345,00.

⁶⁴O Programa de Incentivo à Cultura, assegurado pelo Artigo 88 do Estatuto Geral da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), tem como principal objetivo promover a inclusão cultural dos(as) discentes, prioritariamente, em vulnerabilidade socioeconômica e que apresentem aptidão para música, durante a realização do curso de graduação presencial (UFRPE, 2015). Contudo, segundo a Coordenadoria de Apoio Psicossocial e Pedagógico (COAP) da PROGESTI, o programa encontra-se suspenso desde o ano de 2017.

4.14 ORIGEM DA DEMANDA⁶⁵**Tabela 28** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE – por Origem da demanda

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Demanda Espontânea	299	82,6	83,3	83,3
	Serviço social	24	6,6	6,7	90,0
	Coordenação geral de cursos	2	0,6	0,6	90,5
	Coordenação de curso	9	2,5	2,5	93,0
	Sugestão de colega de turma	1	0,3	0,3	93,3
	Setor pedagógico	1	0,3	0,3	93,6
	Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico (COAA)	10	2,8	2,8	96,4
	Coordenadoria de Gestão de Residência Universitária (CGR)	1	0,3	0,3	96,7
	Coordenação da COGESTI	1	0,3	0,3	96,9
	Sugestão de professor de curso	6	1,7	1,7	98,6
	Direção administrativa	1	0,3	0,3	98,9
	Emergência	1	0,3	0,3	99,2
	Setor de Acessibilidade	3	0,8	0,8	100,0
	Total	359	99,2	100,0	
Omisso	Sistema	3	0,8		
	Total	362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor.

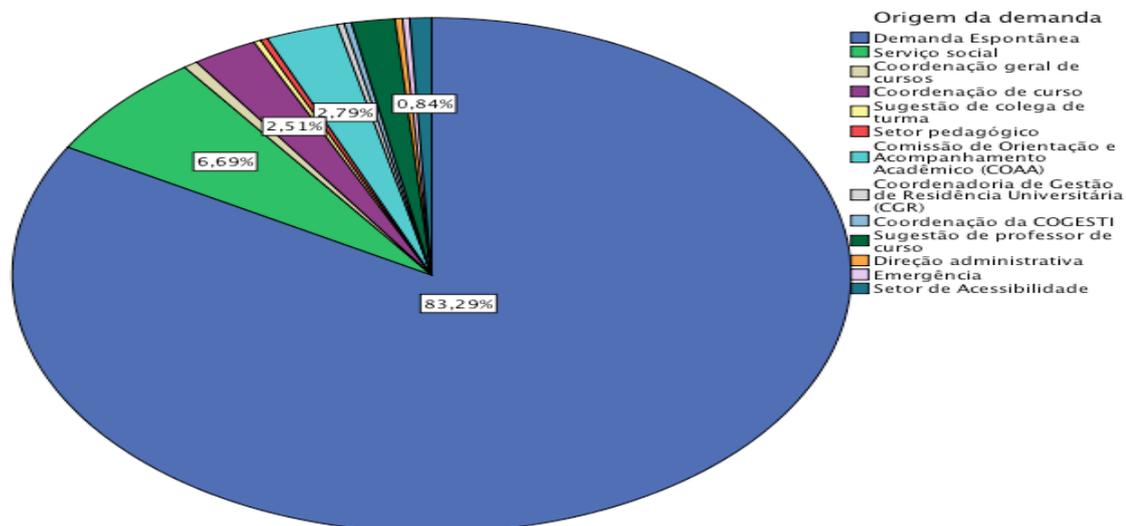
No que se refere à origem da demanda (Tabela 28), 83,3% dos graduandos buscaram atendimento psicológico por meio de demanda espontânea (quando o estudante, por vontade própria, procura o serviço de atenção psicológica).

Para as outras origens, as porcentagens foram dispostas da seguinte maneira: Serviço Social (6,7%), Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico (COAA) (2,8%), Coordenação de curso (2,5%), Sugestão de professor de curso (1,7%), Setor de Acessibilidade

⁶⁵ Como forma de preservar a natureza dos dados, foram considerados os setores pertencentes a antiga UFRPE/UAG e da Coordenadoria de Gestão de Residência Universitária (CGR), enquanto PROGESTI, referente ao período considerado na pesquisa.

(0,8%) e Coordenação Geral de cursos (0,6%). Por fim, empatados com 0,3%, houve demandas diversas: Setor pedagógico, Coordenadoria de Gestão de Residência Universitária (CGR), Coordenação da COGESTI, Direção Administrativa, Sugestão de colega de turma e Emergência.

Gráfico 19 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Origem da demanda



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

Considerando o Gráfico 19, a maior frequência, entre as origens de demanda, foi a demanda espontânea, representando quase a totalidade dos casos.

4.15 HISTÓRICO DE ACOMPANHAMENTO EM SAÚDE MENTAL⁶⁶

Tabela 29 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Histórico de acompanhamento em saúde mental

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	293	80,9	81,2	81,2
	Sim	68	18,8	18,8	100,0
	Total	361	99,7	100,0	
Omisso	Sistema	1	0,3		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

⁶⁶Para este estudo, foi considerado como Histórico de acompanhamento em saúde mental, os casos em que o estudante já realizou tratamento em saúde mental, antes ou durante a trajetória universitária, seja por meio do acompanhamento psiquiátrico e/ou psicoterápico.

Segundo a Tabela 29, 18,8% dos estudantes atendidos possuíam histórico de acompanhamento em saúde mental, enquanto que 81,2% não. Considerando os resultados encontrados dessa variável, a pesquisa de Oliveira *et al.* (2019) buscou identificar características relacionada à qualidade de vida e ao sofrimento psíquico entre os graduandos do estado do Ceará.

Relativo ao histórico de adoecimento mental, os autores encontraram os seguintes resultados: “[...] 25,7% já apresentaram algum tipo de transtorno mental durante a graduação; 47% já apresentaram transtornos antes e também durante a graduação; 4,3% apresentaram apenas antes da graduação e 22,9% declaram nunca haver apresentado nenhum tipo de transtorno mental” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 7). Por outro lado, alerta o estudo do FONAPRACE (2018) que 67,6% dos graduandos participantes afirmaram nunca ter buscado atendimento psíquico, com predominância do sexo masculino (73,6%).

Comparando-se os achados dessa variável e aos estudos de Oliveira *et al.* (2019) e do FONAPRACE (2018), é possível que uma boa parte dos estudantes que não realizaram acompanhamento em saúde mental, antes ou durante a graduação na UFAPE, possam já ter apresentado transtornos mentais, seja antes ou durante a graduação, e não buscaram o suporte psicológico devido.

Gráfico 20 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE – por Histórico de acompanhamento em saúde mental



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE / Elaborado pelo autor.

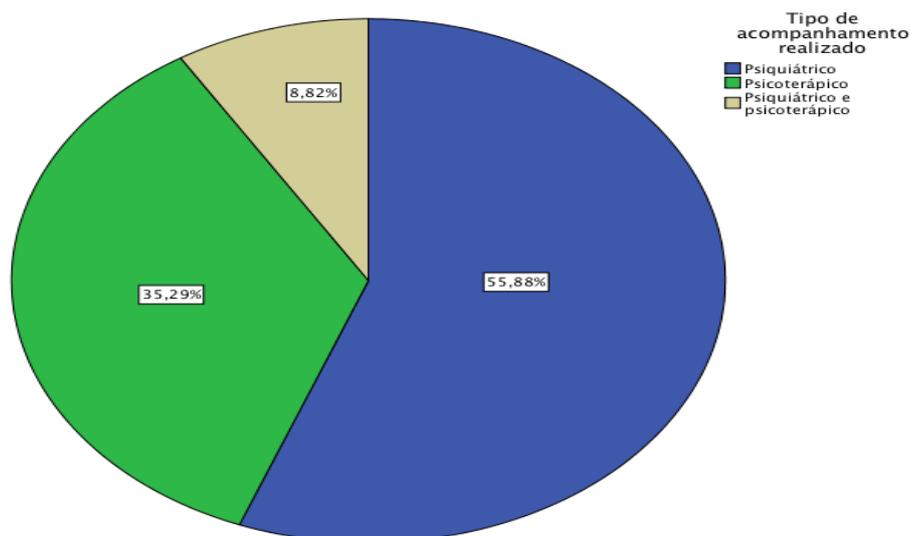
Conforme mostrado no Gráfico 20, a maior frequência foi não possuir histórico de acompanhamento em saúde mental, representando mais de 80% dos casos.

4.15.1 Tipo de acompanhamento realizado⁶⁷**Tabela 30** – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Tipo de acompanhamento realizado

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Psiquiátrico	38	10,5	55,9	55,9
	Psicoterápico	24	6,6	35,3	91,2
	Psiquiátrico e Psicoterápico	6	1,7	8,8	100,0
	Total	68	18,8	100,0	
Omisso	Não se aplica	293	80,9		
	Sistema	1	0,3		
	Total	294	81,2		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Quanto à Tabela 30, referente ao Tipo de acompanhamento realizado pelo estudante da UFAPÉ, os resultados foram: 55,9% realizaram somente acompanhamento psiquiátrico; 35,3% somente acompanhamento psicoterápico; e, por fim, 8,8% ambos os tipos de acompanhamentos, ou seja, tanto psiquiátrico quanto psicoterápico.

Gráfico 21 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ – por Tipo de acompanhamento realizado

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

Conforme o Gráfico 21, consta que a maior frequência quanto ao tipo de acompanhamento realizado foi somente o acompanhamento psiquiátrico.

⁶⁷Antes ou durante a trajetória universitária, seja por meio do acompanhamento psiquiátrico e/ou psicoterápico.

4.16 QUEIXAS PSICOLÓGICAS APRESENTADAS⁶⁸**Tabela 31** – Queixas psicológicas apresentadas durante os atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ

	Respostas		Porcentagem de casos
	N	Porcentagem	
Feedback ou Curiosidade	5	0,6%	1,4%
Queixas relacionadas à vivência universitária	270	30,4%	74,8%
Queixas relacionadas a dificuldades socioeconômicas	70	7,9%	19,4%
Queixas relacionadas a dinâmicas de violência	65	7,3%	18,0%
Queixas relacionadas à saúde mental do estudante	217	24,4%	60,1%
Queixas relacionadas à saúde física do estudante	41	4,6%	11,4%
Queixas relacionadas a familiares	221	24,9%	61,2%
Total	889	100,0%	246,3%

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019/ Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Conforme Tabela 31, referente à variável Queixas psicológicas apresentadas, as 3 maiores frequências foram: Queixas relacionadas à vivência universitária (30,4%), Queixas relacionadas a familiares (24,9%) e Queixas relacionadas à saúde mental do estudante (24,4%), as quais, juntas, somam 79,7% do total proporcional da variável em questão. Continuando, tem-se as Queixas relacionadas a dificuldades socioeconômicas (7,9%), Queixas relacionadas a dinâmicas de violência (7,3%), Queixas relacionadas à saúde física (4,6%) e, por fim, Feedback ou Curiosidade (0,6%).

Considerando as 3 maiores frequências (Tabela 31) entre as categorias da variável em questão, algumas relações puderam ser feitas em face da bibliografia ora trazida neste trabalho. Nesse sentido, quanto às Queixas relacionadas à vivência universitária, categoria de maior frequência desta variável, Moura e Facci (2016) atentam que o fracasso escolar permanece na graduação através do grande número de reprovações e de evasão entre os estudantes. Enquanto que Macedo (2017) aponta que as motivações que levam ao estudante a reprovar, por nota, estão ligadas a dificuldades de aprendizagem, metodologia do ensino do professor, além da relação entre professor e aluno.

Já o estudo de Santana *et al.* (2014) traz que os fatores, apontados pelos estudantes, que mais dificultam a sua inserção na educação superior estão relacionados à ausência de

⁶⁸ As queixas psicológicas se apresentaram isoladas ou cumulativamente, por atendimento realizado. O detalhamento das categorizações, quanto as Queixas psicológicas apresentadas, estão nos apêndices deste trabalho.

conhecimentos prévios na área de exatas e problemas na relação professor-aluno. Zatti e Biasus (2018) colocam que as maiores dificuldades quanto à adaptação acadêmica por parte do discente estão ligadas a queda no rendimento acadêmico, novo ritmo de estudo, o método de ensino, bem como a mudança de cidade.

Continuando, Padovani *et al.* (2014) inserem que pode haver relação entre o distanciamento da família e a vulnerabilidade psicológica do discente, sendo um importante fator de investigação sobre a saúde mental do graduando. Nesse sentido, Peres *et al.* (2004) indicam que a maior parte dos estudantes que buscaram suporte psíquico na UNESP apresentaram dificuldades em conviver com o distanciamento familiar.

Ademais, Porto (2017) menciona que entre as queixas psíquicas apresentadas pelos estudantes atendidos em uma IFES da Amazônia Sul Ocidental, estão: conflitos nas relações entre professor-aluno e entre alunos; dificuldades de adaptação devido a mudança de cidade; início dos estágios e o término do curso; apresentação de seminários, entre outros.

Por fim, a pesquisa do FONAPRACE (2018) traz o perfil do estudante das IFES, o qual obteve maiores dificuldades quanto à adaptação a novas situações (cidade, moradia, distância da família, entre outras), ou seja, decorrentes de seu ingresso na universidade: cotista (19,1%); recebe bolsa pela assistência estudantil (22,1%); pertencentes às ciências agrárias (20%); faixa etária entre 18 e 24; baixa renda, entre outras características.

Assim, percebe-se que a categoria Queixas relacionadas à vivência universitária converge com a literatura ora apresentada (MOURA; FACCI, 2016; MACEDO, 2017; SANTANA *et al.*, 2014; ZATTI; BIASUS, 2018; PADOVANI *et al.*, 2014; PERES *et al.*, 2004; PORTO, 2017; FONAPRACE, 2018).

Ademais, Dallagnol (2018) atenta que existe, na fala do estudante que busca atendimento psicológico no ensino superior, “[...] a manifestação da necessidade de que o ambiente universitário e seus membros se preocupem com a formação integral do sujeito ali presente, ou seja, para além do conhecimento técnico do curso em formação, mas também para o que vive e sente este sujeito em formação acadêmica” (p. 124).

Passando agora para as possíveis relações com a segunda categoria de maior frequência, Queixas relacionadas a familiares, Osse (2013) atenta para os impactos do adoecimento mental na dinâmica familiar, interferindo nas relações entre familiares e ocasionando sofrimento aos demais membros da família. Por outro lado, as relações familiares exercem forte influência no rendimento acadêmico da maior parte dos discentes participantes do estudo (FONAPRACE, 2018).

Porto (2017), por fim, coloca que, entre as queixas psíquicas apresentadas pelos estudantes atendidos, constavam conflitos familiares e luto por membro familiar, entre outros. Nesse sentido, a categoria Queixas relacionadas a familiares possui bastante similaridade aos achados encontrados na bibliografia (OSSE, 2013; FONAPRACE, 2018; PORTO, 2017).

Chegando à terceira categoria de maior frequência, Queixas relacionadas à saúde mental do estudante, a obra de Osse (2013), que tratou sobre o estado emocional do universitário, encontra que 40,45% dos participantes disseram sofrer de ansiedade e 38% sofriam de problemas relacionados ao sono. Malagris *et al.* (2009) contemplam que o tipo de estresse mais acentuado, na pós-graduação, estava relacionado a sintomas psicológicos (preocupação, ansiedade, tensão, entre outros), alertando, os autores, que tal condição pode prejudicar o rendimento acadêmico e a qualidade de vida do discente.

Costa e Nebel (2018), ao questionar o estudante da pós-graduação, se o mesmo sofre de algum tipo de transtorno mental, obtiveram que 74% disseram sofrer de ansiedade; 31% insônia; e 25% depressão. Enquanto que, na graduação, tem-se que 83,5% dos graduandos das IFES afirmaram ter vivenciado alguma dificuldade emocional que interferiu na vivência acadêmica (FONAPRACE, 2018), onde, destas dificuldades, as maiores incidências foram ansiedade (63,6%), desânimo/desmotivação (45,6%) e insônia/alterações no sono (32,7%), sem deixar de mencionar, pela gravidade, que 8,5% tiveram pensamento suicida e 10,5% ideia de morte.

Millan e Arruda (2008), em seu estudo com estudantes de medicina que buscaram suporte psíquico no ensino superior, presumem que os altos índices de ansiedade têm relação com o sentimento de competitividade, entre os mesmos, por melhores rendimentos acadêmicos com a finalidade de obterem vagas em projetos de pesquisa.

Durante os suportes psíquicos realizados aos graduandos na UEMS, Cerchiari *et al.* (2005) observaram que, entre as demandas apresentadas, constavam esquecimento, problemas com sono, timidez, desânimo, problemas de relacionamento interpessoal, entre outros. Já Porto (2017) coloca que, entre as demandas psíquicas apresentadas pelos estudantes atendidos, foram detectadas ansiedade, uso abusivo de drogas, pânico, entre outros.

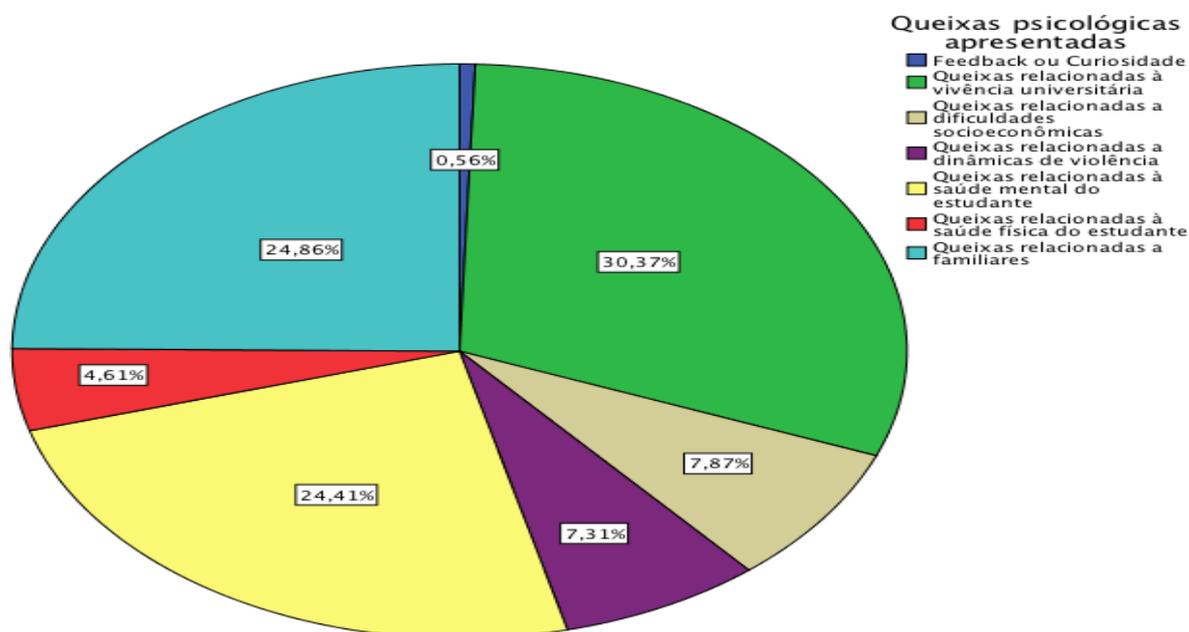
Ademais, Dallagnol (2018), ao questionar o estudante atendido quanto aos motivos pela procura do suporte psíquico na IFES, obteve que 76,66% dos graduandos assistidos afirmaram ter sido devido a aspectos emocionais que interferiram no processo de aprendizagem, seguido de aspectos do processo de aprendizagem que influenciaram emocionalmente com 43,33%. A autora ainda extrai que os sintomas, percebidos pelos discentes, que os fizeram buscar auxílio

psicológico foram: empatados em primeiro, ansiedade e tristeza (26,66%), seguido de medo (16,66%).

Por fim, o estudo do FONAPRACE (2018) mostrou que 6 em cada 10 estudantes universitários fazem uso de álcool. Contudo, apenas 3,7% afirmaram fazer uso várias vezes por semana. Entretanto, quanto ao consumo de drogas ilícitas, a pesquisa revelou que 6,3% dos graduandos consumiam menos de uma vez por semana; 1,8% nos finais de semana; 1,5% várias vezes ao longo da semana; e 1,2% diariamente.

Dessa forma, a categoria Queixas relacionadas à saúde mental do estudante possui bastante proximidade aos achados da bibliografia trazida no presente estudo (OSSE, 2013; MALAGRIS *et al.*, 2009; COSTA; NEBEL, 2018; MILLAN; ARRUDA, 2008; CERCHIARI *et al.*, 2005; PORTO, 2017; DALLAGNOL, 2018; FONAPRACE, 2018).

Gráfico 22 – Queixas psicológicas apresentadas durante os atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

Considerando o Gráfico 22, onde a maior frequência para a variável Queixas psicológicas apresentadas foram as Queixas relacionadas à vivência universitária, Oliveira *et al.* (2019) atentam que 58,9% dos universitários, participantes da pesquisa no estado do Ceará, concordam totalmente que a vivência universitária gera adoecimento mental, enquanto que 29,6% concordam parcialmente. A referida pesquisa traz ainda que 42,7% já desistiram de realizar trabalhos e avaliações em decorrência de nervosismo ou ansiedade.

Por fim, segundo Oliveira *et al.* (2019), esses resultados ratificam que o espaço universitário se configura como agente de sofrimento psíquico, onde alerta que o suicídio, entre os graduandos, pode ter ligação com a dinâmica universitária.

4.17 TIPOS DE ENCAMINHAMENTO

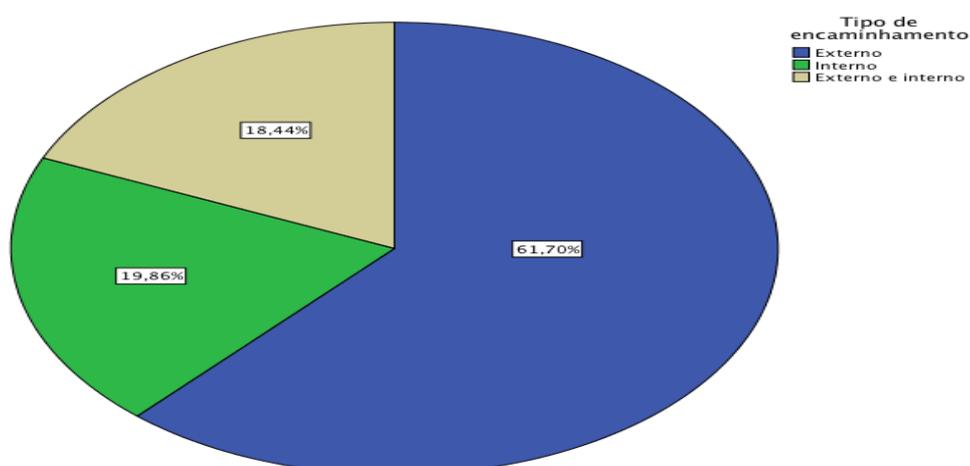
Tabela 32 – Tipos de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Externo	87	24,0	61,7	61,7
	Interno	28	7,7	19,9	81,6
	Externo e interno	26	7,2	18,4	100,0
	Total	141	39,0	100,0	
Omisso	Não se aplica	83	22,9		
	Sistema	138	38,1		
	Total	221	61,0		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 32, entre os estudantes atendidos que necessitaram ser encaminhados, os resultados, quanto aos tipos de encaminhamentos, foram: externo⁶⁹ (61,7%); interno⁷⁰ (19,9%); e ambos, ou seja, externo e interno (18,4%).

Gráfico 23 – Tipos de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

⁶⁹Encaminhamento formal do estudante atendido para instâncias externas a UFAPÉ.

⁷⁰Encaminhamento formal do estudante para setores integrantes da UFAPÉ.

Assim, para a variável tipo de encaminhamento, conforme Gráfico 23, a maior frequência foi o encaminhamento externo.

4.18 SOLICITAÇÃO DE RETORNO⁷¹

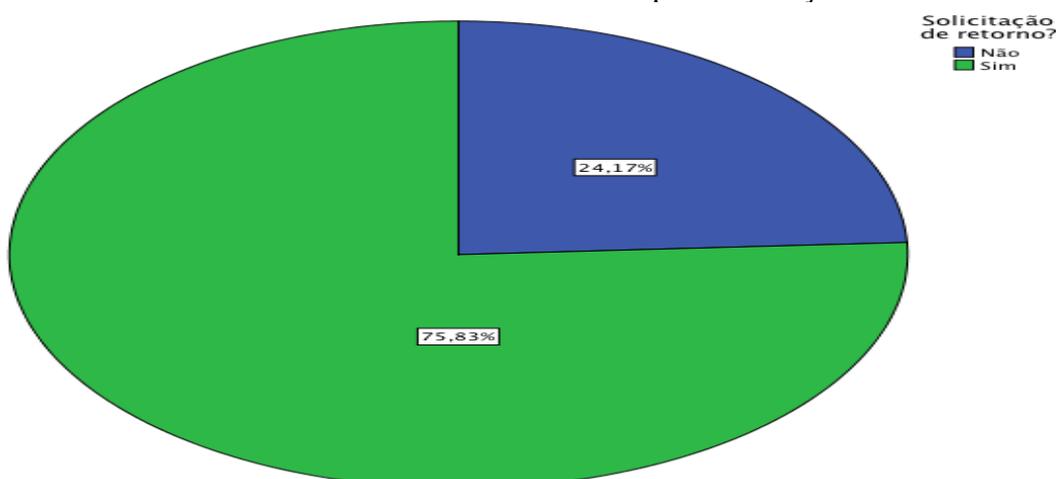
Tabela 33 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Solicitação de retorno

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Não	87	24,0	24,2	24,2
	Sim	273	75,4	75,8	100,0
	Total	360	99,4	100,0	
Omisso	Sistema	2	0,6		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborada pelo autor.

Conforme demonstrado na Tabela 33, houve solicitação de retorno para 75,8% dos estudantes atendidos, enquanto que para 24,2% não. Por outro lado, entre os estudantes em que foi solicitado o retorno, 100% não retornaram para novo atendimento dentro do tempo indicado, dificultando, neste sentido, a finalização dos casos.

Gráfico 24 – Estudantes que realizaram atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape – por Solicitação de retorno



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFape / Elaborado pelo autor.

Referente à variável Solicitação de retorno, considerando o Gráfico 24, a maior frequência entre os estudantes atendidos foi a solicitação de retorno.

⁷¹Solicitação de retorno durante o último atendimento psicológico realizado.

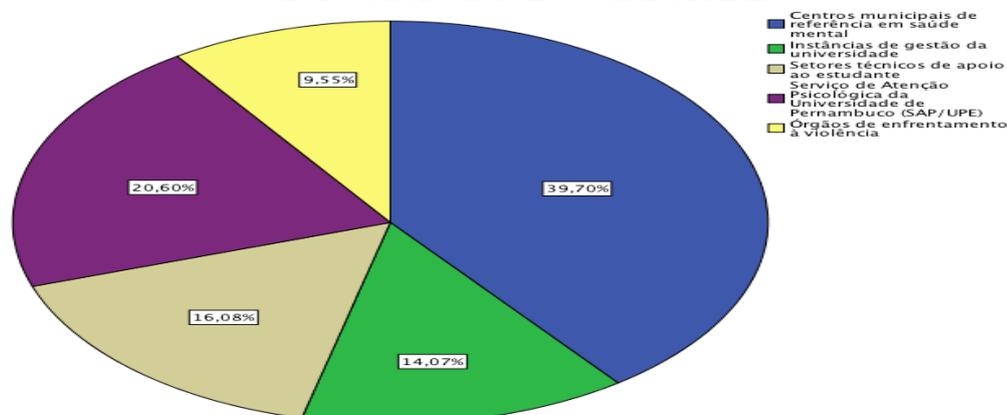
4.19 LOCAIS DE ENCAMINHAMENTO⁷²**Tabela 34** – Locais de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE

	Respostas		Porcentagem de casos
	N	Porcentagem	
Centros municipais de referência em saúde mental	79	39,7%	55,6%
Instâncias de gestão da universidade	28	14,1%	19,7%
Setores técnicos de apoio ao estudante	32	16,1%	22,5%
Serviço de Atenção Psicológica da Universidade de Pernambuco (SAP/UPE)	41	20,6%	28,9%
Órgãos de enfrentamento à violência	19	9,5%	13,4%
Total	199	100,0%	140,1%

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborada pelo autor

Conforme observado na Tabela 34, os resultados, quanto à variável Locais de encaminhamento, foram: Centros municipais de referência em saúde mental (39,7%), seguido do Serviço de Atenção Psicológica da Universidade de Pernambuco (SAP/UPE) (20,6%) e dos Setores técnicos de apoio estudante (16,1%). Ainda, tem-se 14,1% para Instâncias de gestão da universidade e 9,5% dos casos para Órgãos de enfrentamento à violência.

Aqui, o encaminhamento para local, onde se realiza psicoterapia (SAP/UPE), ficou em segundo lugar, obtendo diferença em relação aos achados de Peres *et al.* (2004), que teve a maior incidência.

Gráfico 25 – Locais de encaminhamento referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE

⁷²Os registros dos Locais de encaminhamento dos estudantes se apresentaram isolados ou cumulativamente, na totalidade dos atendimentos realizados. O detalhamento das categorizações estão nos apêndices deste trabalho. As categorias desta variável somente estão alinhadas as categorias da variável Tipos de encaminhamento nas seguintes situações: Centros municipais de referência em saúde mental, Serviço de Atenção Psicológica da Universidade de Pernambuco (SAP/UPE) (Externo); Setores técnicos de apoio estudante, Instâncias de gestão da universidade (Interno). Para a categoria Órgãos de enfrentamento à violência foram feitas orientações verbais.

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/ UFAPE / Elaborado pelo autor.

O Gráfico 25 mostra que a maior frequência para a variável Locais de encaminhamento foi a categoria Centros municipais de referência em saúde mental.

4.20 FINALIDADE DOS ENCAMINHAMENTOS⁷³

Tabela 35 – Finalidade dos encaminhamentos referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPE

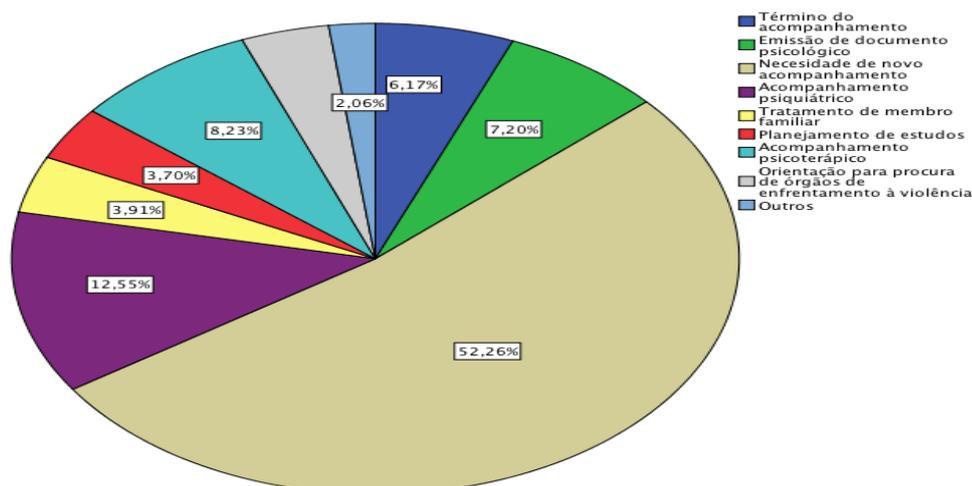
	Respostas		Porcentagem de casos
	N	Porcentagem	
Término do acompanhamento	30	6,2%	8,3%
Necessidade de novo atendimento	254	52,3%	70,2%
Acompanhamento psiquiátrico	61	12,6%	16,9%
Orientações para tratamento de saúde de membro familiar	19	3,9%	5,2%
Planejamento de estudos	18	3,7%	5,0%
Acompanhamento psicoterápico	40	8,2%	11,0%
Orientações para procurar os órgãos de enfrentamento à violência	19	3,9%	5,2%
Emissão de documentos psicológicos	35	7,2%	9,7%
Outros encaminhamentos	10	2,1%	2,8%
Total	486	100,0%	134,3%

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/ UFAPE / Elaborada pelo autor

Conforme observado na Tabela 35, têm-se os seguintes resultados: Necessidade de novo atendimento (52,3%), Acompanhamento psiquiátrico (12,6%), Acompanhamento psicoterápico (8,2%), Emissão de documentos psicológicos (7,2%), Término do acompanhamento (6,2%), Orientações para tratamento de saúde de membro familiar (3,9%), Orientações para procurar os órgãos de enfrentamento a violência (3,9%), Planejamento de estudos (3,7%) e Outros encaminhamentos (2,1%).

⁷³Os registros, quanto a Finalidade dos encaminhamentos, se apresentaram isoladas ou cumulativamente, na totalidade dos atendimentos realizados. O detalhamento das categorizações estão nos anexos deste trabalho. As categorias desta variável somente estão alinhadas as categorias da variável Tipos de encaminhamento nas seguintes situações: Acompanhamento psiquiátrico e Acompanhamento psicoterápico (Externo); Planejamento de estudos, Emissão de documentos psicológicos (Interno). Para as demais categorias (Término do acompanhamento, Necessidade de novo atendimento, Orientações para tratamento de saúde de membro familiar, Orientações para procurar os órgãos de enfrentamento à violência e Outros encaminhamentos), foram feitas orientações verbais.

Gráfico 26 – Finalidade dos encaminhamentos referente aos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

Conforme o Gráfico 26, o qual demonstra que a maior frequência para a variável Finalidade dos encaminhamentos foi a categoria Necessidade de novo atendimento, apresentando mais da metade dos casos válidos. Finalizando esta seção, logo abaixo, será apresentado o perfil psicossocial do estudante atendido na COGESTI/UFPE.

4.21 O PERFIL PSICOSSOCIAL DO ESTUDANTE QUE PROCURA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL/UFPE

Chega-se, então, à concretização do objetivo geral através da apresentação do perfil psicossocial do estudante que busca atendimento psicológico na Assistência Estudantil/UFPE, sendo este caracterizado da seguinte forma: sexo feminino (69,3%); cotista (60,6%), através do tipo de cota L2⁷⁴ (40,4%); que realiza 2 atendimentos psicológicos (60,2%); sendo Maio, tanto o mês em que houve a maior busca pelo primeiro atendimento (20,2%) quanto de maior incidência de atendimentos (15,60%); 20 anos (16,1%), apresentando predominância na faixa etária entre 18 e 22 anos (58,1%); natural da cidade de Garanhuns (27,4%); natural do estado de Pernambuco (85,6%); com residência em Garanhuns (77,8%); não mora na residência universitária (86,7%); 1º período (28,9%); curso de Medicina

⁷⁴Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública (UFRPE, 2020).

Veterinária (27,6%); bolsista da Assistência Estudantil (63,5%), por meio do PAD, na modalidade auxílio transporte (31,9%).

Ainda referente ao perfil do graduando atendido, o mesmo busca o atendimento psicológico através de demanda espontânea (83,3%); não possui histórico de acompanhamento em saúde mental (81,2%), mas, entre os que possuíam, teve acompanhamento somente psiquiátrico (55,9%); e as queixas psicológicas apresentadas foram relacionadas à vivência universitária (30,4%).

Outros achados encontrados foram: o ano correspondente ao maior número de estudantes que procuraram atendimento psicológico foi 2019 (34%), apresentando também, no mesmo ano, como o de predominância de atendimentos realizados (37,6%).

Quanto às últimas variáveis referentes às ações efetuadas pelo psicólogo, posteriores aos atendimentos realizados, houve solicitação de retorno durante o último atendimento agendado (75,8%); contudo, dos que foram requeridos, 100% não retornaram dentro do tempo indicado. Ademais, dentre os graduandos que necessitaram ser encaminhados, a maior parte foi do tipo externo (61,7%), tendo como local de encaminhamento os Centros municipais de referência em saúde mental (39,7%). Já quanto à finalidade dos encaminhamentos, foi pela necessidade de novo atendimento ao estudante (52,3%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aumento do número de atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 na Assistência Estudantil/UFAPÉ, houve a necessidade de revelar, por meio do presente estudo, quem é o discente que busca suporte psíquico na universidade.

Assim, esta pesquisa teve por objetivo geral construir um perfil psicossocial dos estudantes atendidos pelo psicólogo da COGESTI/UFAPÉ, obtendo-se êxito tanto pelo embasamento teórico selecionado quanto pela aplicação da proposta metodológica. Vale destacar, porém, algumas limitações em face do trabalho realizado.

A primeira foi que, embora realizada as possíveis relações entre a bibliografia e os resultados alcançados, não foi possível a efetivação de cruzamentos entre as variáveis, abrindo margem para pesquisas futuras. Já a segunda foi referente aos poucos⁷⁵ trabalhos encontrados que pudessem traduzir os impactos das queixas relacionadas a familiares na saúde mental discente (segunda maior queixa psicológica apresentada pelos estudantes).

Por fim, a terceira foi em relacionar a literatura com as últimas variáveis (tipo de encaminhamento, solicitação de retorno, locais de encaminhamento, finalidade dos encaminhamentos), uma vez que estas se propuseram (enquanto acréscimo ao trabalho e uma grata surpresa) apresentar as ações do psicólogo, posteriores aos atendimentos efetuados.

No entanto, até onde pesquisado por este autor, não foram encontradas na literatura⁷⁶ demais pesquisas com vistas a realizar possíveis comparações e consequentes análises em face dos resultados das últimas variáveis mencionadas.

Dessa forma, abre-se, novamente, a possibilidade de novos estudos com base nos resultados apresentados, tendo como sugestão deste autor: o que leva a maior parte dos graduandos atendidos, em que foi solicitado o retorno no último atendimento realizado, a não retornarem para novo atendimento?

Ademais, foi possível perceber, com base na caracterização do discente atendido e nas relações com a bibliografia, ambos trazidos na seção anterior, que o perfil do discente que busca atendimento psicológico no ensino superior converge com o perfil do estudante atendido na UFAPÉ.

Nesse sentido, foram confirmadas as hipóteses ora trazidas nesta obra, sendo a primeira que o aumento da procura por apoio psicológico nas IFES possui relação com o aumento de estudantes com perfis socioeconômicos mais vulneráveis, considerando as potenciais

⁷⁵OSSE, 2013; FONAPRACE, 2018; PORTO, 2017.

⁷⁶Excetuando-se os resultados de Peres *et al.* (2004) sobre locais de encaminhamento.

dificuldades vividas por estes no ambiente universitário, bem como pelo fato da instituição não ser, historicamente, preparada para lidar com tais demandas e perfis.

A segunda, ratificando que o discente atendido que recebe bolsa estudantil é também o que mais busca atendimento psicológico na educação superior. Já a terceira, no que tange às queixas psicológicas apresentadas, foi convergente que as demandas psíquicas, trazidas pelos graduandos, tiveram ligação com a vivência universitária.

Confirmadas as hipóteses propostas e tendo como base o perfil do estudante atendido na UFAPE, este estudo serve de alerta sobre a necessidade da gestão universitária refletir sobre a caracterização do discente que busca assistência psicológica na instituição, bem como enquanto instrumento de trabalho para futuras ações na IFES. Nesse sentido, Cerchiari *et al.* (2005) alinham-se a este entendimento ao sugerir

[...] a importância da reflexão sobre o processo de ensino, principalmente na forma como as atividades acadêmicas são distribuídas ao longo dos cursos e a atenção para com o processo de adaptação dos estudantes na vida universitária, considerando que os alunos que já apresentaram problemas/dificuldades nos períodos anteriores, terão maior propensão em apresentar sofrimento psíquico durante o período acadêmico (p. 263).

Orienta-se, por fim, que esta reflexão tenha como roteiro os resultados das variáveis expostas nesta obra, onde, entre outras características, o estudante atendido é do sexo feminino, o qual, conforme Peres *et al.* (2004), pode ter ligação aos condicionamentos socioculturais atribuídos pelas dinâmicas de gênero na tentativa de adequação de atributos a cada sexo. Contudo, com base neste último resultado, necessita-se refletir, por outro lado, sobre a ausência da procura por auxílio psíquico por parte do sexo masculino.

É também o cotista da modalidade L2⁷⁷, ou seja, advindo de escola pública (possuindo, muitas vezes, carência de conhecimentos básicos exigidos no ensino superior); pertencente a grupos étnicos (pretos, pardos ou indígenas), os quais, historicamente, excluídos das universidades e que, agora, têm tido a oportunidade de ingresso, por meio do incentivo de políticas de ações afirmativas; e, por fim, integrante de família com renda *per capita* de até 1 salário mínimo e meio, ou seja, em estado de vulnerabilidade social.

Aquele estudante com idade média de 20 anos, ou mesmo, na faixa etária predominante entre 18 e 22 anos. Estas idades estão alinhadas com a literatura encontrada, enquanto adulto jovem (CERCHIARI *et al.*, 2005).

⁷⁷UFRPE, 2020.

Ainda referente ao estudante atendido, é, ao mesmo tempo, o que recebe bolsa estudantil (beneficiário dos programas da Assistência Estudantil da UFAPE, dentro do perfil prioritário do PNAES, ou seja, integrante de família com renda *per capita* de até 1 salário mínimo e meio); do 1º período (aquele que está ingressando na universidade, com recente mudança do ensino médio para o superior e vulnerável as dificuldades quanto à adaptação acadêmica); do curso de Medicina Veterinária, sendo este, caracterizado enquanto curso de formação para profissionais de saúde⁷⁸ e com quase o dobro de diferença (100) para o segundo curso, Agronomia, também da área de Agrárias (57).

E, levando em conta que o maior índice de queixas psicológicas esteve relacionadas à vivência universitária, orienta-se, por parte da gestão universitária, a realização do estudo das demandas (descritas nos apêndices deste trabalho), com vistas a detectar lacunas, limites, possíveis falhas e propor soluções cabíveis em face das queixas citadas. Nesse âmbito, foram elencadas abaixo demais sugestões como forma de contribuições deste trabalho, direcionadas às instâncias de gestão da UFAPE:

- Apoio quanto à maior divulgação referente à oferta de atendimento psicológico aos estudantes na instituição bem como, promoção de campanhas de conscientização sobre a importância da saúde mental, junto à comunidade acadêmica, no sentido de desmistificar o preconceito frente ao adoecimento psíquico.
- Também apoio dos professores na divulgação para importância da saúde mental e do incentivo à busca por ajuda psicológica, por parte do graduando, quando necessário, uma vez que os docentes possuem acesso direto ao público estudantil em sala de aula.
- Apoio na criação de grupos para atendimento aos estudantes, oferta de palestras, atividades de acolhimento e reflexão, essencialmente junto aos discentes dos primeiros períodos (os quais foram os que mais buscaram atendimento) abordando temas relacionados às categorizações das queixas psicológicas apresentadas, com ênfase nas relacionadas à vivência universitária; a familiares; e a saúde mental do estudante (queixas mais incidentes encontradas neste trabalho).
- Tendo em vista que a distância percorrida entre a cidade que o estudante reside e a cidade onde estuda tem relação com o risco de abandono do curso (FONAPRACE, 2018); pela porcentagem de estudantes que tiveram que mudar de suas cidades de origem para estudar em outra na qual está instalada a universidade (DALLAGNOL,

⁷⁸CNS, 1998.

2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019); e, enquanto recortes dos resultados encontrados neste trabalho (sendo o perfil do estudante atendido cotista da modalidade L2⁷⁹ e beneficiário do PAD, na modalidade auxílio-transporte, ou seja, de baixa renda e que necessita de apoio financeiro para o traslado até a instituição), sugere-se a ampliação do número de vagas para a residência estudantil da UFAPE no sentido de aumentar a cobertura a esses estudantes, os quais são os que mais buscam atendimento psíquico na instituição assim também como os que têm mais dificuldades de acesso e permanência nas IFES e maior risco de abandono do curso.

- Uma vez que as maiores queixas psicológicas apresentadas estiveram relacionadas à vivência universitária, promover uma maior aproximação entre a própria gestão da UFAPE, servidores (técnicos e professores) envolvidos com os cursos de graduação, equipe técnica da Assistência Estudantil, demais setores de apoio ao estudante, contando com representação estudantil, com a finalidade de construção de estratégias coletivas para melhoria da saúde mental discente - e também entre servidores, os quais fazem parte da vivência universitária do graduando.
- Segundo Almeida (2018), a relação professor-estudante pode interferir no sofrimento emocional. Nesse sentido, propor o desenvolvimento de curso de formação complementar, pela equipe técnica da Assistência Estudantil/UFAPE, direcionado a todos os docentes da instituição com vistas a trazer, ao conhecimento da categoria, quem é o estudante assistido pelos programas da Assistência Estudantil (por parte das Assistentes Sociais), bem como o graduando que busca atendimento psicológico na instituição (por parte do Psicólogo), promovendo, posteriormente, reflexões que possam aprimorar a relação professor-aluno, melhoria no processo de ensino-aprendizagem e, impactando, direta e positivamente, na vivência universitária, tanto do estudante quanto do professor.
- Tendo em vista que 39,9% dos discentes das IFES não praticam atividade física (FONAPRACE, 2018), sugerir, sem esquecer de oferecer as condições estruturais, materiais e humanas adequadas para as ações, através de concurso público, a nomeação de profissional de educação física junto à equipe técnica da Assistência Estudantil/UFAPE, no sentido de promover a atividade física no espaço universitário bem como o estabelecimento de parceria com o município de Garanhuns, por meio da

⁷⁹Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública (UFRPE, 2020).

Secretaria de Esportes, promovendo atividades físicas no espaço universitário. Tais medidas têm a finalidade de promover tanto a saúde física quanto mental dos estudantes universitários da UFAPE, impactando, positivamente, no rendimento acadêmico dos mesmos bem como na melhoria da qualidade de vida no ambiente acadêmico.

- Sugestão para que se promova, por parte da universidade ou mesmo através de convênios, parcerias com a prefeitura do município de Garanhuns: atividades culturais, artísticas e de lazer, contando com a participação dos estudantes como também de toda comunidade universitária, enquanto ações preventivas em saúde mental.
- Considerando que 83,8% dos graduandos no Ceará consideraram totalmente necessário atendimento psicológico aos estudantes no ensino superior (OLIVEIRA *et al.*, 2019), bem como a UFAPE ter apenas 1 psicólogo para o total de discentes na instituição (1.947 em 2019.2⁸⁰), sugerir, através de concurso público, a ampliação do quadro de psicólogos para atuação não só na Assistência Estudantil, mas também junto às coordenações de curso, gestão de pessoas, setor de acessibilidade, setor pedagógico, núcleo de saúde (para atendimento aos servidores), entre outros, com vistas a fortalecer os setores de apoio ao estudante impactando, positivamente, na vivência universitária do estudante.
- Apoio na formalização de parcerias junto aos cursos de graduação em psicologia de Garanhuns no sentido de encaminhamento de estudantes atendidos da UFAPE, que necessitem de tratamento psicoterápico, para clínicas-escola bem como articulações de ações entre as instituições.
- Sugerir a oferta de cursos de nivelamento aos discentes dos primeiros períodos das graduações da UFAPE, tendo como participantes as coordenações de curso com o apoio do setor pedagógico e demais possíveis parceiros, realizando, inicialmente, avaliações prévias junto aos discentes com a finalidade de identificar quais as limitações e potencialidades do estudante ingressante em face do conhecimento exigido para o início da graduação.
- Sugerir a oferta de cursos, contando com a participação de professores, setor pedagógico, assistência estudantil e demais possíveis parceiros, com as seguintes temáticas: planejamento de estudos; apresentação de seminários; técnicas de aprendizagem; cuidados com a saúde mental, entre outros.

⁸⁰Setor da Escolaridade da UFAPE, responsável pelas matrículas dos discentes na antiga UFRPE/UAG. Número de alunos matriculados, no período 2019.2.

Outra sugestão, não direcionada, inicialmente à gestão da UFAPE, mas, posteriormente, e que pode implicar em melhorias nos níveis de saúde mental dos discentes e na ampliação da assistência psicológica nas IFES:

- Considerando que o adoecimento mental perpassa não só na graduação, mas também na pós-graduação (COSTA; NEBEL, 2018), propor, sem esquecer do aumento proporcional do número de psicólogos⁸¹, durante os encontros realizados pelo FONAPRACE, o aprimoramento do Decreto 7.234/2010, relativo ao PNAES, no sentido de ampliar a oferta de bolsas e ações ofertadas (como a assistência psicológica) aos discentes da pós-graduação, no sentido de poder atender também ao público estudantil da pós-graduação.

Assim, espera-se que este trabalho possa servir de instrumento para ampliação do conhecimento sobre o estudante da UFAPE através do perfil do estudante atendido pelo psicólogo na COGESTI/UFAPE, promovendo a elaboração de estratégias que visem à melhoria da vivência universitária.

Nesse contexto, referente à trajetória acadêmica e o papel do gestor público frente a mesma, Saraiva e Quixadá (2010) mencionam que

as dificuldades não podem ser negadas, e os desafios também. Aprendemos também que é preciso um olhar mais sistêmico sobre a vida universitária e seus dramas. Restamos agora o peso da responsabilidade que vem com o conhecimento adquirido. Assumi-lo ou não é uma questão de compromisso ético que cabe a cada um refletir e decidir (p. 5).

Ademais, que esta pesquisa seja utilizada enquanto ferramenta de estudo para outras IFES, servindo como estímulo para novas pesquisas relacionadas ao tema, essencialmente, por parte de psicólogos que atuam nas universidades e institutos federais.

⁸¹contando, para esta última, com o apoio da gestão da UFAPE.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. Saúde Mental de estudantes universitários: relatando experiências no campo da práxis. *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (org.). **Práticas em psicologia escolar**: do ensino técnico ao superior. v. 5. Teresina: EDUFPI, 2018.

ANSOLIN, A. G. A. *et al.* Prevalência de transtorno mental comum entre estudantes de psicologia e enfermagem. **Arquivos de Ciências Saúde**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 42-45, jul./set., 2015. Disponível em:

<http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/83/103>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ARAÚJO, E. P.; NASCIMENTO, I. M. C. Promoção do aprender a aprender no ensino superior: um caminho para o sucesso acadêmico. *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (org.). **Práticas em psicologia escolar**: do ensino técnico ao superior. v. 1. Teresina: EDUFPI, 2017.

ARAÚJO, N. M. **As relações de poder que se configuram na execução dos processos de compras**: o caso da Unidade Acadêmica de Garanhuns e os demais agentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32842>. Acesso em: 03 nov. 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005**. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010. Institui e regulamenta o Sistema de Seleção Unificada, sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação, para seleção de candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior dele participantes. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, n. 18, p. 80, 2010a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=80&data=27/01/2010>. Acesso em: 19 out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 17 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: Presidência da República, 2010b. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192. Acesso em: 09 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de Dezembro de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113409.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.651, de 11 de Abril de 2018**. Cria a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), por desmembramento da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e cria a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape), por desmembramento da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Brasília: Presidência da República, 2018a. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13651.htm. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Bolsa Permanência**: Apresentação. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-bolsa-permanencia>. Acesso em: 26 out. de 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília: INEP, 2019a. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 19 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 9.660, de 1 de Janeiro de 2019**. Dispõe sobre a vinculação das entidades da administração pública federal indireta. Brasília: Presidência da República, 2019b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9660.htm. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL. Portaria nº 2.118, de 10 de Dezembro de 2019. [Designa Airon Aparecido Silva de Melo para exercer o cargo de Reitor *Pro Tempore* da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – Ufape]. **Diário Oficial da União**: Seção 2, Brasília, DF, n. 239, p. 19, 2019c. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=529&pagina=19&data=11/12/2019>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **SISU - Sistema de Seleção Unificada: O que é?** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://sisu.mec.gov.br/###oquee>. Acesso em: 02 set. 20.

CERCHIARI, E. A. N. *et al.* Utilização do Serviço de Saúde Mental em uma universidade pública. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 252-265, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

CFP. **Resolução nº 6, de 29 de Março de 2019**. Institui regras para a elaboração de documentos escritos produzidos pela(o) psicóloga(o) no exercício profissional e revoga a Resolução CFP nº 15/1996, a Resolução CFP nº 07/2003 e a Resolução CFP nº 04/2019. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-6-2019-institui-regras-para-a-elaboracao-de-documentos-escritos-produzidos-pela-o-psicologa-o-no-exercicio-profissional-e-revoga-a-resolucao-cfp-no-15-1996-a-resolucao-cfp-no-07-2003-e-a-resolucao-cfp-no-04-2019?q=006/2019>. Acesso em: 02 nov. 2020

CNS. **Resolução nº 287 de 08 de Outubro de 1998**. Relaciona 14 (quatorze) categorias profissionais de saúde de nível superior para fins de atuação no CNS: assistentes sociais, biólogos, biomédicos, profissionais de educação física, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas; fonoaudiólogos, médicos, médicos veterinários, nutricionistas, odontólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 1998. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_98.htm. Acesso em: 14 nov. 2020.

CORDEIRO, W. M. **As interações entre contexto e universidade**: estudo da unidade acadêmica de uma universidade pública federal. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32286>. Acesso em: 03 nov. 2020.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, ago. 2018. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682018000200207&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 03 nov. 2020.

DALLAGNOL, C. **Emoções, educação superior e processo de ensino e de aprendizagem**: uma análise dos enunciados de estudantes de um campus universitário do interior do Paraná. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4150>. Acesso em: 03 nov. 2020.

FARO, A. Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

FIGUEIREDO, R. M.; OLIVEIRA, M. A. P. Necessidades de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 5-18, jan. 1995. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691995000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

FILHO, I. C. S. **A Inserção de uma Instituição Federal de Ensino Superior em uma Cidade do Sertão Pernambucano – Serra Talhada**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6225>. Acesso em: 03 nov. 2020.

FONAPRACE. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Uberlândia: ANDIFES, 2016. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES_2014.pdf. Acesso em: 16 set. 2020.

FONAPRACE. **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Brasília: ANDIFES, 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

GALINDO, A. K. F. **O impacto da Assistência Estudantil na permanência dos estudantes no Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE)**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33085>. Acesso em: 03 nov. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Recife**. [S. l.]: Google Maps, 2020a, 1 mapa, color. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Recife,+PE/@-8.468406,-36.2493833,9z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-8.8828551!1m5!1m1!1s0x7ab196f94e5408b:0xe5800ef782bde3a6!2m2!1d-34.8828969!2d-8.0578381?hl=pt-BR>. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Pesqueira**. [S. l.]: Google Maps, 2020b, 1 mapa, color. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Pesqueira,+PE/@-8.6143576,-36.8831021,10z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-8.8828551!1m5!1m1!1s0x7a8317d64a502bf:0x150ea15b486376f!2m2!1d-36.6981139!2d-8.3583909?hl=pt-BR>. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Belo Jardim**. [S. l.]: Google Maps, 2020c, 1 mapa, color. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Belo+Jardim,+PE/@-8.6038177,-36.7901327,10z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d->

8.8828551!1m5!1m1!1s0x7a9c630b107c277:0x96ecd9f784423aec!2m2!1d-36.4235973!2d-8.3357786?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e São Paulo.** [S. l.]: Google Maps, 2020d, 1 mapa, color. Disponível em:

[https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/S%C3%A3o+Paulo,+SP/@-](https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/S%C3%A3o+Paulo,+SP/@-15.7138699,-)

51.0533377,5z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-

8.8828551!1m5!1m1!1s0x94ce448183a461d1:0x9ba94b08ff335bae!2m2!1d-46.6333094!2d-23.5505199?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Caetés.** [S. l.]: Google Maps, 2020e, 1 mapa, color. Disponível em:

[https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Caet%C3%AAs,+PE/@-](https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Caet%C3%AAs,+PE/@-8.8289521,-)

36.630667,12z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-

8.8828551!1m5!1m1!1s0x7079de48960c2f7:0xa4aa0026e6e32497!2m2!1d-36.6251755!2d-8.7752878?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Bom Conselho.** [S. l.]: Google Maps, 2020f, 1 mapa, color. Disponível em:

[https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Bom+Conselho,+PE/@-](https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Bom+Conselho,+PE/@-9.0204164,-)

36.7386606,11z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-

8.8828551!1m5!1m1!1s0x70654859417439f:0x405f42ce33176e65!2m2!1d-36.6851191!2d-9.1699114?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Lajedo.** [S. l.]: Google Maps, 2020g, 1 mapa, color. Disponível em:

[8.8828551!1m5!1m1!1s0x70761498c587ce5:0xaa96a04f64608097!2m2!1d-36.3238574!2d-8.6569186?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.](https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Lajedo,+PE/@-8.588237,-36.5227389,10z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-</p>
</div>
<div data-bbox=)

GOOGLE MAPS. **Mapa de distância entre Garanhuns e Lagoa do Ouro.** [S. l.]: Google Maps, 2020h, 1 mapa, color. Disponível em:

[https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Lagoa+do+Ouro,+PE/@-](https://www.google.com.br/maps/dir/Garanhuns,+Pernambuco/Lagoa+do+Ouro,+PE/@-9.0044424,-)

36.5888462,11z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x7070ce9b301ca65:0x8e6141e4b9b7632d!2m2!1d-36.4969127!2d-

8.8828551!1m5!1m1!1s0x707031f3e7d6559:0x66be151010f36dc1!2m2!1d-36.4587025!2d-9.126091?hl=pt-BR. Acesso em: 30 nov. 2020.

IBGE. **Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

MACEDO, J. C. Um estudo sobre as possíveis causas que influenciam na retenção e evasão dos estudantes beneficiados pela assistência estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO*, 28., 2017, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...]. João Pessoa: ANPAE, 2017. p. 1451-1461. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/XXVIISIMPOSIO/publicacao/AnaisXXVIISimposio2017.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MACEDO, J. C. *et al.* **Evasão e retenção na assistência estudantil da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE**. Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão. Recife: EDUFRPE, 2020.

MACHADO, J. P.; PAN, M. A. G. S. Política Pública e Subjetividade: a assistência estudantil na universidade. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 184-198, ago. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/15929>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MALAGRIS, L. E. N. *et al.* Níveis de estresse e características sociobiográficas de alunos de pós-graduação. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 184-203, ago. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Inovações em Psicologia Escolar: o contexto da educação superior. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 2, p. 199-211, abr./jun. 2016. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200199&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

MEDEIROS, M. W. A. A interiorização das universidades federais: desafios e potencialidades da psicologia escolar em novos contextos. *In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (org.). Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior*. v. 4. Teresina: EDUFPI, 2017.

MELO, R. A. *et al.* Transtornos mentais comuns em estudantes de administração de uma universidade pública no agreste pernambucano. **Journal of Perspectives in Management – JPM**, [s. l.], v. 4, p. 34-51, jan./dez. 2020.

MILLAN, L. R.; ARRUDA, P. C. V. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 90-94, fev. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302008000100027&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

MOURA, F. R.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 503-514, dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000300503&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 237-244, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000400001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

NOGUEIRA, C. M. M. *et al.* Promessas e Limites: o SISU e sua implementação na Universidade Federal de Minas Gerais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, n. 2, p. 61-90, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-e161036.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

OLIVEIRA, M. G. S. *et al.* Qualidade de vida e sofrimento psíquico de universitários no Ceará. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62335>. Acesso em: 16 set. 2020

OSSE, C. M. C. **Saúde Mental de Universitários e Serviços de Assistência Estudantil: Estudo Multiaxial em uma Universidade Brasileira**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14733>. Acesso em: 03 nov. 2020

PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 02-10, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v10n1/v10n1a02.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

PAULA, M. F. C. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. **Avaliação: Revista de Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 301-315, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v22n2/1982-5765-aval-22-02-00301.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

PERES, R. S. *et al.* Perfil da clientela de um programa de pronto-atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 47-54, abr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

PINHO, R. Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicologia, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, v. 6, n. 1, p. 114-130, maio 2016. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262016000100006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

PORTO, M. A Intervenção em Psicologia em uma Universidade na Amazônia Sul Ocidental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 897-908, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400897&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

PRESTES, E. M. T.; JEZINE, E.; SCOCUGLIA, A. C. Democratização do Ensino Superior Brasileiro: o caso da Universidade Federal da Paraíba. **Revista Lusófona de Educação**,

Lisboa, n. 21, p. 199-218, 2012. Disponível em:
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

PROGESTI. Pesquisa de satisfação dos usuários dos Programas de Assistência Estudantil da Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão – PROGESTI. 1. ed. Recife: EDUFRPE, 2019.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação:** Revista de Avaliação da Educação Superior (Campinas), Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000300010&lng=en&nrm=iso Acesso em: 03 nov. 2020.

ROSENBERG, R. L. (org.). **Temas Básicos de Psicologia: Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa.** 2. ed. v. 21. São Paulo: EPU, 2001.

SANTANA, A. C. *et al.* Psicologia Escolar e educação superior: possibilidades de atuação profissional. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 229-237, ago. 2014. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000200229&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

SANTOS, A. L. *et al.* Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no ensino superior: reflexões sobre práticas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 515-524, dez. 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300515&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

SARAIVA, A. M.; QUIXADÁ, L. M. Realização, Sofrimento, Saúde e Adoecimento: algumas reflexões sobre o estudante e sua trajetória universitária. *In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES PARA UMA EDUCAÇÃO DO PRESENTE*, 2010, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2010.

SILVA, M. G. M.; VELOSO, T. C. M. A. Acesso nas políticas da educação superior: dimensões e indicadores em questão. **Avaliação:** Revista de Avaliação da Educação Superior (Campinas), Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 727-747, nov. 2013. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

SOUZA, M. E. J. **Uma análise da eficácia e da efetividade dos cursos das ciências Agrárias da Unidade Acadêmica de Garanhuns para o desenvolvimento do Agreste Meridional de Pernambuco.** 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em:
http://profiap.ufrpe.br/sites/profiap.ufrpe.br/files/documentos/uma_analise_da_eficacia_e_da_efetividade_dos_cursos_das_ciencias_agrarias_da_unidade_academica_de_garanhuns_para_o_desenvolvimento_do_agreste_meridional_de_pernambuco.pdf. Acesso em: 03 nov. 2020.

TREVISOL, J. V.; NIEROTKA, R. S. Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 22-32, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802016000100022&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 nov. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução nº 44/2005**. Aprova criação da Unidade Acadêmica de Garanhuns e da Proposta dos Cursos que serão oferecidos. Recife: Conselho Universitário, 2005.

UFRPE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 204/2015**. Estabelece normas para criação do Programa de Incentivo à Cultura, para concessão da “Bolsa Coral Universitário”, visando atender aos discentes de graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015. Disponível em: http://www.seg.ufrpe.br/sites/seg.ufrpe.br/files/resolucoes/recepe204.2015_bolsa_coral_universitario.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

UFRPE. **UFRPE abre inscrições para cursos de graduação pelo SiSU 2016 de 11 a 14/01**. Recife, 2016. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/ufrpe-abre-inscri%C3%A7%C3%B5es-para-cursos-de-gradua%C3%A7%C3%A3o-pelo-sisu-2016-de-11-1401>. Acesso em: 12 nov. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução nº 023/2017**. Aprovar novas normas para concessão de Bolsa do Programa de Apoio ao Ingressante (PAI) nos Cursos de Graduação presenciais da UFRPE. Recife: Conselho Universitário, 2017. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/Resolucao-023-2017.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

UFRPE. **UFRPE celebra nesta quarta 13 anos de criação da Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG)**. Recife, 2018a. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/ufrpe-celebra-nesta-quarta-13-anos-de-cria%C3%A7%C3%A3o-da-unidade-acad%C3%AAmica-de-garanhuns-uag>. Acesso em: 27 ago. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução nº 119/2018**. Aprova reformulação na Resolução nº 112/2014 do CONSU, no que concerne as normas do Programa de Apoio à Gestante da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão da UFRPE. Recife: Conselho Universitário, 2018b. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20PAG.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

UFRPE. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 310/2018**. Aprova Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Engenharia de Alimentos, da Unidade Acadêmica de Garanhuns desta Universidade. Recife: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2018c. Disponível em: http://www.seg.ufrpe.br/sites/seg.ufrpe.br/files/resolucoes/recepe310.2018_projeto_pedagogico_.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução nº 005/2018**. Aprova alteração nas normas para concessão da Ajuda de Custo para discentes residentes, dentro do Programa de “VOLTA AO LAR” da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: Conselho Universitário, 2018d. Disponível em:

<http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/RES%20005.2018%20%20VO%20LTA%20AO%20LAR.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução n° 140/2018**. Define normas para concessão de Auxílio de Atenção à Saúde para discentes de Graduação presencial da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife: Conselho Universitário, 2018e. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/resolu%C3%A7%C3%A3o%20140-2018.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução n° 187/2019**. Aprova novas normas para concessão do Auxílio Manutenção a discentes matriculados na graduação e residentes nesta Universidade Federal Rural de Pernambuco e dá outras providências. Recife: Conselho Universitário, 2019a. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20187.2019%20%20%20CONCESS%C3%83O%20DE%20AUXILIO%20MANUTEN%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução n° 189/2019**. Aprova novas normas para o Programa de Promoção ao Esporte, através da concessão de Auxílio Atleta para discentes de cursos de graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco e dá outras providências. Recife: Conselho Universitário, 2019b. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20189.2019%20%20ALTERA%20RESOL.%20109.2019%20PROGRAMA%20DE%20PROMO%C3%87%C3%83O%20AO%20ESPORTE.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução n° 190/2019**. Aprova novas normas para o Programa de Apoio ao Discente - PAD da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal Rural de Pernambuco e dá outras providências. Recife: Conselho Universitário, 2019c. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/RESOLU%C3%87%C3%83O%20190.2019%20%20NORMAS%20CONCESS%C3%83O%20DO%20PROG.%20DE%20APOIO%20AS%20DISCENTE%20%20PAD.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

UFRPE. Conselho Universitário. **Resolução n° 139/2019**. Define novas normas para concessão de ajuda de custo para discentes de Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife: Conselho Universitário, 2019d. Disponível em: <http://www.progesti.ufrpe.br/sites/www.progesti.ufrpe.br/files/RES%20139-2019.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

UFRPE. **UFRPE divulga Calendário Acadêmico Unificado 2019**. Recife, 2019e. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/ufrpe-divulga-calend%C3%A1rio-acad%C3%A1mico-unificado-2019>. Acesso em: 12 nov. 2020.

UFRPE. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. **Edital n° 005/2020 de 20 de Janeiro de 2020**. Processo seletivo Graduação Presencial 1° e 2° semestres de 2020 da Sede, UAG, UAST, UACSA e UABJ. Recife: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, 2020. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/Edital%20SISU%20chamada%20%20C3%BAnica%202020%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

UFAPE. **História**. Garanhuns, 2020a. Disponível em: <http://ufape.edu.br/br/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 28 ago. 2020.

UFAPE. **Cursos de Mestrado e Doutorado**. Garanhuns, 2020b. Disponível em: <http://ufape.edu.br/br/pos-graduacao>. Acesso em: 28 ago. 2020.

ZATTI, F.; BIASUS, F. Um olhar para as experiências de formação de estudantes de cursos superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim. *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (org.). **Práticas em psicologia escolar**: do ensino técnico ao superior. v. 5. Teresina: EDUFPI, 2018.

APÊNDICE A – MODELO DE PLANILHA DE DADOS DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

Ano de atendimento	Sexo	Cotista	Se sim, qual tipo de cota	Número de atendimentos	Mês dos atendimentos	Idade	Naturalidade	UF de nascimento	Cidade onde mora	Mora na residência universitária	Período	Curso	Recebe bolsa estudantil

Se sim, qual tipo de bolsa estudantil	Origem da demanda	Histórico de acompanhamento em saúde mental	Tipo de acompanhamento realizado	Queixas psicológicas apresentadas	Tipos de encaminhamento	Solicitação de retorno	Locais de encaminhamento	Finalidade dos encaminhamentos

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFAPÉ / Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE B – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM
ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA
ESTUDANTIL/UFAPÉ – POR NATURALIDADE**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Aracajú	2	0,6	0,6	0,6
	Afogados da Ingazeira	1	0,3	0,3	0,8
	Agrestina	1	0,3	0,3	1,1
	Águas Belas	8	2,2	2,2	3,3
	Alagoinha	2	0,6	0,6	3,9
	Altinho	1	0,3	0,3	4,2
	Angelim	1	0,3	0,3	4,4
	Arcoverde	10	2,8	2,8	7,2
	Barra de Guabiraba	1	0,3	0,3	7,5
	Belo Horizonte	1	0,3	0,3	7,8
	Belo Jardim	17	4,7	4,7	12,5
	Bezerros	1	0,3	0,3	12,7
	Bom Conselho	11	3,0	3,0	15,8
	Bonito	1	0,3	0,3	16,1
	Branquinha	1	0,3	0,3	16,3
	Brejão	4	1,1	1,1	17,5
	Buíque	3	0,8	0,8	18,3
	Cabo de Santo Agostinho	6	1,7	1,7	19,9
	Cachoeirinha	2	0,6	0,6	20,5
	Caetés	8	2,2	2,2	22,7
	Calçado	1	0,3	0,3	23,0
	Campina Grande	1	0,3	0,3	23,3
	Canhotinho	4	1,1	1,1	24,4
	Capoeiras	2	0,6	0,6	24,9
	Caruaru	8	2,2	2,2	27,1
	Catende	1	0,3	0,3	27,4
	Curitiba	1	0,3	0,3	27,7
	Custódia	1	0,3	0,3	28,0
	Disterro	1	0,3	0,3	28,3
	Garanhuns	99	27,3	27,4	55,7
	Gravatá	4	1,1	1,1	56,8
	Iati	1	0,3	0,3	57,1
	Ipojuca	1	0,3	0,3	57,3
	Itaíba	5	1,4	1,4	58,7
	Jucati	3	0,8	0,8	59,6
	Jupi	1	0,3	0,3	59,8
	Lagoa do Ouro	3	0,8	0,8	60,7
	Lagoa dos Gatos	2	0,6	0,6	61,2
	Lajedo	3	0,8	0,8	62,0
	Limoeiro	3	0,8	0,8	62,9
Monteiro	1	0,3	0,3	63,2	
Natal	3	0,8	0,8	64,0	
Olinda	1	0,3	0,3	64,3	
Osasco	1	0,3	0,3	64,5	
Palmares	7	1,9	1,9	66,5	
Palmeira dos Índios	2	0,6	0,6	67,0	
Palmeirina	1	0,3	0,3	67,3	

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa	
Válido	Panelas	2	0,6	0,6	67,9
	Passira	1	0,3	0,3	68,1
	Paulista	1	0,3	0,3	68,4
	Paulo Afonso	1	0,3	0,3	68,7
	Pedra Branca	1	0,3	0,3	69,0
	Pesqueira	19	5,2	5,3	74,2
	Petrolândia	2	0,6	0,6	74,8
	Petrolina	1	0,3	0,3	75,1
	Porção	1	0,3	0,3	75,3
	Porto Feliz	1	0,3	0,3	75,6
	Porto Velho	1	0,3	0,3	75,9
	Princesa Isabel	1	0,3	0,3	76,2
	Quebrangulo	1	0,3	0,3	76,5
	Quipapá	1	0,3	0,3	76,7
	Recife	22	6,1	6,1	82,8
	Rio de Janeiro	4	1,1	1,1	83,9
	Rio Formoso	1	0,3	0,3	84,2
	Sairé	1	0,3	0,3	84,5
	Salgadinho	1	0,3	0,3	84,8
	Saloá	4	1,1	1,1	85,9
	Salvador	4	1,1	1,1	87,0
	Sanharó	2	0,6	0,6	87,5
	Santo André	1	0,3	0,3	87,8
	Santos	1	0,3	0,3	88,1
	São Bento do Una	3	0,8	0,8	88,9
	São Bernardo do Campo	1	0,3	0,3	89,2
	São Caetano do Sul	1	0,3	0,3	89,5
	São João	9	2,5	2,5	92,0
	São Joaquim do Monte	2	0,6	0,6	92,5
	São Paulo	17	4,7	4,7	97,2
Tabira	1	0,3	0,3	97,5	
Taquaritinga do Norte	3	0,8	0,8	98,3	
Vicência	1	0,3	0,3	98,6	
Vila Velha	3	0,8	0,8	99,4	
Vitória de Santo Antão	2	0,6	0,6	100,0	
Total	361	99,7	100,0		
Omisso	Sistema	1	0,3		
Total		362	100,0		

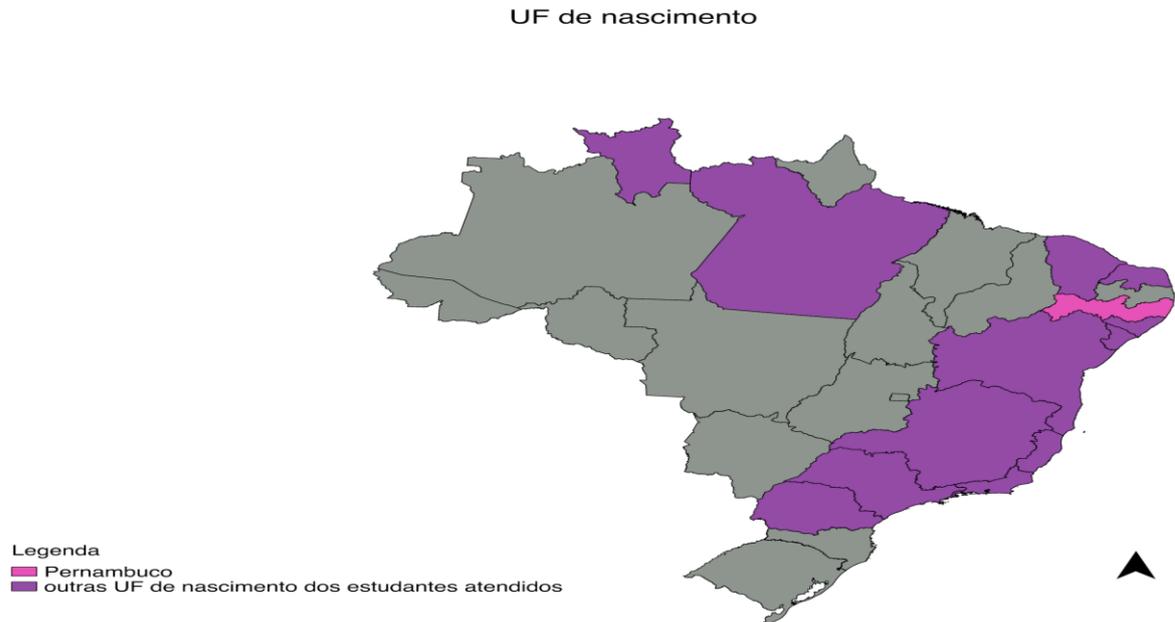
Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/ UFAPE/
Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE C – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM
ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA
ESTUDANTIL/UFPE – POR UF DE NATURALIDADE**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	AL	4	1,1	1,1	1,1
	BA	5	1,4	1,4	2,5
	CE	2	0,6	0,6	3,0
	ES	3	0,8	0,8	3,9
	MG	1	0,3	0,3	4,2
	PA	4	1,1	1,1	5,3
	PR	1	0,3	0,3	5,5
	PE	309	85,4	85,6	91,1
	RJ	4	1,1	1,1	92,2
	RN	3	0,8	0,8	93,1
	RO	1	0,3	0,3	93,4
	SP	23	6,4	6,4	99,7
	SE	1	0,3	0,3	100,0
	Total	361	99,7	100,0	
Omisso	Sistema	1	0,3		
Total		362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE D – MAPA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM
ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA
ESTUDANTIL/UFPE – POR UF DE NATURALIDADE**



Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

**APÊNDICE E – TABELA REFERENTE AOS ESTUDANTES QUE REALIZARAM
ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS ENTRE 2016 E 2019 / ASSISTÊNCIA
ESTUDANTIL/UFPE – POR CIDADE ONDE MORA**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Águas Belas	3	0,8	0,8	0,8
	Angelim	3	0,8	0,8	1,7
	Bom Conselho	8	2,2	2,2	3,9
	Brejão	3	0,8	0,8	4,7
	Cachoeirinha	1	0,3	0,3	5,0
	Caetés	10	2,8	2,8	7,8
	Canhotinho	3	0,8	0,8	8,6
	Capoeiras	5	1,4	1,4	10,0
	Correntes	2	0,6	0,6	10,6
	Garanhuns	280	77,3	77,8	88,3
	Iati	2	0,6	0,6	88,9
	Jucati	3	0,8	0,8	89,7
	Jupi	2	0,6	0,6	90,3
	Jurema	1	0,3	0,3	90,6
	Lagoa do Ouro	7	1,9	1,9	92,5
	Lajedo	8	2,2	2,2	94,7
	Palmeirina	2	0,6	0,6	95,3
	Panelas	1	0,3	0,3	95,6
	Paranatama	1	0,3	0,3	95,8
	Quipapá	2	0,6	0,6	96,4
	Saloá	1	0,3	0,3	96,7
	São Bento do Una	4	1,1	1,1	97,8
	São João	5	1,4	1,4	99,2
Terezinha	2	0,6	0,6	99,7	
Venturosa	1	0,3	0,3	100,0	
	Total	360	99,4	100,0	
Omisso	99	2	0,6		
	Total	362	100,0		

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE /
Elaborado pelo autor.

APÊNDICE F – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES - QUEIXAS PSICOLÓGICAS APRESENTADAS

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	AGRUPAMENTO DA CATEGORIA
Feedback ou curiosidade	Quando o estudante deu o retorno sobre a sua tomada de decisão referente a desistência do curso; retorno quanto ao êxito em disciplina retida, para o aluno acompanhamento pela COAA; ou somente procurou o atendimento psicológico por curiosidade.	Desistência do curso; Êxito quanto a disciplina retida; Curiosidade
Queixas relacionadas a vivência universitária	Implicações ao estudante, a partir do ingresso e permanência na universidade, relações interpessoais e relação com o curso	Relacionamento acadêmico entre estudantes; Relacionamento acadêmico entre professor-aluno; Problemas em Residência Universitária; Problemas em república de estudantes; Distanciamento familiar; Problema com a universidade; Histórico de reprovações; Indecisão Profissional; Escolha do curso; Dificuldades para finalizar o curso; Dificuldades com aprendizagem; Relacionamento afetivo
Queixas relacionadas a dificuldades socioeconômicas	Problemas de origem econômica, transporte, trabalho e religião	Dificuldades financeiras; Problemas com transporte; Problemas no trabalho; Problemas com religião
Queixas relacionadas a dinâmica de violência	Quando o estudante foi vítima ou presenciou situação de violência, antes ou durante o curso de graduação	Violência doméstica (durante a graduação); Violência doméstica na infância e/ou adolescência; Violência sexual na infância e/ou adolescência; Violência sexual (durante a graduação); <i>Bullying</i> na infância e/ou adolescência; Violência racial
Queixas relacionadas a saúde mental do estudante	Demandas de origem psíquica	Surto Psicótico, Tentativa de suicídio, Timidez, Tristeza, Pânico, Pensamentos suicidas; Dificuldades para dormir; Dificuldades para se alimentar/com alimentação, Desmotivação; Auto cobrança; Ansiedade; Experiência traumática; Rotina de trabalho e graduação; Uso abusivo de álcool; Uso abusivo de drogas ilícitas
Queixas relacionadas a saúde física do estudante	Demandas de origem física	Problema de saúde (físico)
Queixas relacionadas a familiares	Problemas de saúde de membro familiar; falecimento de ente familiar; conflitos, vínculos fragilizados e/ou rompidos no âmbito familiar, não chegando a uma dinâmica de violência.	Problemas de saúde em pessoa da família; Perda familiar; Problemas familiares

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor

APÊNDICE G – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES – LOCAIS DE ENCAMINHAMENTO

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	AGRUPAMENTO DA CATEGORIA
Centros municipais de referência em Saúde Mental	-	Centro de Atenção Psicossocial das Flores (CAPS/Flores) ou Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPSad), para os estudantes que residem em Garanhuns/PE; ou Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade do estudante, para os que residem nas cidades circunvizinhas.
Instâncias de gestão da universidade	-	Pró-reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PROGESTI/UFRPE); Direção Geral da antiga UFRPE/UAG; Direção Administrativa da antiga UFRPE/UAG; Coordenação Geral de cursos; Coordenações de curso; e Coordenação da COGESTI/UFPE.
Setores técnicos de apoio ao estudante	-	Setor do Serviço Social; Setor Pedagógico; Setor médico
Órgãos de enfrentamento a violência	-	Delegacia de Polícia; Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS); Secretaria da Mulher.
Serviço de Atenção Psicológica da Universidade de Pernambuco (SAP/UPE)	-	Clínica-Escola do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco/Campus Garanhuns

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

APÊNDICE H – DETALHAMENTO DAS CATEGORIZAÇÕES – FINALIDADE DOS ENCAMINHAMENTOS

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	AGRUPAMENTO DA CATEGORIA
Término do acompanhamento	Quando não existe mais a necessidade do acompanhamento psicológico	Transferência do curso para outra universidade; Comunicação pela desistência do curso; Curiosidade
Necessidade de novo atendimento	Quando existe a necessidade de um novo atendimento psicológico	Necessidade de novo atendimento
Acompanhamento psiquiátrico	Quando necessário acompanhamento psiquiátrico, por parte do estudante, na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Garanhuns bem como Orientação, ao estudante, para procurar acompanhamento psiquiátrico na referida rede de sua cidade.	Acompanhamento Psiquiátrico; Orientação para acompanhamento psiquiátrico
Orientações para tratamento de saúde de membro familiar	Quando necessário, ao estudante, que busque assistência em saúde para membro familiar em Garanhuns ou na sua respectiva cidade.	Orientações para tratamento de saúde de membro familiar
Emissão de Documentos Psicológicos	Quando necessário a emissão de Parecer psicológico ou Relatório psicológico (CFP, 2019)	Emissão de Relatório Psicológico; Emissão de Parecer Psicológico
Acompanhamento psicoterápico	Quando necessário acompanhamento psicoterápico, por parte do estudante	Acompanhamento psicoterápico
Orientações para procurar os órgãos de enfrentamento a violência	Quanto necessário que o estudante busque os órgãos de enfrentamento a violência	Orientações para procurar os órgãos de enfrentamento a violência
Planejamento de estudos	Quando necessário suporte relativo ao planejamento de estudos	Planejamento de estudos
Outros encaminhamentos	Casos raros	Reunião com responsáveis pelo discente e Direção geral; Orientações ao responsável pela necessidade do acompanhamento psiquiátrico ao discente (menor de idade); Orientação para retomada de tratamentos psiquiátrico e psicológico; Demanda administrativa; Orientações para o acesso de medicações controladas pelo Sistema Único de Saúde (SUS); Orientações para o acompanhamento familiar; Orientações para tratamento de saúde

Fonte: Registros dos atendimentos psicológicos entre 2016 e 2019 / Assistência Estudantil/UFPE / Elaborado pelo autor.

ANEXO A - LEGENDA DE AÇÕES AFIRMATIVAS

GRUPO	
L1	Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
L2	Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública.
L5	Candidatos que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
L6	Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
L9	Candidatos com deficiência que tenha renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
L10	Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública.
L13	Candidatos com deficiência que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
L14	Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Fonte: UFRPE, 2020.